

REVISTA DA SEMANA

CRS 3,00 EM TODO O BRASIL

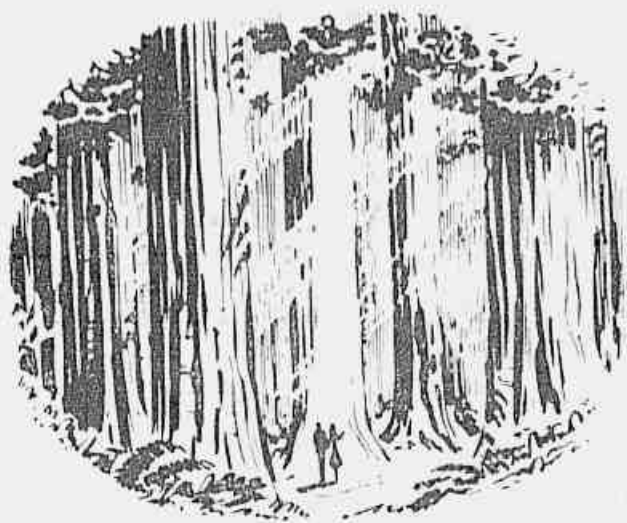
N.º 16 — 16-4-49



NESTE NÚMERO

SUGESTÕES
PARA NOIVAS





As gigantescas sequoias, árvores milenárias, existentes no Sequoia National Park, são uma das principais atrações turísticas da Califórnia.



Os amenos e pitorescos recantos lacustres e montanhese oferecem aos forasteiros grande variedade de atividades sportivas.



Há muitos campos de golf em todo o país. Os torneios atraem milhares de adeptos deste popular sport.



Nas grandes cidades dos Estados Unidos, os turistas podem gozar das mil atrações da vida cosmopolita. Todavia, mesmo na maior delas, New York, V. S. encontrará também distrações ou atividades culturais. Os panoramas interessantes e o povo amigo são mais uma certeza de que V. S. gozará esplêndidas férias de verão.

O verão nos ESTADOS UNIDOS

oferece muitos aspectos agradáveis. Especialmente se V. S. viajar pelos Clippers da Pan American — rápidos, confortáveis e regulares. A PAA conduzirá V.S. com luxo e rapidez a qualquer dos 8 principais portos de entrada dos Estados Unidos. Daí, por meio de cómodas conexões, V.S. poderá chegar a qualquer cidade que pretenda visitar. As agências de turismo ou o mais próximo escritório da PAA terão prazer em preparar todos os detalhes da viagem.



Veja com seus próprios olhos. Viaje de Clipper aos Estados Unidos

BP. 302 - 10.148

PAA

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS
A Rede dos Clippers Voadores

A «estrêla», o divórcio e o príncipe

TODA moça vive a sonhar com o véu e a grinalda de casamento. Quando vejo, à porta de casas fotográficas, belas e artísticas molduras enfeitando retratos de noivas, imagino quanta inveja aquelas póses brancas como espumas do mar, rissonhas como o nascimento de Vênus, não podem provocar na alma de mocinhas suspirosas, por êsse mundo de meu Deus.

Muito teria um repórter que fazer, se se postasse como quem não quer e querendo, ao lado de uma dessas portas de atelier fotográfico da alta roda social.

Quando elas passam...

— Oh! Miriam! Veja como está linda esta noiva!...

— Que modelo encantador!

— Como deve ser feliz!

Uns suspiros mal reprimidos são o desabafo que irrompe dalma, um protesto gentil ao Destino que afastou o Romeu do pátio daquela Julieta sem sorte.

E quando o casamento vai entrando pela porta central do templo e lá do côro irrompem as notas emotivas da marcha de Liszt, alas se formam em que os olhos das mulheres de tôdas as idades parecem lanças de aço sôbre a noiva de olhos tímidos e coração feliz.

Êste é o momento culminante da vida de uma jovem. Casar, unir sua vida por tôda a existência a um eleito de seu coração, sonhar com êle, sofrer e sorrir conforme a direção dos ventos da sorte... Depois os filhos... a escola... os cuidados maternos que não param nunca.

Êste é o sonho lírico da generalidade das moças, tanto aqui no Rio, como em Moxotó de Tacaratu.

O sonho, sempre o sonho em busca de uma felicidade nesta vida.

Há, porém, outra qualidade de moças em cujo meio não há propriamente dêsses devaneios românticos ou poéticos. São mais práticas. Querem casar-se, sim, como não?...

Mas a escolha é mais demorada, mais difícil, mais cuidadosamente realizada. São as jovens que se habituaram a ver o mundo pelo seu lado utilitário. Nada de passar privações, ou ficarem depois de casadas com os mesmos problemas irritantes de tostões. Ou acham meios de sair da dificuldade, ou ficam para sempre sem véu e grinalda de flor de laranjeira.

A vida de hoje ensina êsse sentido materializado e ególatra. Dentre essas moças ou mulheres assim práticas, estão as artistas de cinema. Como é natural, elas passam a vida entre mentiras, "sets", episódios falsos, trocas, fastígios e quedas. O Capitólio e a rocha Tarpéia. E aprendem a interpretar o mundo como êle verdadeiramente é: um mar imenso de ilusões sem fim.

Se nos palcos do cinema, ante as "cameras" e os diretores, elas estão sempre sob o regime das maiores mentiras e falsidades, como poderão esquecer tais ensinamentos quando têm que agir na arena real da vida sem bastidores?

Dáí êsse sentido utilitário e realístico com que as "estrêlas" do cinema sabem temperar o caldeirão de condimentos desta vida que alimentam e nutrem, e outros que, se não matam, indigestam.

E foi assim que Rita Hayworth começou a ser feliz. A famosa Gilda universalmente conhecida, desde que o cinema lhe conferiu, com justiça, o título de "estrêla" das mais fulgurantes no firmamento de Hollywood, ela também passou a sonhar com algum príncipe encantado. Mas nada de altezas de contos de fadas, coisa mais própria de crianças de subúrbio para enganar a miséria ambiente.

Rita desejava era um príncipe em carne e osso, cheio de dinheiro, de jóias e círculo social dos mais apurados. Um príncipe que soubesse falar o francês tão bem como o falava Anacleto, e possísse feudos vastos e povoados de esmeraldas e rubis nos vales do Tibet. Um autêntico príncipe, de bigodinho negro, cabeleira indiana, olhos sonhadores, com talão de cheques e fundos inesgotáveis em todos os bancos dêste mundo e do outro. Isto é, das Américas e da Europa.

E Buda a ouviu. Rita, a imperecível Gilda, vai desposar o príncipe Ali Khan, que era casado com uma princesa que já lhe deu dois filhos; mas tudo se arranhou graças ao divórcio em Paris, onde Ritinha, a bela "estrêla" de Hollywood, exultará de alegria nos braços do seu distribuidor de esmeraldas, safiras, pérolas e rubis. E tudo será realizado com uma pompa cinematográfica, como numa cena refulgente de Cecil B. De Mille. E que as mocinhas suspirosas, que se pregam com olhos compridos aos portais dos ateliers fotográficos, se conformem, resignadas, com um príncipe, mesmo que seja de "Mi-Carême"...

RUY SAULO ★ Especial para «REVISTA DA SEMANA»

REVISTA DA SEMANA

Sumário:

SEÇÕES PERMANENTES

A "estrêla", o divórcio e o príncipe (Ruy Saulo)	3
A personagem da semana	8
A semana em revista	8
O mundo marcha	9
A saúde do bebê	42

REPORTAGENS

Campeonato Sul-Americano (W. Guarnieri)	4/ 6
João vai vencer	16
"Hamlet" (Sérgio Cardoso)	28/33
O apóstolo dos arrozais (Giovani Sabbatini)	55/58

CARICATURA

O mundo manca e a mula mureha	7
Bom humor	11

LITERATURA

Livros novos (João Luso)	10
Vida literária	14

ROMANCE

Dedos queimados (Kathleen Norris)	12/13
---	-------

RADIO

Broadcast (A. Migueis)	15
------------------------------	----

BIOGRAFIA

A vida de Faraday	18
-------------------------	----

SUPLEMENTO DA MULHER

Nos bastidores femininos	19
Para as muito jovens	20/21
Para o seu enxoval	23
O amor é assim	24
Para o seu "trousseau"	24/25
Estilo — Noivas	26/27
Detalhes e novidades	34/35
Cetim e renda	36/37
Week-end na cozinha	38
Robes	39
A lua de mel	40
A demoiselle	41
Crianças	43
Interiores	44
Mães e filhos	44
Lingerie	45

CONTOS

O cientista (Agenor Barbosa)	22
Conceição, minha namorada (A. J. Figueiredo)	42

NOVELA

Um casamento sem amor (Germaine Le-grand)	46/47
---	-------

TURISMO

Billhetes do meio do mundo (D. G. Coimbra)	48
--	----

TEATRO (José Fomm)

.....	51
-------	----

ARTES PLÁSTICAS

Exposição José Maria de Almeida (Angelus Ravel)	49
---	----

FOLHETIM

Scarlet	53
---------------	----

MÚSICA (Roberto Lyra Filho)

.....	54
-------	----

ILUSTRADORES

A. Fontoura	
Osvaldo da Cunha	

NOSSA CAPA

A capa desta revista apresenta aos leitores a vitoriosa "estrêla" da Universal-International Nina Lund, destacado elemento da cinematografia norte-americana.





A seleção brasileira desfilando, vendo-se Augusto como porta-estandarte

O CAMPEONATO SUL-AMERICANO

REPORTAGEM DE W. GUARNIERI

INAUGUROU-SE, a três do corrente, no Estádio do Clube de Regatas Vasco da Gama, o XVI Campeonato Sul-Americano de Futebol, um acontecimento esportivo que o público carioca não presenciava desde 1922, há vinte e sete, anos, portanto.

Para este Campeonato, estão inscritas as seleções de jogadores profissionais de oito países do Continente: Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Peru, Paraguai, Uruguai e Brasil. De todos esses países, apenas o Brasil, Uruguai e Peru, conseguiram, desde que foi instituído oficialmente o Campeonato Sul-Americano, em 1916,

sair vitoriosos, havendo o Uruguai obtido o primeiro lugar por oito vezes, em anos intercalados, e o Brasil somente duas, em 1919 e 1922. A equipe representativa da Argentina, que mantém o "record" de vitórias no Sul-Americano de Futebol — campeão 11 vezes — deixou de participar do torneio deste ano, em face de uma greve de jogadores profissionais, que se encontram em litígio com os clubes portenhos.

O REPORTER COMPRA INGRESSO

Na tarde ensolarada daquele domingo, conseguimos, com enorme sacrifício,



Um aspecto do desfile de tô das as delegações participantes



Em cima: O quadro do Brasil, que no primeiro encontro do Sul-americano derrotou a representação do Equador por 9 a 1

Em baixo: O "team" do Equador sofreu o primeiro "revés" frente aos brasileiros





Os colombianos, durante o desfile



Os componentes da delegação peruana

uma "vaguinha" numa lotação de oito pessoas, na Galeria Cruzeiro, com destino ao estádio de S. Januário.

Nas imediações do campo do Vasco da Gama — ainda não era meio dia — enorme multidão estava ali postada. Em frente às bilheteiras, e no portão de ingresso, já a "fila" se estendia por algumas dezenas de metros. Sim, porque este repórter não pertence ao grupo de jornalistas chamados "cronistas esportivos" — esses rapazes "especializados", que são a "dor de cabeça" dos dicionaristas da língua portuguesa, responsáveis que são pelos estrangeirismos, neologismos e grande parte da "gíria" incorporada ao nosso léxico — inclusive o verbo sugestivo: "golear"... para não mencionarmos os "sem-pulo", a "finta", a "chilena", a "hinchada" e o engraçado "policimento da área..." E como não entendemos nada disso, fomos obrigados a comprar ingresso para assistir ao "match" consoante se diz.

A nossa ingenuidade levou-nos à pretensão de adquirir um ingresso para as "cadeiras numeradas". A taboleta, com o preço afixado, porém, nos fez mudar de idéia...

"Cadeiras na curva: Cr\$ 80,00" — "Cadeiras na pista: Cr\$ 100,00" — "Cadeiras numeradas: Cr\$ 150,00"... Bem. O remédio era procurarmos a arquibancada ou a geral. Mas não havia. A outra taboleta indicava: "Prêço único: Cr\$ 23,00". O esporte mais popular do Brasil... a 23 cruzeiros por cabeça...

RELEMBRANDO 1922

Depois de longa espera nas "filas" respectivas, entrámos, e a muito custo nos colocámos, espremidos, entre os torcedores, que já àquela hora lotavam totalmente o melhor trecho das arquibancadas.

Enquanto aguardávamos, o início do certame, o que só se verificou às 15,40, ficamos sentados na dura plataforma de cimento. O nosso vizinho do lado esquerdo não parava de tagarelar. E escolhera justamente para ouvinte o companheiro sentado à nossa direita. De forma que fomos obrigados a ouvi-lo. Soubemos, assim, que morava em Bangu. Saira de casa às 9 horas da manhã para vir assistir ao jogo; que os dois filhos mais mo-

ços também queriam acompanhá-lo, mas ele não quis; que a vida estava cara; a condução difícil, que ele não havia almoçado e pagara 6 cruzeiros por uma "biar" (cerveja) e 3,50 por um "sanducha" (sandwich), etc. etc... E aquilo já estava se tornando enfadonho, quando o cidadão da direita — de meia idade — resolveu pôr um paradeiro, mudando o assunto da palestra para o seu tema favorito: o futebol.

— Você assistiu ao Sul-Americano de 1922?

— Não. Eu ainda era garoto...

— Pois eu assisti. No campo do Fluminense. Aquilo foi um "marmelo" danado... O Brasil tinha "time" para vencer "dando sôpa" à "tribuna" toda... Mas "deu azar". Empatou, logo "de cara", com o Paraguai e o Chile. Eles não são "bobos"... Sabem que aqui a "cana é dura"...

— Você viu também o de 1919?

— Ah! Em 1919 a coisa foi bem melhor. Foi mesmo "no duro"...

Vencemos bem. Tudo "legal". Eu ainda me lembro! Foi no campo de madeira, no Fluminense também. O jogo

com o Uruguai estava "duro". Quase no finzinho, Friedenreich recebeu uma bola da direita e "emendou" rapidamente, na cara do "goleiro", que nem viu a pelota...

A AMIZADE CONTINENTAL

A conversa prosseguia. Agora estavam falando do "bôlo" que a seleção argentina havia dado na C.B.D.

O torcedor sentado à nossa frente resolveu também participar do "bate-papo".

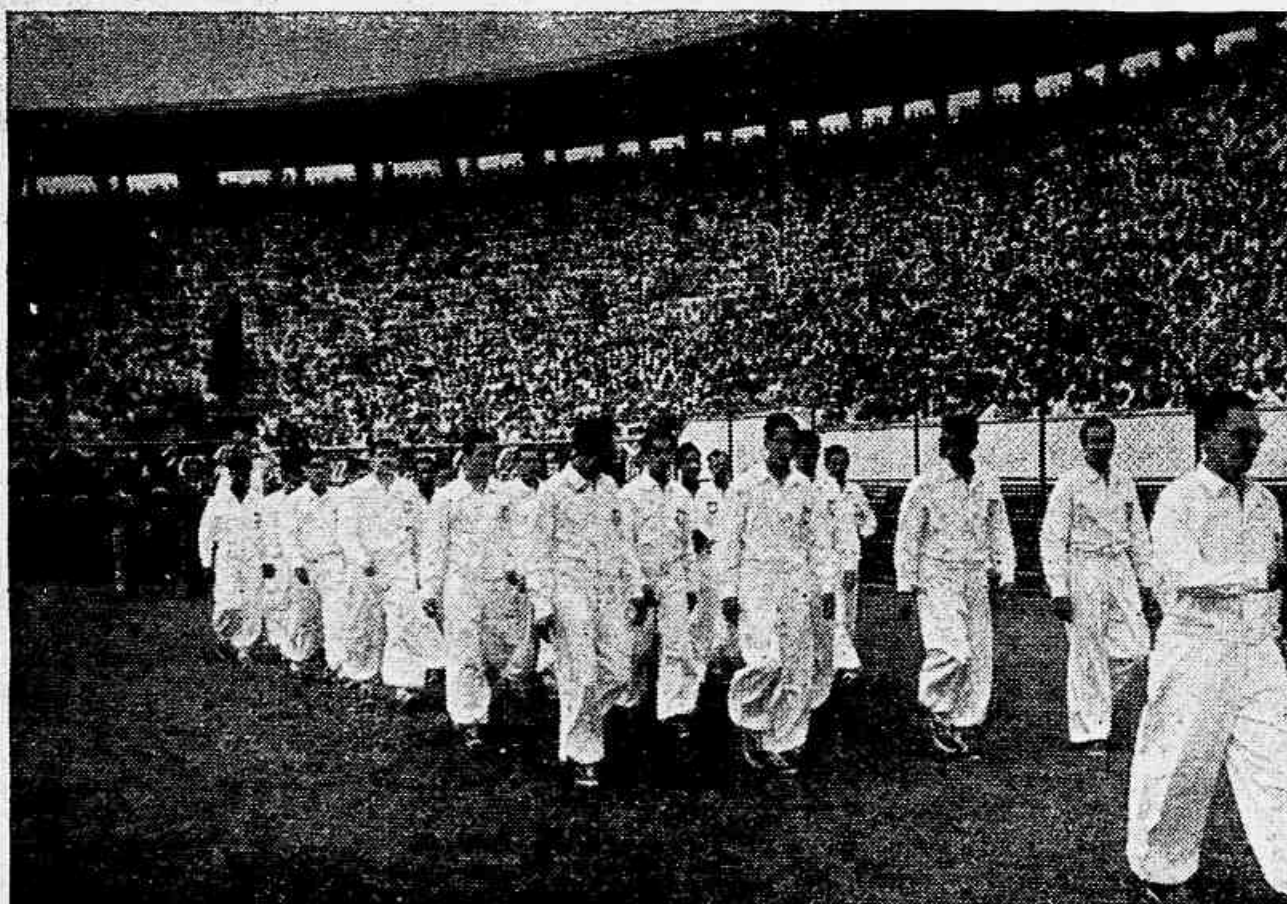
— Os profissionais de Buenos Aires são "nêgos" espertos. Não vão nessa coisa, não... Fizeram greve, e nem adiantou o Peron se meter.

— Qual nada! Os argentinos têm é medo de perder prá nós — comentou um terceiro.

— Também que adianta a gente vencer com esses times "fuleiros": tirando o Uruguai, o resto é "galinha morta".

— Este campeonato sem a Argentina, não vale nada — replicou um outro cidadão atrás de nós.

(Continua na pág. 54)



A equipe representativa do Chile
A equipe do Uruguai, tendo a frente o Sr. Manoel Caballero

A Delegação da Bolívia
Componentes da delegação paraguaia durante a solenidade

CONSULTÓRIO de GRAÇA PARA POBRES DO ESPÍRITO



Sabina (Rio) — Nem todo indivíduo que paga é pagão, como nem todo cachorro que ladra é ladrão. Da mesma forma que nem toda mulher bonita é Bela. Assim também nem todo círculo é um circo, embora todo circo seja um círculo.

Amaro (Caxias) — Não se deve dizer que um bar grande seja um barão. Se o amigo tem uma bala grande, não vá sustentar que possui um balão. Pelo mesmo motivo uma pinha grande não pode ser pinhão.

Helena (Pinda) — Caramuru foi o náutrago português Diogo Alvares Correia, que deu as caras no litoral baiano. Essa história de que aquela palavra indígena quer dizer «Homem do Fogo» ou «Filho do Trovão», é conversa pra enganar jacaré. «Caramuru» quer dizer «descarado», um camarada metido a sabido, que pretendia passar pacos nos selvagens, que já conheciam até o radar, quanto mais a pólvora!

Barão do Butecc

AULA DE GINÁSTICA

Primeiro movimento: fiquem firmes, como condenados em parede. Depois levantem vagarosamente a perna esquerda, até ficar horizontalmente em relação ao solo. Em seguida façam a mesma coisa com a direita, rapidamente, sem mexer com a esquerda. Mas torçam o chão, pois a queda é certa.



Successão Presidencial

ARTIGO DE FUNDO POLÍTICO. CONSELHOS ELEITORAIS



Concidadãos! Concidadonas!

Na mirabolância contestatória da voragem melistofélica destes tempos que não voltam mais, eu, o vitorioso Conde de Salamaleques, senhor de muitas terras devolutas no Estado de Mato Grosso, para onde não vou porque não quero abandonar meu povo, venho solenemente proclamar estas verdades nuas como as banhistas de Copacabana e cruas como arroz de pensão.

Vamos mui brevemente para as urnas. Lá dentro serão depositados os votos dos brasileiros conscientes e inconscientes, mas não importa. No fim, tudo dá certo. Muitos nomes

únicos vão ser apresentados, mas dentre eles só um deve merecer a consagração do povo no prélio eleitoral: o meu! Eu sou o Único homem que pode prometer a felicidade ao meu povo sofredor e esperançado. Quando for eleito, garanto todas estas venturas ainda não conhecidas no Brasil daqui e além Atlântico: 1º — O maior número possível de domingos; 2º — Pingente só pagará bonde na volta; 3º — Carne, nem se fala; 4º — Água pela barba; 5º — O valor do cruzeiro passará ao triplo do valor, como moeda de pagamento; 6º — Não haverá mais crise de café, filho; 7º — etc.

Isto é verdade, e não plataforma, pois não sou homem de plataformas. Meu nome, por si só, é um penhor mercantil de raro valor. Todos devem votar em mim, desconfiando de todo aquele que, abusando do título, que já registrei de Candidato Único, aparecer como concorrente. E fiquem sabendo: só retirarei minha candidatura por muito dinheiro. (Mas prometo fazer uma diferencazinha.)

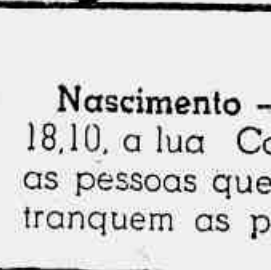
Conde de Salamaleques



SUEIAIS



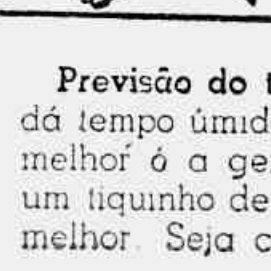
Suicídio — Cansado de tanto passar fome, deu cabo de sua vida na madrugada de hoje, em casa de meu amigo Salomão Gato, seu belo cão Venturoso. Comeu bola.



Nascimento — Nasceu hoje precisamente às 18,10, a lua. Como se trata de lua cheia, todas as pessoas que tiverem vizinhos meio aluados tranquem as portas cedo.



Nomeação — Assumiu o lugar de gerente de uma Companhia de Seguros de Vida a nossa prezada amiga Frederica Boa Morte. Seu primeiro ato foi modificar o horário de trabalho interno, passando o funcionalismo a guiar-se pela hora da Morte.



Previsão do tempo — Na Galeria Cruzeiro o pôsto dá tempo úmido; na torre da Mesbla, tempo seco. O melhor é a gente misturar um bocadinho de um e um tiquinho de outro e temperar a coisa como achar melhor. Seja como for, o tempo vai esquentar.



9x1

Foi caloroso o entusiasmo popular, cívico e esportivo que inundou o campo do Vasco na memorável tarde de 3 de abril de 1949, 60ª da República e de outras coisas mais. O espetáculo foi empolgante. Gente por todo lado, arame tapando a vista, para proteção dos juizes que, neste país de justiça rápida e barata, muito sofrem, levando na cabeça.

Em dado momento, os clérins anunciaram a chegada do nosso atrasado diretor, sr. Conde de Salamaleques, que foi recebido com muitas palmas, embora (diga-se a verdade) se ouvissem alguns assobios ligeiramente tímidos de alguns despeitados que não puderam obter entrada grátis por intermédio de sua excelência. Aproveitamos o ensejo para explicar que isso não fôra possível pelo simples fato de ter o sr. Conde de Salamaleques obtido apenas uma geral, e isso mesmo assinando um vale que só Deus sabe quando será resgatado. E' que, por um lapsus calami, o circunspecto fidalgo, na pressa de fugir de um cadáver impertinente, correu para o estádio sem ter tido tempo de ir à sua chácara arranjar dinheiro para o ingresso, mediante a venda de algumas galinhas do vizinho.

Sentado democraticamente em meio do povo, ele foi entrevistado por vários repórteres nacionais e estrangeiros, tendo previsto que a vitória do «team» brasileiro seria muito grande; mas que isso não constituiria nenhum feito heróico, pois que a linha do Equador não podia atuar, por ser imaginária...





É pena que não esteja arraigado no hábito da nossa gente o gosto pela leitura das exposições de ordem político-administrativa emanadas de fontes oficiais. E isto decorre, indubitavelmente, de dois fatores que ressaltam à observação mais superficial: a) falta de espírito público, pois que, em geral, o que se pretende é a solução do interesse pessoal ou de classe, um tão nocivo quanto o outro; b) a decepção que tantíssimas vezes têm causado ao público mensagens e exposições de governos, umas inexpressivas, outras evidentemente falsas, noticiando propósitos que jamais se concretizam, ou, então, se positivam em sentido exatamente contrário ao anunciado; outras ainda referindo fatos que não aconteceram, noticiando realizações que ninguém viu.

Mas, não obstante a repercussão relativamente restrita que, por força dessas circunstâncias, logram, entre nós, as falas governamentais, a mensagem que o sr. Otávio Mangabeira leu perante a Assembléia da Bahia, divulgada nesta semana pela imprensa do Rio, vale por um acontecimento notável.

Confirma-se, portanto, perante o País, que a comemoração do 4º centenário da fundação da cidade do Salvador, capital histórica do Brasil, encontrou à frente do governo local um estadista que realiza obra político-administrativa digna do respeito, do apreço e da imitação dos nossos patri-



Sr. Otávio Mangabeira, governador do Estado da Bahia

cios. Ordem financeira, saldo orçamentário, planejamento e execução de grandes obras, liberdade, respeito ao cidadão, honestidade funcional e, sobretudo, a verdade — é o que se sente através da leitura da mensagem redigida pelo governador da Bahia. Tudo, porém, feito, é claro, sem apelo aos abusos do crédito, dentro dos limites duma receita que não chegou a completar exatamente seiscentos mil contos.

E essa mensagem que ele escreveu ou ditou, pois para fazê-lo com brilho e propriedade, dispõe, como ninguém os conta mais, dos melhores recursos, foi por seu autor levada e lida, em pessoa, ao Legislativo. Vê-se, nesse gesto, que o administrador está vinculado à sua obra, vivendo-a profundamente e, além disso, tem ele o gosto pela prestação de contas da coisa pública.

Dir-se-ia que, de algum tempo a esta parte os trajes menores passaram a constituir símbolos do "estadismo" político. Pois bem: o sr. Mangabeira, modesto e simples, abandonando o fraque e a cartola, que são coisas de museu, mas envergando democraticamente o paletó e a gravata de cidadão, vai à Assembléia do povo e discorre sobre os negócios públicos, aliando à correção do acadêmico a objetividade de um mestre de obras. E fala sobre os problemas dos pobres sem deixar transparecer o intuito subversivo ou de suborno com que tanto se tem explorado, para fins demagógicos, comerciais ou publicitários, uma fome que não existe e tanto se tem esquecido as doenças que, sistematicamente, incapacitam, quando não matam, milhões de brasileiros.

Estradas, hospitais, assistência médica, saneamento, educação, combate à carestia pelas soluções de base, respeito às leis e trabalho de fato — são os temas da exposição que fez do sr. Otávio Mangabeira a personagem da semana.

CONGRESSO DE JORNALISTAS

Encerrou-se em S. Paulo o Congresso Nacional dos Jornalistas. Um dos seus maiores trabalhos foi aquele em que se discutiram os artigos e parágrafos constantes de futura Lei de Imprensa. Os congressistas agora reunidos em S. Paulo estudaram o projeto em todas as suas minúcias, estabelecendo paralelos entre sua textura e nossas leis substantivas, do que resultou um produto de crítica e suas resultantes convertidas em discussões e respectivas emendas. Segundo as notícias vindas do plenário, o espírito dessa análise foi o de conseguir para a mesma Lei um critério mais liberal para a profissão da imprensa brasileira. E isso sem desconhecer o perigo da existência de uma Lei de Imprensa no país, já notando suas atividades sociais, políticas e administrativas, em pleno regime constitucional. Contudo, de acordo com opiniões de congressistas e expoentes de nossa imprensa, a Lei que nos vai disciplinar não poderia ser evitada, porque constitui uma espécie de fatalidade, em face de alguns dispositivos constitucionais e do próprio Código Penal. Seja como for, o trabalho realizado pelo Congresso Nacional dos Jornalistas, recentemente reunido na capital bandeirante, foi de inegável eficiência, e veio mostrar que a classe possui seus exegetas do Direito, seus intérpretes do pensamento profissional, seus gestos de renúncia e compreensão. Somos de parecer que a Imprensa não deve permitir que elementos desastrados se utilizem dela para o indecoroso ofício de difamar e cobrir de injúrias seus desafetos. Uma imprensa livre e honesta seria o ideal. E ainda chegaremos a essa perfeição moral e profissional.

HOSPITAL PARA ANIMAIS

Dizem que a única vez que se viu uma lágrima deslizar pelas faces de Alexandre foi quando o seu famoso "Bucéfalo" morreu na feroz batalha contra Porus. Há na história do mundo o exemplário de amores quase feiticistas de homens e mulheres para com os seus animais domésticos, companheiros de lutas ou de ócios. É natural, pois que, de quando em quando, surjam novidades em torno desse estranhado amor do homem pelos animais que vivem e morrem a seu serviço ou a enfeitar-lhe a vida nas horas de sesta. A sra. Marguerite Ravenscroft, de Santa Bárbara, Califórnia, fez um donativo de 40 mil libras esterlinas para ajudar a construção, em Londres, de um modelo e completo hospital para animais. Ainda faltam 60 mil, porém já se considera vencida a dificuldade, em virtude de muitas doações estarem sendo recebidas. As instalações desse grande e único nosocômio, no gênero, constarão de um isolamento, salas de raios-X, teatros de operações e cirurgia para os pacientes não internados, etc. Segundo o plano dos construtores e técnicos, esse hospital zoológico poderá comportar comodamente oito cavalos, quarenta cachorros e sessenta gatos. Isso falando-se apenas nesses bichos mais unidos ao homem; é natural, porém, que as cabras, os bois e respectivas esposas, porcos e outros vertebrados, tenham também direito à mesma assistência desvelada e justa. Como entre os beneficiados ainda não há quem possa exercer a profissão de médicos e enfermeiros, de cirurgiões e gerentes, haverá, ao lado do edifício, apartamentos residenciais para os homens. Sim, porque, se entre os bichos houvesse possibilidade de concorrência, esse hospital não seria construído, é claro!

CHIQUITA BACANA

Há no Ceará uma cidade famosa pela fertilidade que têm seus habitantes em pregar apelidos nos outros, especialmente nos recém-chegados. Dizem até que, certa vez, Lampeão fizera planos para atacar a cidade, mas que recuou com medo que lhe pusessem um apelido... Essa cidade é Aracati, uma das principais daquele Estado. Como é natural, a música e a letra da "Chiquita bacana" dominaram os seus filhos e, mesmo passado o Carnaval, todo mundo gostava de assobiar ou cantar a popular marchinha. Infelizmente nem todos pensam carnavalescamente. O sargento Francisco Pedro de Assis, autoridade policial da cidade, indignado com o sr. Raimundo Barroso Dantas porque estava a cantar a "Chiquita bacana", mandou castigá-lo barbaramente e, segundo os jornais, aplicou-lhe quarenta e oito bolos de palmatória, deu-lhe de quebra mais duas bofetadas, várias borrachadas e um banho frio para acalmar o entusiasmo pelas vestimentas de banana nanica. O telegrama veio à imprensa do Rio através do Serviço Especial de "O Globo", e causou certa estupefação entre os leitores do vespertino. Na verdade, não se percebe o motivo de tamanha crueldade contra um cidadão apenas pelo fato de estar a cantar a "Chiquita bacana", mesmo após o Carnaval. O fato é desmorteador e prova que esse delegado de polícia é o inimigo número um dos folguedos de Momo. Há quem esteja a fazer as mais diversas suposições para descobrir os motivos que o levaram a aplicar num pobre homem tamanha castigo por tão pouco. Mas, sabendo-se que Aracati é a cidade dos apelidos ferinos, quem sabe se tamanha vingança não foi por algum apelido que puseram no sargento?

SORTE DE PAPAGAIO

O sr. George A. Mott, de Los Angeles, Estados Unidos da América do Norte, entregou a alma ao Criador a 29 de janeiro do ano corrente. Antes de morrer fez o seu testamento. Ao abrir-se o documento de última vontade, houve surpresa geral. Dentre as cláusulas testatórias, havia uma inegavelmente sensacional. O "de cujus", isto é, o defunto, deixava trezentos e vinte dólares, mais de seis contos de réis, a um tal de Polly de Rolli, recomendando ainda o falecido que esse dinheiro fosse entregue a uma pessoa de responsabilidade, idônea e honesta, para que o beneficiado passasse a ser bem tratado, comendo do bom e do melhor até o fim de sua vida, ou da verba deixada. Todo-mundo ficou sem saber a quem se referia o morto. Quem seria esse Polly de Rolli? Convocaram um conselho de família e consultaram os sábios da Escritura. Indagaram de juizes, de artistas de cinema, de filólogos e astrologistas. Nada. Foram a cartomantes. Nada. Entregaram o caso à polícia. As investigações provaram que havia muita gente com o nome de Polly, mas com aquele de Rolli, ninguém. A situação era desesperadora, e como os americanos, especialmente os de Los Angeles, são muito supersticiosos, já os parentes de Mr. Mott estavam a lamentar os sofrimentos dele em face da dificuldade na execução de seus desejos. Lamentavam-se assim, quando uma visita perguntou em voz alta a um surdo que também ali estava: "Você conhece o sr. Polly de Rolli?". E repetiu alto, três vezes. Antes de o surdo responder, uma voz gaia informou lá da copa: "Sou eu! Que que há com o meu peru?". Era o papagaio...

OS ANALFABETOS

Não é de hoje que os brasileiros lutam para limpar do mapa de sua pátria este doloroso estigma que tanto nos envergonha: o analfabetismo. Entretanto, como o número dos que se candidatam à ignorância permanente do ALC é muito maior do que os seus destruidores, os efeitos são negativos. A massa de analfabetos é uma calamidade nacional. Os voluntários que se inscrevem nas brigadas de ensino, uma insignificância. Há um professor público ou particular para milhares de analfabetos... A pedra de Sisifo é o simbolismo dessa luta desigual. Ou a figura mitológica do enchimento do tonel das Danaides. E mesmo de danar. Contudo, não deixa de ser consoante o que se passa aí pelo interior, de quando em quando. Vejamos o que estão fazendo os habitantes da cidade de Santa Cruz do Rio Pardo. A Delegacia do Ensino daquela região escolar está empenhada no combate ao analfabetismo, tendo instituído uma comissão de visitantes domiciliares. Os elementos desse grupo percorrem a cidade, de casa em casa, descobrindo analfabetos e os encaminhando para os cursos de alfabetização. Para maior eficiência dessa campanha, foi criado um distintivo para afixação externa em todas as casas de residências, de comércio, fábricas, escritórios, etc., com os seguintes dizeres: "Nesta casa não há analfabetos". A inovação pegou e todos os habitantes da cidade desejam pregar à porta de suas casas, de suas fábricas ou escritórios, a dignificante placa de salvação nacional. Seria interessante que a iniciativa de Santa Cruz do Rio Pardo fosse adotada por todas as cidades do País, e comissões de visitantes contra o analfabetismo repetissem as façanhas da pequena cidade do interior.

UM CLUBE DIFERENTE

Quem lê os nossos jornais, tanto matutinos como os vespertinos, e presta atenção a pequenas notícias perdidas no meio das manchetes sensacionais, nota, de quando em quando, apelos angustiados de pessoas sem recursos financeiros rogando a esmola de um auxílio para aquisição de medicamentos para a cura de seus males ou os de parentes. Pelas ruas da cidade também encontramos gente humilde a exibir folhas de papel amassado amarradas e sujas, nas quais as pessoas mais caridosas e de boa-fé deixam alguns mil réis para a compra de remédios de uma receita médica que não pode ser aviada porque o enfermo não tem dinheiro e os medicamentos estão pela hora da morte. Pelos cafés e restaurantes é comum vermos essa procissão de mendigos em busca de xaropes e calças de injeção. Uma tragédia. Com a descoberta da estreptomicina, a angústia da gente pobre se avolumou. Como sabemos, essa droga é a vencedora da tuberculose, mas ainda custa os olhos da cara um tratamento específico com a mesma. Só é acessível a quem pode dispor de milhares de cruzeiros. Como é entre as classes pobres que mais se manifesta a tuberculose, seria lógico que entre tais meios fosse maior a aplicação da estreptomicina. Mas... e os recursos? Foi pensando nisso que um grupo de homens de bons sentimentos fundou um clube absolutamente novo: o "Clube da Estreptomicina". Para que se veja a imensa possibilidade dessa nova organização filantrópica, basta dizer que seus fundadores são pessoas estudiosas dos problemas sociais, médicos fisiologistas, etc., e que, com cinco cruzeiros de cada sócio, mensalmente, o Clube poderá socorrer os infelizes sem recursos, nos meios em que a tuberculose faz sua obra de devastação. Grande e salutar idéia!

ANO XLVIII

REVISTA DA SEMANA

N.º 16 — 16-4-1949

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-presidente: GRATULIANO BRITO

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples	— Um ano	Cr\$ 140,00	Seis meses	Cr\$ 70,00
Registrada	— Um ano	Cr\$ 170,00	Seis meses	Cr\$ 85,00
Registrada	— Um ano	Cr\$ 270,00	Seis meses	Cr\$ 140,00

O número avulso custa Cr\$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. - Gerência: 22-2550; Secretaria 22-4447; Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1913; Portaria: 22-5602

Corresp.: - Na Bahia: J. Machado Cunha, Av. Sete de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia. Em São Paulo: Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 67 - Tel.: 4-1569 - Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro Tobias, 615-2.º andar, sala 217 - Tel.: 6-6716

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes: - Nos Estados Unidos da América do Norte: Agular Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos - Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. - Constituintes 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-press" - Florida, 299 - Tel.: 32. Av. 3109, Buenos Aires

O corpo de colaboradores da "REVISTA DA SEMANA" está organizado. Se publicamos colaboração solicitada pela redação

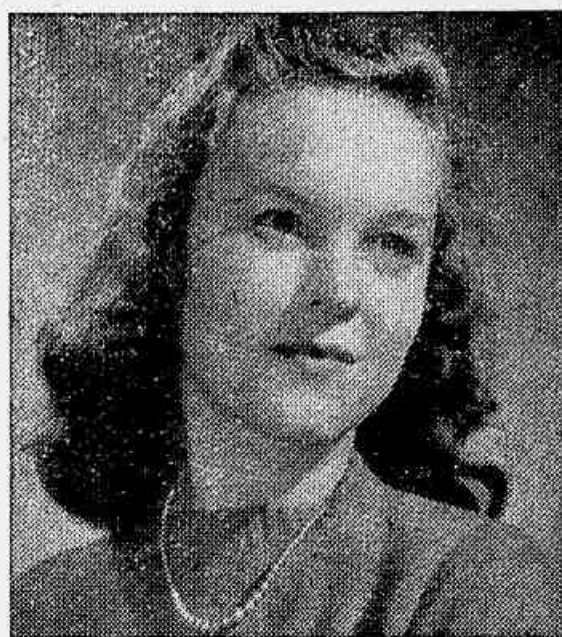
Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados

OS TRABALHOS SÃO DE RESPONSABILIDADE DOS AUTORES

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PAGINAS



Jubileu sacerdotal de Pio XII. Desmentido de Washington sobre rumores de um encontro Truman-Stalin. Pétain enfermo. A vigilância dos liberados condicionais no Brasil não pertencerá mais à polícia, e sim aos patronatos oficiais ou particulares — dispõe uma tese aprovada pela III Conferência Penitenciária. Churchill, discursando em Massachusetts, declarou que a bomba atômica nas mãos dos Estados Unidos é um obstáculo à agressão. Presos dois líderes comunistas portugueses, em Lisboa. O general Canrobert Pereira da Costa conferenciou com o secretário da Defesa americano. A Inglaterra concederá um empréstimo de 9 milhões de libras à Rússia, a fim de que o governo soviético possa comprar suprimentos não militares britânicos. Doze nações assinarão o Pacto do Atlântico. Bévin conferência com Dean Acheson. "A Rússia tem mais de cem mil cientistas", declara um líder soviético, numa reunião da Juventude Comunista, reunida em Moscou. Truman mantém a idéia de aumentar os impostos. Descoberta por um astrônomo mexicano uma nova estrela, de sétima grandeza. Nota russa aos signatários do Pacto do Atlântico, dizendo que o tratado é agressivo e contraria disposições da ONU. Marcada para o dia 15 do corrente a partida do general Dutra para os Estados Unidos. Boicote diplomático da Rússia e seus satélites contra a Iugoslávia. Detetizada a favela da praia do Pinto. Repercuta no Brasil a entrevista concedida pelo sr. Getúlio Vargas a um representante da revista "Time": "Se houvesse mais administração e menos política, todos os problemas brasileiros poderiam ser resolvidos", teria dito o ex-ditador. Designada pelo presidente da Câmara Federal uma comissão sabidamente de presidencialistas ortodoxos para opinar sobre a emenda parlamentarista. Comemorado o 94º aniversário da fundação do Batalhão Vilagrã Cabrita. Serão reestruturadas as carreiras de mestre, contra-mestre e artífice, da Prefeitura do Distrito Federal. Quase concluídos os serviços da nova usina hidroelétrica de Goiás. A CCP decidiu suspender as vendas de farinha de trigo pura pelos moinhos estrangeiros. Contrário o ministro da Agricultura à importação de banha dos Estados Unidos pelo preço de 480 dólares a tonelada. Considerados razoáveis, pelo ministro da Fazenda, os atuais preços do café. Retirados do racionamento, na Inglaterra, vários produtos de consumo. A Prefeitura do Distrito Federal avisa que o funcionalismo somente receberá vencimentos no mês de maio com a apresentação do imposto de renda. Iniciadas as aulas na Escola de Comando e Estado Maior. Inaugurado solenemente o XVI Campeonato Sul-Americano de Futebol, no estádio do Vasco da Gama. Bélgica, Canadá, Estados Unidos, França, Inglaterra, Holanda, Islândia, Itália, Luxemburgo, Noruega e Portugal assinam o Pacto do Atlântico Norte. Em visita à Academia de West Point o ministro da Guerra do Brasil. Novo substitutivo, apresentado à Câmara Federal, ao projeto referente à prorrogação do regime de licença prévia para importação. Kravchenko venceu o processo contra "Les Lettres Françaises". Crise política na Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro: o P.T.B. se nega a dar número para eleição da Mesa. Dizem de Washington que o Exército dos Estados Unidos, servindo como intermediário, vendeu à Grécia seis milhões de libras de carne comprada no Brasil. Wallace critica o Pacto do Atlântico. Satisfeitíssimo com o Brasil o general Mark Clark. Exibição do poderio bélico dos Estados Unidos em 17 cidades alemãs, num desfile monstro. Iniciadas as negociações de paz em Pequim. Teve início em S. Paulo o primeiro Congresso Nacional de Jornalistas. Obrigado a regressar a Hamburgo um navio conduzindo imigrantes europeus para o Brasil, em virtude de se constatar numerosos casos de tuberculose, varíola e bexiga a bordo. Greve de comerciantes de alguns bairros paulistas, contra o aumento do imposto de consumo. Seis contra-torpedeiros serão incorporados, este ano, à esquadra brasileira. Notícia-se que os portugueses ocupam o primeiro lugar entre os infratores da economia popular e saúde pública, no Rio de Janeiro. Autorização do presidente da República ao ministro do Trabalho e ao prefeito do Distrito Federal para solucionar o problema da carne. Vence o Brasil o primeiro encontro do Campeonato Sul-Americano de Futebol, derrotando a equipe do Equador por 9x1. "Ultimatum" comunista ao governo de Nanquim. Paul Reynaud ameaça a estabilidade do governo francês. Um mágico inglês tentará hipnotizar um time de futebol, visitando os jogadores no vestiário antes de entrarem em campo. Na assembléia geral da ONU o caso Mindszenty. Um astrólogo alemão, interpretando as profecias de Nostradamus — vidente do século XVI — afirmou que a guerra mundial começaria no dia 10 de abril, caindo uma bomba atômica no Kremlin... Um ministro e um parlamentar uruguaios batem-se em duelo, disparando suas armas, sem contudo atingirem o alvo. Reclassificados, nos padrões "N" e "O", os oficiais de vigilância da Prefeitura do Distrito Federal. Detetização de 140 municípios da Bahia. Comemorado, solenemente, no Rio o "Dia do Exército" norte-americano. Livre do controle de preços a fruta do povo — banana. Será investigado pela ONU o julgamento do cardeal Mindszenty. Abdullah, rei da Transjordânia, prediz a criação da Grande Síria. Não aceita a China nacionalista a rendição incondicional. Raios gama atômicos contra um navio de guerra, a próxima experiência da marinha britânica. Exposição do presidente da Sociedade Rural Brasileira ao sr. Cirilo Junior, presidente da Câmara Federal, em que se diz que "é indispensável a propaganda do café no exterior, sobretudo nos Estados Unidos". Apoio do presidente da República ao memorial da "Carteira Hipotecária e Imobiliária do Clube Militar", no sentido de se tornar realidade a casa própria para os oficiais. Queixa de um "chauffeur" contra o IAPETC, reclamando a pensão de Cr\$ 266,00 que lhe foi concedida para tratar-se de tuberculose. Negado, pela CCP, o aumento do preço do pão. Oito países signatários do Pacto do Atlântico solicitaram urgentemente auxílio em armas aos Estados Unidos. "Record" de arrecadação da Prefeitura do Distrito Federal: em um só dia, Cr\$ 50.698.439,70!



Adolescentes

Deixar a infância para trás, atingir a adolescência o mais rapidamente possível é o clássico anseio das meninas, quando vão chegando a essa idade de transição, entre menina e moça.

Quadra agitada e complexa, em que um enxame de sonhos, projectos e inquietações povoa a mente das jovens, exaltando a sua tenra sensibilidade,

o início da adolescência constitui, por isto mesmo, uma fase perigosa e decisiva na vida da mulher. Dêse período de formação, durante o qual se operam importantes mudanças no organismo feminino, poderá depender a futura saúde e felicidade da moça—espôsa e mãe de amanhã. Com efeito, a época da puberdade, que liga a infância à juventude, é comparável a uma ponte de passagem difícil: para transpô-la em boas condições a moçinha deve ser preparada física e psicologicamente. Cabe em especial às mães velar, com clarividência e carinho, por essa dupla preparação, indispensável a um desenvolvimento completo e harmonioso.

Tonificar o estado geral da adolescente, regularizar as funções útero-ovarianas que começam — e cujos desarranjos podem ter tão desfavorável repercussão no sistema nervoso — são as primeiras providências a tomar. Para isto *Regulador Gesteira* é o remédio indicado.

Excitações nervosas, desânimo, cansaço, falta de apetite, enjôos, dores durante o período menstrual, regras escassas ou exageradas, todos esses distúrbios, que frequentemente se verificam na época da puberdade, poderão ser tratados e até evitados com o uso do *Regulador Gesteira*.

A acção que o *Regulador Gesteira* exerce sobre o organismo feminino é calmante, tônica e normalizadora da menstruação.

São, portanto, essas propriedades que fazem do *Regulador Gesteira* o excelente remédio, cujo renome atravessou as fronteiras de tantos países, onde a sua aplicação, hoje largamente difundida, tem produzido sempre ótimos resultados no tratamento das perturbações nervosas e outros males causados pelo mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos.

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em torno de temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo seis folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: Conto para a REVISTA DA SEMANA.

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

LIVROS NOVOS

JOÃO LUSO

NA MINHA SEARA

Conferências e discursos
de **ELMANO CARDIM**

Rio de Janeiro
1949

nem à colheita. Formado em Direito, ficaria, por um bom momento, surpreendido se alguém, de repente, lhe recordasse o título de advogado; escrivão de Pretoria, surpresa, e grande, teriam os jornalistas ou homens de letras que viessem a saber daquela situação oficial. O sr. Elmano Cardim veio para o jornalismo natural e necessariamente, por motivo essencial da inteligência, do caráter, do gosto, do sentimento. Encaminhou-se para a primeira gazeta, entrando pela porta, tão acanhada naquele tempo, e tão mal iluminada, da Revisão; atravessou a labuta precipitada, e ainda também, anônima, da Reportagem; e chegou a uma banca, na Redação do "Jornal do Comércio", como aquele que conquista o seu lugar, esforçada e legitimamente, para dele não mais se afastar. O repisado preceito "La presse mène à tout..." não se entende com este jornalista, quero dizer: não lhe concerne inteiramente. A condição "d'en sortir", nunca ele pensou em a observar, nem jamais, decerto, se lembrará de lhe obedecer. Poderá chegar onde queira, mas sem que se decida, se resigne a abandonar aquele campo sagrado de pensamento e de ação. E a gleba natal do seu espírito e da sua operosidade; a leira que iniludivelmente lhe reclama o amanhã e o amor de cada dia; o torrão seivoso que lhe dá o pão, lhe oferece as flores e o faz gozar todo o bem e beleza da vida.

A messe que sugeriu o título do presente livro não foi desertada, muito menos esquecida quando o sr. Elmano Cardim subiu ao estrado de orador ou se instalou à mesa de conferencista. Na tribuna já estava há muito tempo e no sentido mais amplo, de maior elevação e alcance. A sua maneira de fazer jornalismo com justeza se aplica o conceito de Benjamin Constant, autor do famoso romance "Adolphe", grande amigo de Mme. de Staël: "A imprensa é a tribuna em ponto grande".

Assim nós o ouvimos, como agora o relemos, tratando de Ruy Barbosa, "o Jornalista da República", de maneira tão rica de sentido, tão medida e sóbria em recursos de expressão, que as suas palavras assumem a eloquência mais cativante. Aquêle verbo, não declamando nem "canorizado", mas de clara e fina ressonância, feito de equilíbrio e firmeza, pensado, fixado, "escrito" em suma, vem servir uma autêntica verdade. O conferencista desenvolve, ao mesmo tempo, uma biografia e uma teoria. As duas correm, paralelas e em impecável harmonia, porque a primeira inspira a segunda e esta vai, cada vez mais nitidamente, definindo e explicando a outra. O retrato do grande Ruy se nos apresenta, de corpo e alma inteiros. O pintor-panegirista conseguiu, ao compô-lo, imprimir-lhe traços, reflexos, valores e um ar dominante, em que se nos deparam não poucas revelações. E, sendo embora sobre o jornalista que, de modo especial, convergem as suas observações e os seus comentários, toda a individualidade passa por estas páginas excelentes.

Outros vultos de grande vida e de obra edificante compõem a galeria que o sr. Elmano Cardim andou organizando nos intervalos dos seus artigos sem assinatura mas reconhecíveis como se a trouxessem, e daquelas "primeiras várias", de tão larga repercussão e influência tão proveitosa. No homem de letras e no homem de imprensa, que vemos agora juntos, se conciliam a tendência do doutrinador, do combatente se necessário, e os pendores delicados de artista. Por isso, ora ele examina a razão e as circunstâncias da notoriedade de um Rio Branco, um Machado de Assis, um Félix Pacheco, um José Carlos Rodrigues, ora se deixa levar pela admiração fervorosa que eles, sobretudo em certo momento ou por certo motivo, lhe despertaram — e que ficou. Ai, o idealista tem bem o direito de se exaltar, fazendo da sua emoção alguma coisa acima da análise e além da crítica — alguma coisa de íntimo, bem sentido e bem pessoal e a que sem nenhuma impropriedade chamaremos poesia. Sem este elemento imaterial mas tão substancial, indefinível para alguns ouvintes ou leitores, para todos os outros presente e familiar, ficaria incompleto o louvor a Felix Pacheco na Academia Brasileira de Letras. Daria a impressão de mutilado. E poesia da verdadeira se encontra no elogio a Machado de

A seara do sr. Elmano Cardim é a Imprensa; e ninguém verá nisto a mais ligeira sombra de novidade.

Se algum dia ele meteu a foice em outra espécie de trigal, foi casualmente ou de passagem, em todo caso sem se entregar de corpo e alma, nem à sementeira

Assis, ao seu poder de estilista inovador ou criador; àquele inconfundível senso de "humor", acerca do qual tanto se tem falado... e variado; ao prestígio da sua índole filosófica, tão leve e simultaneamente tão profunda; à expressão magnífica do conjunto da sua obra que só por excesso de partidarismo ou deficiência de compreensão, ainda, de vez em quando, poderia ser posta em dúvida...

O sr. Elmano Cardim encerra o seu livro com o trabalho lido no Itamarati, perante o Instituto Inter-Aliado de Alta Cultura sobre "A tarefa do publicista no mundo moderno". Ei-lo de novo, e como sempre, em plena tarefa e plena satisfação de homem de Imprensa. A Imprensa o preocupa acima de todas as coisas. Não pode passar sem ela, pela razão mesma porque a Imprensa o reclama e exige integralmente. "La faiseuse de gloire", como lhe chamou Paul Brulat... E em verdade, todos os nossos irmãos se devotam, pelem e tantas vezes se sacrificam pela glória — dos outros.

A TARDE E A MANHÃ

Crônicas de
AUGUSTO DE CASTRO

Edição da Empresa Nacional de Publicidade
Lisboa
1949

melancolia e já também saudade. O sempre citado verso de Edmond Haraucourt "Partir c'est mourir un peu" varia de cenário e de ambiente: "Partir é sempre um entardecer". O segundo "tempo" diz da volta e dos seus júbilos. O sentimento da pátria reencontrada e reconquistada inspira uma série de frases que harmoniosamente se correspondem, caminhando para os acordes finais, recapitulação de toda a música: "Todos têm na vida uma tarde em que partiram e uma manhã em que voltaram. A vida, enquanto dura, não é senão uma permanente despedida — e um incessante regressar".

Compõe-se o livro de crônicas para a imprensa, boa parte das quais destinadas ao nosso "Jornal do Comércio". Constituíram, e outras do autor continuam a formar um dos adornos preciosos daquelas edições de domingo, tão variadas e seletas, do Velho Órgão. Ali vêm, como mensagens de um espírito, que, familiarizado com o Brasil por meio de algumas visitas e de uma constante correspondência de inteligência e de afeto, nos manda sempre belas e amáveis coisas, panoramas de cidade; impressões de viagem: Itália, Grécia, os lagos suíços; a reconstituição, em Arromanches, da invasão de junho de 1944; uma visita a Lisieux, berço de Thérèse Martin, terra de Santa Teresinha, cidade de fé. Outras páginas nos trazem assuntos especialmente lisboetas, tratados em estilo sempre leve, sem prejuízo da segurança e elevação do conceito, nem da superior agudeza do comentário. As páginas "A Morgadilha está doente" defendem, com fino senso crítico e boa dose de ironia, a famosa peça romântica de Pinheiro Chagas, tão admirada pelos nossos avós, bem assim pelos pais de muitos de nós, e recentemente banida do repertório do D. Maria II, que é, oficial e ilustremente, a Comédia Francesa de Lisboa. Outros capítulos de vibrante humorismo: "Os Balzaques", "A Casa de Lisboa e os seus fantasmas", "O último serão nas Laranjeiras", este último inspirado no airoso, vicejante, florido jardim zoológico da capital portuguesa, o qual vem a ser, diz o autor, "o único jardim zoológico em verso que eu conheço".

O que, neste livro, não representa alegria, significa ternura; e em tudo se nos oferece a melhor maneira de ter espírito.

POEMAS DO TEMPO

Versos de **LEOPOLDO BRIGIDO**, prefácio de **AMÉRICO FACÓ**

Agir
Rio de Janeiro
1949

francesa, se chamou parnasianismo. O sr. Leopoldo Brigido conheceu os maiores do romance, da poesia, da imprensa; mas o seu temperamento e a sua

Vem da primeira crônica o título do livro. Há nestas páginas de abertura uma espécie de sinfonia, com dois tempos: adagio e allegro. A melodia começa tristonha, sobre um tema de partida para certa viagem que não se sabe quanto tempo durará. Na paisagem da tarde reina

emotividade não eram propensos a abrir caminho de qualquer maneira, para chegar onde estivesse o êxito... Trabalhou com esforço e esmero, esperou confiantemente. Com o tempo que passava, foi, porém, ficando, se não descrente nem pessimista, cada vez mais recolhido no seu ideal e entregue, discretamente, à sua obra. Assim compôs as páginas que formam o presente volume e a maior parte das quais estavam inéditas. Quando o sr. Manuel Bandeira incluiu na sua "Antologia de Poetas Brasileiros Bissetos Contemporâneos" duas criações de Leopoldo Brigido, o nome, assim selecionado, consagrado, causou surpresa e as obras também. Quase ninguém tinha notícia delas. Agora, graças a outro artista, votado, não apenas à sua própria mas também à arte alheia, o sr. Américo Facó, saem do quase esquecimento a que, pela segunda vez pareciam condenados, estes trinta e quatro pequenos poemas, trabalhados com arte e sentimento superiores. Recebamo-los, louvemo-los como realmente merecem.

Dos sonetos contidos no livro, tomemos, sem escolher, o que se intitula Tema antigo:

Se Amor existe e, sendo coisa santa,
Ameniza e embalsama as nossas dores;
Se é divino mistério, que levanta
O véu de um templo todo de ouro e flores;

Se, estrêla, brilha e, ave divina, canta,
No azul da vida, que enche de esplendores;
Se vence, e alegra, e diviniza, e encanta,
E enche o mundo de glórias e temores;

Se é lei do céu clara, perfeita, extensa,
Por que é que a natureza misteriosa
Impede ou turba essa alegria imensa?

Por que sina cruel tanta alma em flor,
Cândida, moça, ardente, esperançosa,
Deseja amar e não conhece o amor?

DISCURSOS

De
DANIEL DE CARVALHO

Serviço de Informação
Agrícola do Ministério
da Agricultura

Rio de Janeiro
1949

Quando, nestas mesmas colunas, nos ocupamos dos "Estudos de Economia e Finanças" do sr. Daniel de Carvalho, tivemos ensejo de acentuar o caráter de utilidade, de ensinamento de todos os seus trabalhos. Procurando sempre uma forma de clareza modelar e exprimindo-se, às vezes, em termos de desprendimento pessoal, de modéstia um tanto excessiva, em verdade ele tem, invariavelmente, a dizer alguma coisa que não é sabida ou não está inteiramente compreendida.

Na simplicidade da sua linguagem há o quer que seja de magistral. E, se na sua obra de escritor a virtude sapiente se afirma, nitida, inconfundível, mais ainda se faz sentir quando ele se dirige a um auditório, quer formado de autoridades consumadas, representantes de institutos, academias, quer constituído por aqueles que, sem dúvida são os ouvintes prediletos do seu espírito e do seu sentimento: os estudantes. Estão no último caso os discursos do sr. Daniel de Carvalho, como paraninfo de novos engenheiros agrônomos e médicos veterinários de Minas Gerais, do Rio Grande do Sul e da Universidade Rural do Rio de Janeiro. Nessas solenidades, a sua eloquência excede a feição elucidante, educativa, reveladora de princípios e noções acerca de determinada matéria, porque lhe acrescenta o caráter afetivo, um poder de simpatia comunicativa que a todos os temas se adapta e a todos pode dar mais prestígio. O discurso aos graduandos do Rio Grande do Sul assim termina:

"O Brasil conta convosco para eliminar certas causas de empobrecimento, combatendo a rotina e valorizando o trabalho rural. Estou certo de que o fareis com aquela paixão e aquele generoso idealismo que contam entre as mais belas virtudes da gente dos pampas, exercendo a vossa profissão com o saber aliado ao entusiasmo, a técnica a serviço do pensamento de grandeza e prosperidade da Pátria comum. Meus jovens amigos! Entrais na lida quando se está ferindo uma grande batalha em que vosso esforço poderá ser decisivo — a batalha da produção. E vosso paraninfo sente-se feliz de poder desdobrar perante vós a bandeira da sua mocidade! Vence quem porfia pela boa causa. Vale a pena lutar."

São palavras das que os moços escutam com respeito e emoção e que pela vida fora hão de recordar proveitosamente.

Seeds QUEIMADOS

(Continuação)
CAPÍTULOS VIII, IX e X

Jennifer ergueu-se sendo seguida por Eugene. Ela fitou-o com surpresa sem ter palavras com que responder. Eugene segurou-lhe as mãos. Como era quase da mesma altura, sendo ele pouco mais alto, seus olhos ficaram em nível, interrogando-se mutuamente.

Para acalmar a jovem que estava verdadeiramente embaralhada com aquele inesperado pedido de casamento, Eugene Evans lhe falou com voz amigável e compreensiva:

— Você não precisa responder-me agora. Brevemente voltarei a vê-la. Poderei vir amanhã à noite? Dar-me-ia o prazer de convidá-la a jantar comigo amanhã?

— Não... não... Eu não posso aceitar — tartamudeou Jennifer achando, afinal, um jeito de falar. Não posso dizer-lhe agora... E' que... há um outro homem. E' verdade que ainda não estamos comprometidos... ainda não somos noivos. Mas, de qualquer forma não devo aceitar seu convite, embora muito agradeça sua gentileza para comigo... Sua boa mãe... foi tão delicada comigo, que não seria justo tudo isso acontecesse assim. Não leve a mal minha recusa, mas...

— Quem é esse homem? — indagou Eugene, áperamente, logo que ela terminou.

— Não precisa saber. Ele pertence a uma família aristocrática. Penso que são muito ricos. Estou quase certa disso.

Jennifer se deteve por instantes, sem saber como chegar ao fim daquele diálogo perigoso. Depois prosseguiu:

— Os nomes de sua família, especialmente o de sua tia e primos estão constantemente nas notícias elegantes da imprensa. E' uma gente...

— Você não quer dizer-me seu nome?

— Não. E' que... — sua voz ficou perturbada como se fosse a de uma criança sob exame colegial. — E' que... não há necessidade disso, embora nada haja de definitivo entre nós. Basta que lhe diga que faz muito tempo que não o vejo. Precisamente desde o dia vinte de janeiro.

— Você se recorda dessa data muito exatamente — comentou Eugene com segurança.

Jennifer corou, perturbada. Mas nada respondeu. O rapaz continuou:

— Quero apenas recomendar-lhe que expulse esse homem de seu espírito, completamente, não procurando vê-lo nunca mais.

— Sim... sei... — concordou ela rápida e nervosamente. — Eu nunca mais o verei, Eugene. Nunca mais. Isto é... quero dizer... espero que seja este o caminho a seguir. Só voltei a falar nele porque... porque... precisava que você me compreendesse...

— Mas, não deseja você vê-lo nunca mais?...

— Não, não. Não quero mais vê-lo! — murmurou nervosamente.

— Desejava que me promettesse isso — voltou ele muito sério e sem perceber as reticências da jovem.

— Pois eu lhe prometo, Eugene. E muito lhe agradeço suas simpatias para comigo — disse ela.

Ele se encaminhou para a saída sem apertar-lhe as mãos nem fazer qualquer gesto de despedida.

— Pode procurar-me sempre que precisar de mim. Terei imenso prazer de fazer sempre qualquer coisa em favor de sua felicidade, de seu bem-estar — disse antes de retirar-se. — Posso voltar a vê-la? Esperarei pacientemente, de maneira que possa ter o direito de triunfar sobre esse rico senhor que já se interpôs entre nós. E espero que me saia bem desse páreo, merecendo sua preferência...

Jennifer, mais calma, cheia de maior confiança em si mesma respondeu-lhe:

— Não sei o que ele poderia pensar se eu surgisse como tendo dado preferência a outro homem, um homem a quem mal conheço. Teria ânimo bastante para continuar a querer-me ainda? Ele está

certo de que eu permaneço a mesma. Sei, porém, perfeitamente quais são os perigos que corro agora, bem como conheço como é fácil a vida para os homens e árdua para as jovens como eu... Conheço tudo isso melhor do que você, Eugene, sei mais do que todos os seus livros de filosofia e de sua cultura especializada em sentimentos humanos.

As palavras de Eugene a haviam chocado consigo mesma sem que ela soubesse como tal sucedêra. Sabia que estava nervosa e se sentiu satisfeita quando ele se foi. Necessitava de ficar sozinha, mergulhada na penumbra daquela noite, a pensar em sua vida, na sua juventude tão cheia de contrariedades.

— Eu passaria a ser irmã de Mollie se viesse a desposar Eugene — pensou ela consigo mesma. — Para mim seria grande felicidade se viesse a fazer parte daquela família tão distinta e venturosa. Saber que seria amada pelos pais de Eugene. Como me sentiria feliz com outro homem, a quem pertencesse, morasse em lindo apartamento e frequentasse festas elegantes. Pelo Natal... dar presentes mutuamente, ir cear em excelentes casas e restaurantes. E, algum dia, umas crianças alegrando o lar...

Engolfada nesses pensamentos, Jennifer sentou-se à janela diante da noite densa. Debruçou-se, reclinou a fronte sobre o braço e sentiu os olhos cheios de lágrimas.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Desde o primeiro instante em que Jennifer Richie viu Sidney Borrows, caiu de amores por ele, sendo correspondida. Mas, entre ambos havia diferenças sociais e de recursos. Para decidir o caso Jennifer provocou uma entrevista com o rapaz, terminando por desiludir-se dele. No trabalho do escritório, onde era empregada, ela fez amizade com uma colega, Mollie, que a convidou a tomar parte numa festa íntima em casa de seus pais. Jennifer comunicou o convite à sua madrastra, em cuja companhia vivia, e Betty Slade nenhuma objeção fez. Em casa de Mollie, durante a festa, Jennifer conheceu um irmão dela, de nome Eugene, que muito simpatizou com ela. Depois da festa foi ele à residência de Jennifer, quando sua madrastra havia saído com as filhas para o cinema e ali perguntou se ela queria casar-se com ele.

Os soluços lhe abalaram o coração e todo o seu corpo era como um profundo gemido de dor em face da fatalidade.

CAPÍTULO IX

A vida de Jennifer no escritório continuava naquela mesmo ritmo de sempre. Via que suas colegas andavam sempre a mudar de trabalho, entrava ano e saía ano. Aborreciam-se com a monotonia do serviço confiando naquelas salas sem nenhuma beleza, sem qualquer atrativo. Além do mais, às vezes se viam forçadas a trabalhar ao lado de pessoas com quem não simpatizavam. A alimentação era insuficiente e pobre, trazendo elas o almôço já feito e frio, numa bolsa. Quando chovia ou fazia frio, elas com os pés molhados, as mãos geladas a passar por aquelas mesmas ruas de sempre, onde o vento levantava os restos de papel ou de cisco, todas as tardes...

Para aumentar seus rendimentos, eram levadas a pegar biscoitos, numa ansiedade horrível, e isso tudo começou a causar em Jennifer a mais cruel impressão.

Para suportar todos esses adeganços, as moças do escritório viviam a planejar festas. Jennifer não comparecia a nenhuma delas, e ouvia, depois os comentários das colegas, contando como se passaram as coisas, os namoros, os atrevimentos de certos rapazes, as dificuldades de transportes, as noites nos "night-clubs", desastres que ocorreram, gente com pernas quebradas, nariz cortado pelos estilhaços de vidros, etc.

Para Jennifer tudo isso era de nenhum interesse. Enfiara para aquele escritório ainda muito jovem e reservada. Embora gostasse de ir em sua casa, não era in-

cluída no número das suas companheiras de trabalho quando estas organizavam festas.

Em face desse procedimento, algumas delas pensavam que Jennifer quisesse mostrar certa superioridade, embora tal não fosse verdade, uma vez que essa atitude era natural.

Sabia Jennifer que sua casa era das mais pobres, seus vencimentos dos mais modestos na escala da folha de pagamento, seus vestidos os mais baratos possíveis. Sempre que, diante dela, em conversa geral, cada uma falava das profissões dos pais, Jennifer apenas declarava que o dela tinha sido um inventor.

Um dia, quando conversava com sua colega Carol, perguntou-lhe:

— Que se faz para enriquecer?

Carol era uma nova auxiliar que tinha ocupado a vaga deixada pela velha amiga de Jennifer, a bondosa Mollie. Emocional e gentil, Carol não conteve o riso e respondeu:

— Oh! Deus meu! Que posso dizer, Jennifer? Como posso saber disso? Sei apenas que há gente rica e gente pobre, e que isso será sempre assim...

Naquela tarde ela foi a uma livraria antes de voltar para casa, e comprou uma obra que tratava de mulheres célebres, a fim de ver se conseguiria, com aquela leitura, fazer alguma luz acerca de suas dúvidas. Mas nada de mais pôde

chance de conversar. Jennifer não conteve o riso diante daquele passeio mudo.

— Por que está a ri? — perguntou-lhe sério.

— Porque... justamente porque você está assim tão sisudo. Não sei compreender como fica assim tão silencioso.

— Mas você disse...

— Sei que disse. Mas não importa se tomo um caminho ou outro.

— Bem, então que se explique claramente.

— Oh! Eugene, que devo dizer! Desejo de sua gentileza, não vir mais ver-me, se o traz o propósito de estar a interrogar-me como se estivéssemos numa corte de justiça.

Jennifer já ria daquela circunspecção religiosa de seu amigo, cujo espírito se torturava pela ansiedade de uma resposta satisfatória da moça. Eugene tinha uma formação moral e filosófica toda ela voltada para os problemas da alma humana. Suas digressões filosóficas eram excelentes.

Mas Jennifer ria. Ria diante daquelas estradas. Se ele estava com razão, ela o ouvia em silêncio, prestando-lhe atenção, sentindo toda a emoção de seus dezito anos, em face da palavra quase profética de um homem respeitável, que se sentia apaixonado por ela, frágil e inocente criatura.

Uma noite, quando davam aquele passeio pelos quarteirões da vizinhança, ele se virou para ela:

— Vivemos todos tão errados. Jennifer! Não me refiro a você, sabe Deus que não a incluo nesse número. Refiro-me a esse povo sempre entregue ao vício, ao egoísmo. Não imagina você como tem a humanidade desprezada as leis do Criador.

— Acha, Eugene, que o povo está faltando com seus deveres para com o Senhor, pelo fato de todo mundo gostar de comer de mais? — perguntou ela algo tímida.

— Não é mesmo por isso. Pequenos e grandes, todos estão atrapalhando a obra de Deus. Nós havemos de fazer tudo para sermos perfeitos, Jennifer. Eu e você. Guardar a lei. Sejam bem-vindos aqueles que me procuram! Deixem tudo! Deixem todos! Basta uma capa! — disse ele com aquela inflexão de profeta atacando as iniquidades do mundo.

— Eu... eu só possuo uma — revelou timidamente Jennifer, como se desejasse mostrar-lhe que estava isenta das censuras das palavras sagradas. — Posso somente uma capa de chuva, e esta mesma foi a Seelly quem me deu. Devo desfazer-me dela?

— Oh! Bom Deus! — exclamou ele. — Não, Jennifer. Não precisa fazer isso. Você é um anjo — e sorriu quase excessionalmente, como se o nome daquela jovem lhe abrisse o coração para a felicidade de um sorriso durante toda a sua vida de filósofo encerrado em duras meditações sobre os males do mundo.

— Mollie tem sete capas. Seis ou sete, não sei bem; mas isso é razoável para ela.

— Não, Jennifer — voltou ele. — Não se atormente a si mesma. Você é perfeita, pura e doce, inocente como o coração de uma criança. Eu conheço a alma humana e conheço a sua também.

— Eugene — disse ela não pela primeira vez. — Está certo de que não terminará sua vida como um pastor?

— Não. Esse ministério não é para mim. Preciso possuir um lar, uma esposa, filhos. Sempre pensei nisso e posso esperar. Posso esperar por você, Jennifer, até que se decida.

Ele nunca deixava de falar-lhe nesses projetos e ideais de sua vida quando estava com ela. Não se mostrava pueril e cheio desse pega-pega de mãos e de abraços ou beijos para provocar sensações e amores lúbricos. Era decente e sério; mas definitivo. Queria desposá-la. Era paciente, quieto, sereno na sua esperança, sem excessos de impaciência e sobrequalificação.



Jennifer, porém, conhecia bastante os acentos de sua voz quando Eugene lhe falava de um lar. Percebia que aquele homem sentia por ela uma grande paixão, sincero amor. Um amor de feição diferente do desses rapazes vulgares e impetuosos.

— Vejo à minha frente — dizia ele — um lar puro, perfeito em toda a extensão da palavra, um templo de devoção, controlado, cheio de respeito. E, se algum dia houver crianças nesse lar, ele se tornará numa espécie de santuário, um lugar sagrado. Tomar meu filho em meus braços, reconhecer que tenho a grande responsabilidade de guiar uma alma... oh! minha querida, naquela humilde lar, seja onde for, haverá então uma partícula desse Reino com que sonho e que virá um dia para a salvação do mundo. Vejo ainda um jardim, no qual minha esposa cultiva as flores, tendo ao lado seu pequenito...

— Eugene — respondia Jennifer. — Não me julgo capaz de proporcionar-lhe tamanha ventura. Seria um estorvo para você. Sou pessoa de poucas letras, nunca estudei latim...

— Não importa, Jennifer. Eu cuidarei de você e lhe indicarei os caminhos.

Numa noite, quando davam as costumeiras voltas pelas imediações, entraram numa igreja e se ajoelharam por alguns minutos. A semi-obscuridade do templo ajudava a meditação. Já por umas duas vezes estiveram eles ali. Jennifer não era dada a religiões, mas lhe agradava o ver a afluência dos fiéis, o luzidio altar todo enfeitado e iluminado, a música do coro, sentir o perfume do incenso inundando, vagarosamente, todo o espaço da nave.

Depois regressavam à casa de Jennifer, despedindo-se dele lá pelas dez da noite.

Intimamente Jennifer gostava de Eugene; mas não via jeito de dar a esse sentimento o grau elevado de amor para conduzir a uma união matrimonial indissolúvel, cheia de responsabilidades.

CAPÍTULO X

Estava Eugene, naquela noite a conversar com Jennifer, quando tocaram a campainha lá em baixo. Eugene se encaminhou para a janela, a fim de olhar, como

era de hábito, o panorama envolto em trevas e silêncio, enquanto Jennifer ia receber a visita, ou saber quem chegava.

Ela viu que um homem subia as escadas em direção ao apartamento de Betty, e aguardou o desconhecido.

Ao chegar junto dela, Jennifer se sentiu como que sufocada. Era Sidney Borrows.

Tomou-lhe as mãos e, antes que ela procurasse libertar-se, beijou-a; mas Jennifer recuou, lívida, seus olhos como que a saltarem das órbitas, assombrada. Passado este espanto, já refeita do susto, ela o conduziu ao interior da sala, apresentando-o a Eugene e os três se sentaram na ante-sala.

— Como está você, Jennifer? — perguntou-lhe Sid. E sem dar tempo a que ela respondesse, foi continuando: — Estive ausente e cheguei faz um mês, mais ou menos. Meu irmão mais novo — explicou, virando-se para Eugene — é um camarada meio maluco e meus pais o mandam andar aí pelo interior. Fui com ele e aproveitei o ensejo para fazer um curso de mecânica, coisa que muito desejei sempre e agora pude realizar. E você, Jennifer, sentiu falta de mim?

— Muita! — respondeu a moça um tanto preocupada com o curso que poderia tomar a palestra. Como está seu irmão?

— Oh! Excelentemente como sempre. Estive pensando em você esta noite. Estava sozinho no clube e resolvi vir até aqui para vê-la. Pelas janelas iluminadas percebi que não perderia o tempo e... eis-me aqui. Como têm andado as coisas? Você está magrinha como um trilha, minha querida; mas não vejo nenhuma influência mais importante que essa pulcritude lhe tenha trazido.

Aquêle tratamento de "querida", não pôde deixar de levantar suspeitas no espírito de Eugene. Sentiu uma espécie de ciúme e se ergueu dizendo:

— Bem... Penso que já me devo ir. Notára também em certas expressões do recém-chegado umas indiretas à sua amizade com Jennifer. Aquela pulcritude... Eugene se sentia algo chocado e resolveu retirar-se.

— Quanto a mim — disse Sid — penso

que me vou demorar ainda uns cinco minutos, pois que eu e Jennifer temos um milhão e seiscentas e vinte e duas coisas a conversar.

— Não! O senhor também vai agora! — disse Eugene com voz imperiosa, lábios ligeiramente trêmulos, rosto pálido de emoção, olhos fixos no intruso.

— Ficarei ainda uns minutos — respondeu Sid com voz de quem ficara assustado e ofendido.

Inesperadamente Eugene resmungou um incoerente "adeus" e se foi, deixando Sid a sós com Jennifer. Logo que se afastou, Sid perguntou visivelmente preocupado e ofendido:

— Que é que há, Jennifer?

— Nada! — respondeu-lhe contrariada e procurando afastar o braço de Sid que procurava enlaçá-la. — E' preciso que você também se retire.

— Prejudiquei-a em alguma coisa?

— Não. Claro que não.

— Esse pobre parece estar apaixonado por você. Receio ter causado transtornos.

— Ele é uma pessoa muito distinta. E...

— Não precisa excitar-se. Está comprometida com ele?

— Não. Mesmo que fôsse o último homem sobre a terra. Mas não permito que você zombe dele.

— Não compreendo! Por que motivo fez aquela cena e se mostrou tão raivoso quando lhe disse que iria ficar um minuto ainda com você?

— Não sei nem me interessa saber — respondeu Jennifer com um acento de voz que indicava estar bastante nervosa. O que desejo agora é que você vá embora imediatamente e jamais procure tornar a ver-me! Vá embora! Não quero falar mais com você, nem quero que volte aqui outra vez. E... adeus!

Jennifer estava decidida e nervosa. Ergueu-se e puxou-o pelo braço levando-o até à porta.

Sid estava perplexo.

— Mas... olhe aqui! Olhe aqui! Que diabo se passa com você? — exclamou ele atônito. — Não a vejo há seis meses, e não foi por minha culpa conforme lhe

expliquei, e agora, quando procuro vê-la, você me enxota de sua casa!

— Não quero saber de nada a tal respeito, nem quero dar-lhe nenhuma explicação. Desejo apenas que se vá embora. Quer fazer-me o favor de retirar-se de uma vez?

— Certamente que me vou. Mas desejo saber o que há entre vocês dois.

— Não há nada, absolutamente. Exceto que gosto muito de sua irmã, e ele muito me cativa com suas gentilezas e finura de trato. E' um homem distintíssimo — concluiu Jennifer.

— Jennifer, está zangada comigo porque não lhe escrevi? E' que sou um preguiçoso para escrever cartas. Só escrevi a minha mãe por três vezes, sem incluir um telegrama sobre Bruce. Ouça. Seja boazinha para comigo! Sempre fui louco por você. Muito pensei em você estas últimas noites, vendo no meu pensamento como você é linda...

— Já lhe pedi por várias vezes que se vá, Sid. Não quero mais nunca falar com você!

Jennifer estava desesperada com aquela impertinência e só desejava ficar sozinha. Mas Sid era de grande cinismo e retornou:

— Olhe, posso vir buscá-la amanhã para almoçarmos?

— Não!

— Não vá esquecer-me, heim?

— Não é questão de esquecimento. Vejo que serei forçada a levá-lo até lá fora!

O coração de Jennifer batia com força. Ela estava confusa, indignada, e, se tivesse a força de um homem robusto, já teria expulsado a bofetões aquele atrevido. Vendo que a situação não mudava em seu favor, Sid desceu para a rua, deixando-a só. Naquêle instante, porém quando Jennifer voltava da ante-sala para o interior da casa, deu de cara com Betty que, atraída pela discussão, se erguera da cama, onde estava a ler umas revistas e viera ver o que se passava com a enteada.

— Então esteve aqui aquele Sid Borrows? — perguntou amolada.

(Continua)



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES



A 7 do corrente às 17.30 realizou-se na sede da ABDE, a solenidade da posse da nova diretoria dessa entidade de escritores brasileiros, tendo o Sr. Alvaro Lins transmitido o cargo ao novo presidente eleito, Sr. Afonso Arinos de Melo Franco.

No clichê vemos o novo dirigente da ABDE e alguns dos seus companheiros de chapa, a começar da esquerda: Afonso Arinos de Melo Franco, Manoel Bandeira, Otávio Tarquínio de Sousa, Hermes Lima, Jaime Adour da Câmara e Carlos Drummond de Andrade.

A BUSCA DA FELICIDADE

O nome do escritor norte-americano John P. Marquand tem estado na ordem do dia. Tanto os meios literários como a grande massa de leitores do país, se ocupam constantemente de sua última novela, "Point of no return", com cerca de 560 páginas.

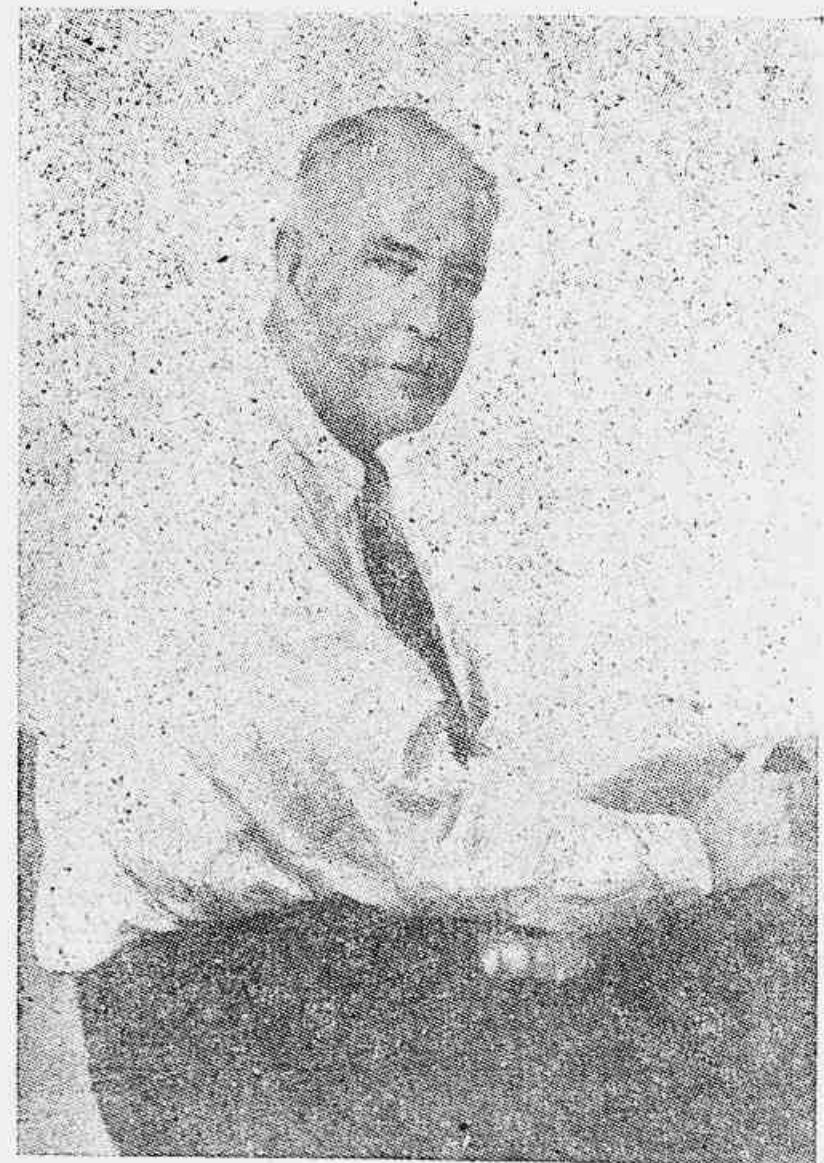
Segundo os que estão a par de seu estilo e do enredo da citada obra, esse escritor estabeleceu um interessante plano de romance, focalizando a vida do povo dos Estados Unidos nessa metade do século presente. Chegam mesmo a admitir que, para o futuro, se algum historiador desejar fazer estudos acerca da vida dos Estados Unidos, terá que recorrer às páginas de Marquand, como um rico repositório de informes e episódios de inegável valor.

O herói do seu livro é Charles Gray, em torno de quem toda a novela se desenrola. O estilo do escritor é agradável e ele dispõe as coisas de maneira que se tenha a impressão de que estamos todos em busca da felicidade.

Como não podia deixar de ser, há a heroína, a simpática Jessica. O autor não se avantajou em relação a si mesmo com essa nova história, mas soube dar em suas páginas um certo toque de ironia, um pouco de sátira e bom humor no emaranhado do enredo.

Ainda sob os efeitos da última guerra, o principal protagonista é soldado dos Estados Unidos e serve na frente de combate, tendo sobrevoado os continentes, e quando regressa vai ocupar cargos no desempenho de serviços vulgares incompatíveis com sua tradição de herói da guerra.

A inventiva do escritor dá coloridos de intenso interesse para o leitor no desenvolvimento de várias vidas que se entrelaçam na arena da história, e seu estilo é vivo, movimentado e com doses de grande sentido humano.



John P. Marquand, que está alcançando os maiores triunfos com seu último romance "Point of no return"

O MELHOR LIVRO SOBRE A BAHIA

O Sr. Pamphilo de Carvalho, presidente da Companhia de Seguros "Aliança da Bahia", recém-chegado da Cidade do Salvador, onde assistiu aos festejos da passagem do 4.º centenário da fundação da mesma, revelou à imprensa que oferece um prêmio de cem mil cruzeiros ao escritor brasileiro que escrever a melhor obra sobre a Bahia.

Ao que nos parece é este o maior prêmio literário que já se instituiu no Brasil, e tem por fim estimular o trabalho intelectual dos nossos beletistas.

O Sr. Pamphilo de Carvalho, que já foi deputado e político, além de ser um cultor do Direito, é grande amigo das letras, como



O Sr. Pamphilo de Carvalho, presidente da "Aliança da Bahia", Companhia de Seguros gerais, a quem se deve tão elevado prêmio sobre obra literária

acaba de provar com a instituição desse vultoso prêmio.

Para informações acerca dessa momentosa notícia, estão à disposição dos interessados os escritórios da Companhia Aliança da Bahia.

CIRCULO LITERÁRIO DO BRASIL

Essa associação de homens de letras do país acaba de fazer uma seleção digna de todos os louvores, escolhendo como o melhor do mês de abril, o livro de Lima Barreto, "Recordações do Escrivão Isaias Caminha", obra das mais interessantes e admiradas dentre a bagagem literária do ficcionista carioca.

Nesse livro o autor retrata a vida da imprensa carioca nos primeiros anos do século, constituindo uma sátira contra os figurões da política, das letras e do jornalismo nacional, na figura do protagonista Isaias Caminha.

★

THOMAS HARDY

Até agora não tínhamos, em língua portuguesa, nenhum livro desse autor inglês, um dos maiores dos fins do século passado. Agora, porém, vamos ler Hardy, pela primeira vez em nosso idioma, com a publicação de sua obra, "Judas, o Obscuro", com o sub-título "Biografia de um fracassado", numa tradução de Otávio de Faria.

★

DISTRACÕES DE STENDHAL

O imortal autor de "O Vermelho e o Negro" e de "A Cartuxa de Parma", Stendhal, que era cônsul de França em Civitavecchia, foi bastante prejudicado em sua carreira diplomática pela sua grande distração. Certa vez mandou ao Ministro das Relações Exteriores uma carta cifrada, incluindo a cifra no mesmo envelope. Não é de admirar que os seus superiores o deixassem envelhecer naquele posto de importância muito relativa.

A humanidade atual precisa de leituras desse teor. Os sofrimentos por que passamos necessitam de exame através da história de indivíduos mesmo imaginários, para que possamos reagrupar os pensamentos na direção de um futuro melhor.

A ficção, é, quase sempre extraída do real. A novela de J. P. Marquand é invenção dele, mas, com certeza, tirada de acontecimentos verídicos, enriquecidos e movimentados pelo seu talento de escritor que sabe tirar de assuntos aparentemente vulgares, verdadeiras lições para os leitores.

SENTENÇAS FILOSÓFICAS

Muita gente pensa que foi Augusto Comte quem lançou a público, pela primeira vez a famosa frase: "Os vivos são sempre governados pelos mortos"; mas é enganoso. Quem a disse em primeiro lugar foi o filósofo chinês, Lao-tse, que, com certeza, já a recebeu através de seus maiores, repetindo essa sentença oriental, cujo autor se perde na bruma dos tempos. O que se deve a A. Comte é a sua divulgação por todo o ocidente.

De um autor chinês é ainda esta outra sentença: "As ações que praticamos no passado nos seguem como nossa sombra: para o bem ou para o mal, conforme sua natureza".

Lao-tse foi um grande apóstolo entre os chineses e todos os demais povos do oriente. E' dele este conceito de boa atitude na vida: "Com aquele que é bom, eu sou bom; com aquele que não é bom, eu sou bom também". Esse conceito filosófico assenta perfeitamente com aquele conselho de Jesus: "Ao que te esbofetear uma face, dá a outra".



— Querida! Tenho ouvido falar muito a respeito de seu livro! Vou lê-lo logo que alguém me empreste um...

Há entre os textos de sabedoria búdica, esta apreciação que, se tomada ao pé da letra e seguida pela humanidade, este mundo seria um paraíso de perfeição moral: "Nem no ar, nem no meio do oceano, nem nas profundezas das montanhas, nem em nenhuma parte do vasto mundo, existe lugar onde o homem possa escapar às consequências de seus atos".

Refletamos ainda neste outro texto búdico: "O verdadeiro culto não consiste em oferecer incenso, flores, e outras coisas materiais; mas esforçar-se por seguir o mesmo caminho que seguiu aquele que se reverência".

EPISÓDIO CÔMICO

Há por todo o interior do Brasil muita gente que adora certas peças literárias da velha escola declamadora e romântica.

Uma dessas é a poesia "A Louca de Albano", que descreve a jovem que amava doidamente o filho do homem que havia sido, anos passados, assassinado por seu pai, episódio que o rapaz ignorava.

A "Donzela Teodora", a "A Princesa Magalona", as histórias de Carlos Magno e dos Doze Pares de França, etc., constituem motivos de orgulho para os que trazem decoradas as suas páginas no todo ou em parte.

Quando Getúlio Vargas empreendeu aquela famosa excursão por todo o Norte do país, tomou um trem na Calçada, na cidade do Salvador, em direção a Aracaju, de onde continuaria a viagem pelo São Francisco, de Propriá a Penedo.

Como era natural, a notícia de que o combôio presidencial ia passar em cidadezinhas e vilas do interior de Bahia e Sergipe, alvoroçou todo mundo e cada chefe político ou prefeito, desejou caprichar em organização manifestante de impressionar o chefe da nação.

Por isso, ao chegar o trem a uma humilde vila sergipana ao espoucar de foguetes e vivas, desceu Getúlio com a comitiva para cumprimentos na gare. Surgiu então uma senhorita e, pedindo a palavra, começou:

"Anda cá meu filho, escuta!
És amigo de tua mãe?"

Nesse instante uma senhora, que parecia muito nervosa, interveio:

— "Menina! Não se fala assim com o Presidente! Diga: 'Anda cá, excelência, escuta!'"

Getúlio não se perturbou e, dirigindo-se à declamadora, agradeceu e disse: — "Enquanto a comissão fica acertando o tratamento gramatical, vamos seguindo que já é tarde". E o trem partiu...

BROADCASTIST

OBSERVAÇÃO Ressentimo-nos de perfeito órgão controlador da opinião pública, a fim de melhor aquilatar-mos o gosto e a preferência do rádio-ouvinte. Tudo quanto se tem realizado em matéria de pesquisa, deixa margem para pequenas dúvidas, tal o disparate das informações coligidas. Por isso, quando alguém bate às portas de uma emissora, deseja de saber o número de escutas que a mesma possui, consegue uma informação mais ou menos que, em geral, não condiz com a realidade. E' que o recolhimento de dados sobre este ou aquele programa não observa normas, nem é feito por pessoas especializadas no assunto. Sabemos de criaturas, que mesmo com o aparelho receptor desligado, não se furtam a dizer que, no momento, ouvem a estação tal. A informação, ao invés de ser constatada pelo pesquisador, passa diretamente para a ficha de controle, em prejuízo das demais emissoras. Dessa maneira, ao ser organizada a estatística sobre a preferência dos rádio-ouvintes brasileiros, verificam-se os mais absurdos resultados.

Não faz muito, lendo uma crônica de Haroldo Barbosa, tomamos conhecimento da colocação obtida pelo "Clube da Camaradagem", quando é sabido e notório que esse programa é o mais ouvido em seu horário. Tal absurdo, condiz com a nossa descrença nessa matéria de pesquisar a opinião pública. Não que o órgão existente seja inidôneo. Mas, a displicência de seus funcionários talvez o obrigue a resultados nem sempre satisfatórios. Porque, em caso negativo, encontramos Silvino Neto e seus tipos populares usufruindo posição p'ra lá de vantajosa entre os demais concorrentes das vinte e uma e trinta... Não basta fundar uma organização, cujo escopo é obter dados concretos e fidedignos sobre a preferência do povo. E' imprescindível dotá-la de elemento humano à altura das funções, para que não se repita o fracasso das eleições norteamericanas, em que, segundo o instituto controlador da opinião pública, Dewey era barbada para Truman... — A. MIGUEIS.



Marion Inclán nasceu em Cuba. Intérprete de melodias internacionais, pela segunda vez visita o Brasil, voltando a colher os mesmos louros da temporada que realizou em 1946. Jovem e bonita, foi a primeira artista latina a ser televisada, fato esse que diz melhor do seu cartaz.

CARTAZ

Marion Inclán é cubana. Iniciou sua carreira artística na Columbia Broadcasting System, de New York quando, por gentileza, foi convidada a cantar em um programa em homenagem à sua terra. Daí resultou o seu imediato aproveitamento pela poderosa rede radiofônica, onde passou a atuar na Cadeia das Américas. Em pouco tempo, projetou-se nos círculos musicais e sociais. Passou, então, a ser o "cartaz" dos centros de diversão mais elegantes dos Estados Unidos. E tão fulminante foi a ascensão ao "estrelato" que mereceu a honra de ser a primeira artista latina a enfrentar a incipiente televisão e a participar dos programas de Bing Crosby. Era a consagração definitiva. Assim, foi-lhe fácil receber e aceitar um convite da RKO para desempenhar o papel principal do filme "Os que voltaram". Após percorrer todos os Estados Unidos, iniciou uma excursão pelo Continente, partindo do Canadá. Esteve, em seguida, no México, Cuba, Porto Rico, Chile e Buenos Aires, onde foi pela segunda vez e donde veio para o Rio, no qual se vem apresentando todas as noites, ao lado de Gregório Barrios, tendo, como pianista, o autor da popular canção: "La última noche" — Bobby Collazo. Além disso, participa de programação de estúdio. Em Buenos Aires, Marion atuou no rádio e no "Em-

bassy" e "Maipo", com tal sucesso que se viu na contingência de prorrogar seus contratos. Esta é a segunda vez que vem ao Brasil, tendo estado aqui em 1946. Sua temporada entre nós vem se assinando por esplêndidos triunfos. Não fôsse ela a "Princesa da Canção".

UMA NOVELA

A Rádio Tamoio está apresentando a mais recente novela de Anselmo Domingos. "Pecado de mãe", cujo argu-



Cristina Maristany é a mais recequente aquisição da PRA-2. Ela veio preencher a vaga de Mara e Valdemar Henrique que, à estas horas, se aprestam para "descobrir" Portugal.

mento é extraído da peça também de sua autoria "Maria da Fé", representada com êxito, no ano passado, no Teatro Rival. O novo elenco da Tamoio, agora sob a direção de Luiz Quirino, é que está representando a mais nova produção do feliz autor das "associadas". O papel principal está sendo vivido por Carmen Dolores, uma nova rádio-atriz que a Tamoio vem apresentando com êxito, bela revelação para o nosso rádio-teatro. Outros intérpretes principais em "Pecado de mãe", são, Antonio Leite, Eugênia Levi, Alberto Madeira, Carlos Frederico e Roberto Mendes.

Eugênio Figueiredo, está de volta ao rádio, uma vez que acaba de assinar contrato de exclusividade com a Globo. Pintor, poeta e radialista, ele promete novas realizações para o microfone PRE-3. Cristina Maristany é a mais recente conquista da PRA-2 que, no momento, se apresenta destacada de dois elementos do valor

de Mara e Valdemar Henriques. ★ Nelson Roberto está produzindo para a Roquete Pinto, uma série de programas rádio-teatrais, que têm a colaboração dos alunos de Berliet Júnior. ★ Francisco Alves desmentiu a notícia de que fôra vítima de uma agressão em Miguel Pereira. O popular "Rei da Voz", como se vê, não perdeu a majestade, nem o cartaz. ★ Guerra Peixe está prestes a terminar o contrato que o prende à PRE-8. Ao que se propala, o conhecido maestro recebeu convite para dirigir u'a emissora paulista. ★ Terminou a temporada de Christiancho e Massupêre ao microfone da Globo. Esses dois violonistas pretendem excursionar pelo sul do país. ★ Estreou numa das casas de espetáculos de Portugal, a sambista Horacina Corrêa. A antiga professora gaúcha, segundo telegramas de lá, abafou. ★ Sob a direção artística da professora Magdala da Gama Oliveira, estreou no República, o "Teatro da Ópera Experimental", que reúne valores novos do bel canto. ★ "Este sol me pertence", eis o título da novela de Pedro Anizio, que a Tupi vem apresentando no desempenho do seu "cast" de teatro-cego.



Anselmo Domingos escreveu para Alda Garrido a peça "Maria da Fé". Agora, ele vem de adaptar esse trabalho para o microfone, intitulando-o de "Pecado de Mãe". E' a novela que a Tamoio está apresentando às 18 horas.



ABANDONO

Samba de Cezar Formenti Neto

Tenho uma grande saudade
Uma saudade que eu não posso es-
[quecer

Sinto uma grande revolta
Que já não posso mais compreender
Porque ela fez isso comigo
Sem dar motivos sequer
Ela era os meus sonhos
Em que eu a tinha com fé.

Mas o remorso há de vir
Tudo o que eu fiz ela não esquecerá
Enfim o destino assim quis
E eu não posso contrariar
Eu fui pelo mundo a fora
A procura de alguém
Que me desse uma ajuda
Para encontrar o meu bem.

★

SUMMER TIME

Fox de Rose Heyward e
George Gershwin

Summer time an' the livin' is easy,
Fish are jumpin', an' the cotton
[is high
Oh yo daddy's rich, an' yo' ma is
[good lookin',
So hush, little babby, don' yo' goin'
[to rise up singin',
Then you'll spread yo wings
An' you'll take the sky.
But till that mornin'
There's a nothin' can harm you,
With Daddy an' Mammy santandin'
[by.

★

MISS MARY

Fox Cow-boy

Miguel Lima e Raul Carrazato

Fui levar uma "charrete"
A miss Mary na estação
Miss Mary foi a côrte
Passear com o meu patrão
Good night miss Mary
Good night miss Mary
O patrão não regressou
Good night miss Mary
Good night miss Mary
Para mim o que comprou?

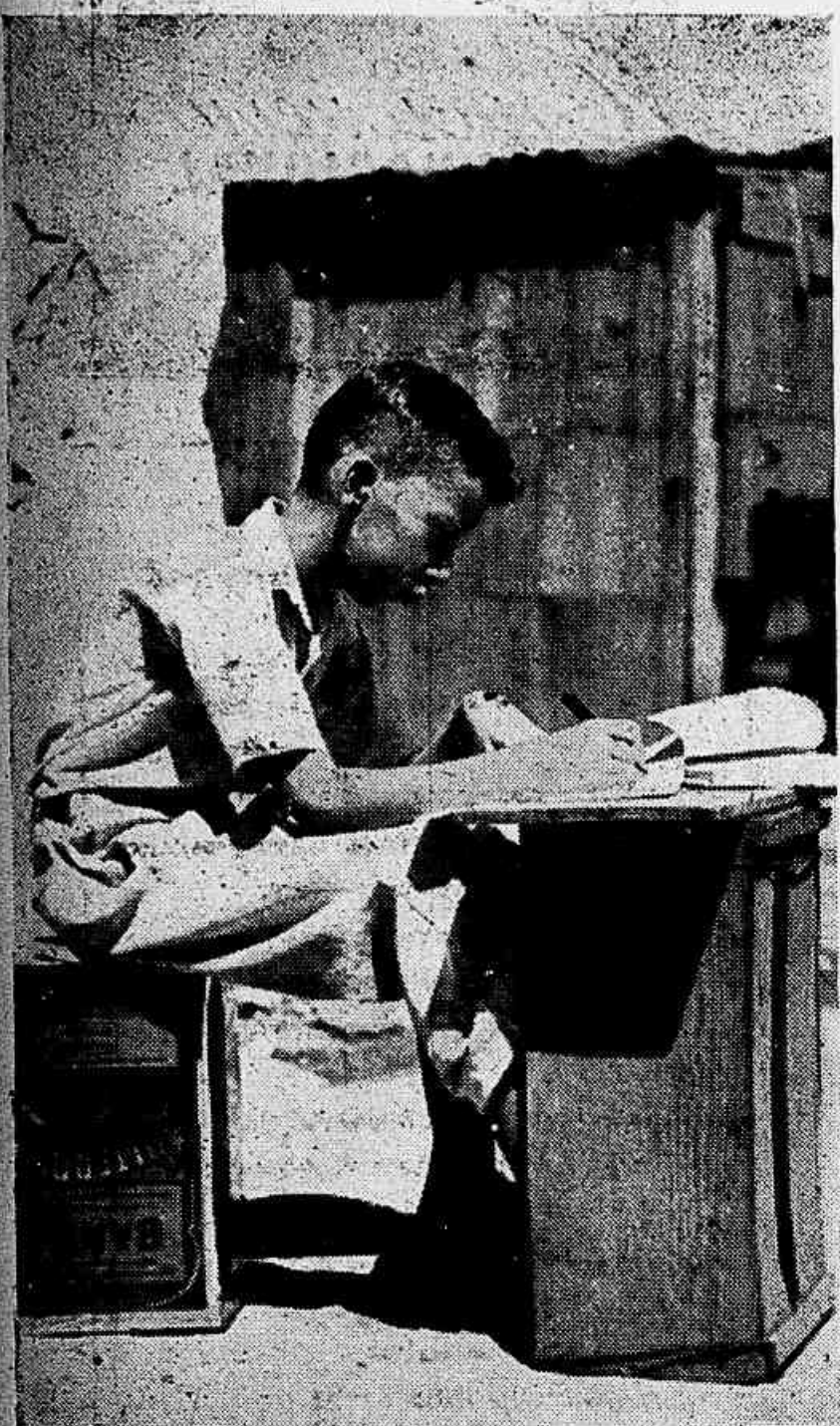
Um anel de ouro
Um chapéu de couro
Uma faca e um cinturão
Está tudo OK
O que mais gostei
Foi o bluff do patrão.

JOAO VAI VENCER

(REPORTAGEM RELÂMPAGO)

paredes, acabrunhado, tristonho. João Severino já não era o mesmo. Os pais alarmaram-se. Aquilo precisava ter um fim. Mas o remédio não vinha. A solução era difícil. E assim se passaram os anos, até que na véspera de João Severino completar oito anos, por uma dessas felicidades que só o destino pode explicar, apareceu diante do menino uma professora disposta a dar-lhe curso primário.

Não se pode descrever a alegria de João Severino



Os grandes homens se fizeram assim. O exemplo que focalizamos nesta página vale por todo um belo e comovedor enredo para romance. O herói é um menino desditoso. E a história desse menino de doze anos é, decerto, igual à de centenas de outras crianças.

João Severino é o seu nome. Nasceu na vizinha capital de Niterói, num bairro pobre, sob um teto de zinco. Desde muito pequeno, conta sua genitora, enorme era seu interesse pelos livros com gravuras. Com quatro anos já começou a querer ler e escrever. Os pais, pobres como eram, sorriam amargurados, ante a vergonha de se confessarem analfabetos e por isso sem possibilidades de ensiná-lo, como ele queria.

João Severino foi crescendo assim. Aos seis anos, numa linda manhã de setembro, desapareceu de casa, deixando aflito o casal, e só voltou a noite. Ante a alegria e o choro de sua mãe, explicou, queixoso e desiludido, que fôra em busca de uma professora... mas não a encontrara. Daí por diante, João nem sequer procurava mais seus companheiros para brincar. Sentava quietinho, pelos vãos das



e de seus pais. O mundo não era assim tão mau, se sempre surgia à frente dos necessitados uma alma filantrópica como anjo de salvação.

A nova professora morava vis-a-vis ao pequeno aluno, e isso muito ajudava, evitando longas caminhadas em direção à escola.

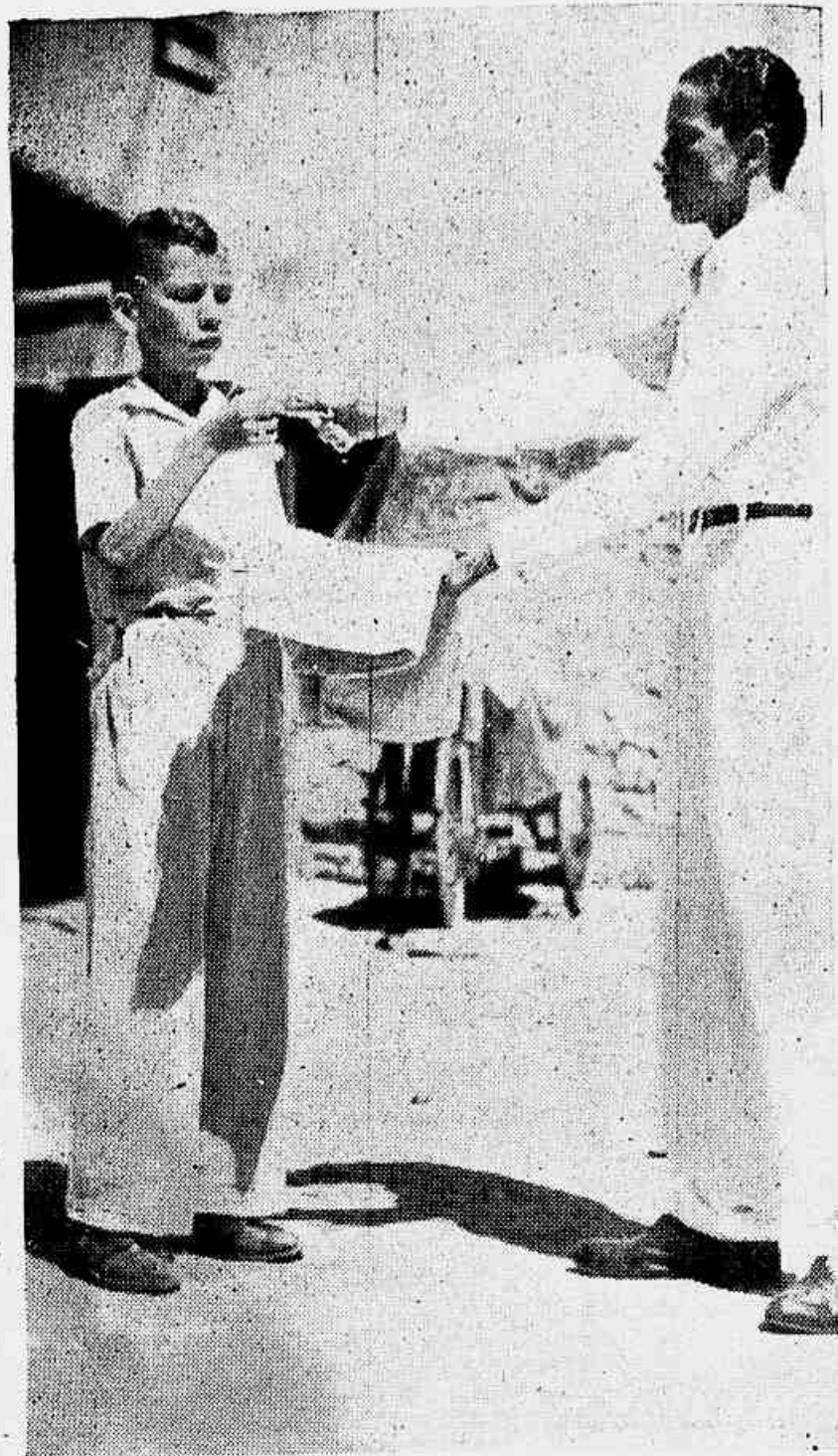
Uma dúvida, porém, sempre perturbava os pais do garoto.

— Quando ele terminar o curso primário, que faremos para matriculá-lo no secundário e, depois, no superior?

Todos sabemos como se perdem os talentos, as capacidades brasileiras tanto nas capitais como nas cidades do interior. Os meninos terminam o curso primário e, não havendo outros recursos pedagógicos ou financeiros, ficam naquilo mesmo... Resultado: depois de algum tempo, caem novamente na mais triste das ignorâncias, pois esquecem tudo o que aprenderam na escola. O interior está cheio dessas vítimas involuntárias do analfabetismo.

Depois que João Severino aprendeu a ler e a resolver os problemas fundamentais de aritmética, também começou a preocupar-se com a continuidade de seus estudos. Para enfrentar a vida de hoje, a luta das concorrências, os mais bem aquinhoados na sociedade, não basta um cursozinho primário, modestamente adquirido, quase por milagre...

E' indispensável ter cultura, e cultura sólida.



Versar o vernáculo, ter redação fluente, conhecer línguas, especialmente a inglesa; acumular no cérebro a cultura geral de humanidades; enfim, tornar-se um homem digno do conceito de todos. Mas, como chegar a tal estado de emancipação mental?

Menino pobre e filho de pais pobres, o seu sonho era lindo, mas inexequível. Contudo, não desanimou. Havia dentro dele aquela tenacidade inventível de Edison, a persistência de Ford, a obstinação dos gênios.

E encontrou um meio lícito e dignificante para custear seus estudos num curso comercial: lavar roupa! Todos os dias ele vai buscar latas d'água. Sua boa mãe lhe dá uma bacia e ele passa a ser lavador. Não tem muito tempo para entregar-se a folguedos próprios de gente de sua idade. Mas até brincando João Severino se torna admirável: soprando canudos em água de sabão, ele faz grandes e lindas bolas que se erguem nos ares e estouram em segundos, como símbolos de um sonho de subir na luta pela vida... Mas ele está certo de que triunfará, um dia...



HERMES

— A MELHOR BICICLETA DO MUNDO —

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL EM BICICLETAS E ACESSÓRIOS

ILHA DO
GOVERNADOR

A Ilha do Governador constitui um dos mais pitorescos

recantos da Baía de Guanabara; vá conhecê-la

pedalando uma das famosas Bicicletas HERMES.

HERMES • A MELHOR BICICLETA DO MUNDO



- Tipos: Luxo e Super-Luxo
- Maravilhosas e modernas linhas
- Inalterável pintura a fogo
- Colorações primorosas
- Resistência inigualável
- Cromagem a prova de maresia e ferrugem obtida a custa de 17 imersões químicas
- Ligas de Aço, Eixos e Mancais de Alta Precisão, que asseguram suave pedalar

DISTRIBUIDORES
PARA
TODO O BRASIL

NATA

COMÉRCIO E INDÚSTRIA LTDA.

○ RUA BUENOS AYRES, 183 ○ ESQ. DA RUA CONCEIÇÃO ○ TEL. 23-1656 ○ RIO DE JANEIRO ○

EM 1857, Michael Faraday alcançara o que a maioria dos homens considerava o apogeu do êxito social. O professor Tyndall oferecera-lhe a presidência da Real Sociedade. Mas "o cientista mais brilhante de sua geração" recusou a honra. "Tyndall", disse ele, "quero ser simplesmente Michael Faraday até o fim".

Essas palavras resumem bem a personalidade invulgar de Faraday. Em toda a sua vida, sempre rejeitou distinções acadêmicas e recompensas econômicas para ter a liberdade de investigar os mistérios da natureza como "simplesmente Michael Faraday".

E sua origem foi das mais simples. O pai era ferreiro, e os tios merceeiros, sapateiros, lavradores e calzeiros. Um de seus irmãos era funileiro, e os outros também passaram a vida no mesmo nível obscuro e desambicioso em que nasceram. Mas por algum capricho da natureza — nós consideramos "capricho" qualquer lei da natureza que não compreendemos — a semente humilde dos Faradays produziu a flor suprema do gênio de Michael.

Em menino, não deu mostras do seu gênio futuro. "Aluno mediano em uma escola diurna comum", para usarmos suas próprias palavras, recebeu instrução rudimentar, aprendendo a "ler, escrever e contar". Fora do colégio, "passava as horas em casa ou na rua" — jogando bolinha, cuidando de sua irmã menor e "observando o pôr do sol".

Sua educação terminou inesperadamente por causa de um defeito vocal. Incapaz de articular a letra R, ele pronunciava o nome de seu irmão mais velho "Uobert". Mais de uma vez a professora, uma solteirona murcha que adorava a exatidão e abominava as crianças, tentara corrigir-lhe o defeito à força de motaças. Por fim, vendo que o ridículo era ineficaz, decidiu recorrer às pancadas. Chamando à mesa Robert — pois este pertencia à mesma classe que o irmão — deu-lhe uma moeda de meio pên e mandou-o comprar um bastão com que tencionava "dar uma sova pública em Michael".

Mas Robert tinha idéias próprias sobre o caso. Atirou a moeda por cima dum muro e correu para casa a fim de denunciar à mãe a crueldade da professora. Mrs. Faraday, considerando mais importante a saúde que a educação dos filhos, tirou ambos os meninos do colégio.

Entrementes o chefe da família, não podendo ganhar a vida na aldeia de Newington Butts, no Surrey, decidira mudar-se para Londres — "a cidade de magia e prodígios, cujas ruas estão calçadas de ouro". De modo que os Faradays se transferiram para a capital, indo morar em cima de uma cocheira em Manchester Square.

Mas a mudança de domicílio dos Faradays não trouxe consigo nenhuma mudança de sorte. A família continuou a viver de duras migalhas de pão e esperança. A ração pessoal de Michael era de um pão por semana, que sua mãe lhe permitia dividir à vontade — excelente tirocínio para um futuro cientista. Todas as segundas-feiras, quando recebia o seu pão, Michael dividia-o cuidadosamente em quatorze partes — duas por dia, uma para a refeição da manhã, outra para o jantar. E assim, graças à sua cuidadosa "administração", nunca chegou a passar fome, embora nunca se sentisse plenamente satisfeito.

Quando completou treze anos, seus pais tiveram de pô-lo a trabalhar. Por felicidade conseguiu um trabalho a seu gosto, não muito longe de casa. Empregou-se como moço de recados de George Riebau, livreiro e papelheiro estabelecido em Blandford Street nº 2. Entre outros serviços, Mr. Riebau mantinha uma seção de jornais emprestados; e Michael devia distribuir diariamente os jornais pelos fregueses e tornar a arrecadá-los depois que os fregueses haviam terminado a leitura. Aos domingos, era obrigado a levantar-se antes do amanhecer a fim de entregar os jornais e recolhê-los a tempo de "embonitar-se" para os serviços religiosos.

Os fregueses de Mr. Riebau guardavam a recordação de um rapazinho de olhos vivos e cabelos castanhos anelados numa cabeça "sempre metida para a frente a fazer perguntas". Esse costume de avançar inquiridoramente a cabeça custou-lhe um nariz ensanguentado em certa ocasião, quando abriram de repente uma porta para fora, batendo-lhe no rosto.

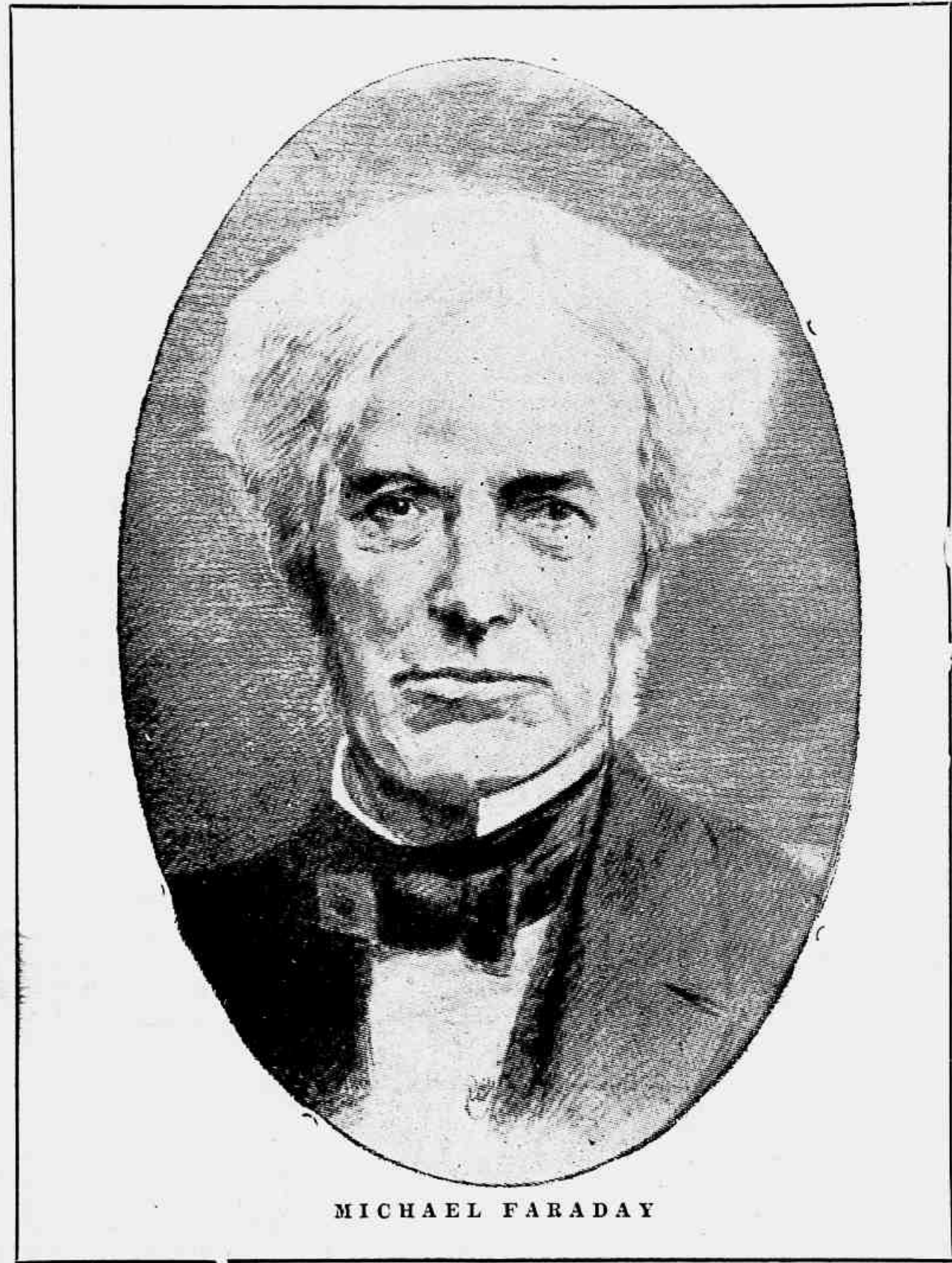
Contudo, os fregueses de Mr. Riebau estavam satisfeitos com os seus serviços. E o mesmo se dava com Mr. Riebau, que ao cabo de um ano promoveu Michael a

A VIDA DE FARADAY

(MICHAEL FARADAY — 1791-1867)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre)



MICHAEL FARADAY

"aprendiz gratuito" de encadernador em seu estabelecimento.

O novo emprego foi uma preciosa dádiva dos deuses para Michael. Pois lhe ensejou a oportunidade de conhecer não só o exterior, mas também o interior dos livros. Lia nas horas vagas todos os volumes que vinham à livraria para serem encadernados, e assim via desenrolar-se diante de seus olhos um novo mundo de encantamento. "Eu gostava particularmente de ler os livros científicos que me caíam nas mãos", conta-nos ele; "e, entre todos, deliciaram-me as Palestras sobre Química de Marcet e os artigos científicos da Encyclopaedia Britannica". Orientado pelas leituras, realizou "experiências químicas simples, cujo custo não passasse de alguns vinténs por semana". Também fabricou "uma máquina elétrica, primeiro com um frasco de vidro, depois com uma verdadeira bobina".

Um dia, passando perto de Fleet Street, viu num cartaz o anúncio de uma série de conferências sobre filosofia natural, a serem pronunciadas por Mr. Tatum — preço, um xelim por conferência. Faraday ardia em desejos de assistir às palestras, mas não dispunha de tempo nem de dinheiro para isso. A sorte, porém, estava de seu lado, pois tanto o patrão como o irmão mais velho vieram em sua ajuda. Mr. Riebau permitiu-lhe generosamente que se ausentasse do trabalho; e Robert, com igual generosidade, forneceu-lhe o dinheiro de entrada.

E assim Faraday teve mais um ensejo de pregar a ciência, e deu mais um passo na direção da sua carreira futura. Mas até então ele ainda não sonhara que viria a ser um dos grandes pioneiros da ciência. Esperava continuar toda a vida um encadernador — um homem ligado apenas superficialmente ao mundo das

idéias. Terminada a aprendizagem em casa de Mr. Riebau, foi promovido ao posto de encadernador-jornaleiro a serviço de M. de la Roche — um francês que não tinha nem a compreensão nem a inteligência de Mr. Riebau. Depois de uma breve e desagradável tentativa, Michael deixou o patrão e começou a procurar trabalho em outra oficina de encadernação.

Foi um momento crítico para ele. Seu pai morrera, e a mãe se achava na mais profunda miséria. E por mais que tentasse, não conseguia encontrar trabalho como encadernador. Que fazer?

Essa foi uma das horas mais negras de sua vida, — e a precursora de um dos seus dias mais felizes. Pois, quando procurava desesperadamente o caminho através da noite, o famoso cientista inglês Sir Humphry Davy realizou a sua maior descoberta — a descoberta de Michael Faraday.

II

"Lutar desesperadamente para vencer — e não contar com a vitória". Foi esse o lema de Faraday a vida inteira, e foi de acordo com esse lema que ele veio a travar conhecimento com Sir Humphry Davy. Nos seus tempos de aprendiz, assistiu a algumas conferências de Sir Humphry e copiara-as com primorosa caligrafia, reunindo-as em volume de atraente encadernação. Enviou agora essas anotações a Sir Humphry — Michael era modesto mas não tímido — e respeitosamente solicitou ao grande cientista um emprego em seu laboratório. Não esperava resposta a esse pedido, pois não tivera resposta a um pedido semelhante, feito a outro cientista — Sir Joseph Banks. Mas, para sua grande surpresa, não só obteve resposta de Sir Humphry, como também um emprego. Oficialmente o seu novo cargo era o de aju-

dante de Sir Humphry no laboratório do Instituto Real. Na verdade os seus deveres consistiam em lavar as garrafas, lustrar as escrivatinhas, limpar os tinteiros e varrer o assoalho do laboratório. Faraday fora promovido de encadernador a zelador.

Mas, em breve, pôde mostrar a Sir Humphry que era muito mais do que um zelador. Seu espírito vivo, sua capacidade analítica e suas sugestões deferentes mas úteis revelaram nele um companheiro de excursão "em regiões ainda inexploradas" e de leitura do "que ainda não foi lido nos manuscritos de Deus". Sir Humphry permitiu-lhe que tomasse parte ativa em seus experimentos. Algumas vezes, tanto Davy como Faraday sofreram acidentes, mas, por sorte, nenhum de grande importância. "Dêsses", escreveu Faraday a seu amigo Benjamin Abbot, "o mais terrível foi... quando um composto de cloro e azoto... explodiu... A explosão foi tão rápida que me rasgou a mão... e arrancou-me um pedaço de unha... Sir Humphry recebeu diversos talhos nas mãos e no rosto...".

E assim trabalhavam ombro a ombro — amo e criado, ou antes, mestre e discípulo — explorando os mistérios da natureza, interpretando-lhe os símbolos e domando-lhe as forças. E quanto mais trabalhavam juntos, mais o mestre confiava no discípulo. Dentro de poucos meses, Sir Humphry estava tão convencido da capacidade de Faraday que o convidou a acompanhá-lo como seu "assessor filosófico" em uma série de conferências pelas principais cidades da Europa.

Para o filho do ferreiro, que tinha vinte e dois anos e nunca se afastara do horizonte londrino, essa viagem continental era um verdadeiro milagre. Partiu na quarta-feira, 13 de outubro de 1813. "Esta manhã", escreveu em seu diário, "marca uma época em minha vida".

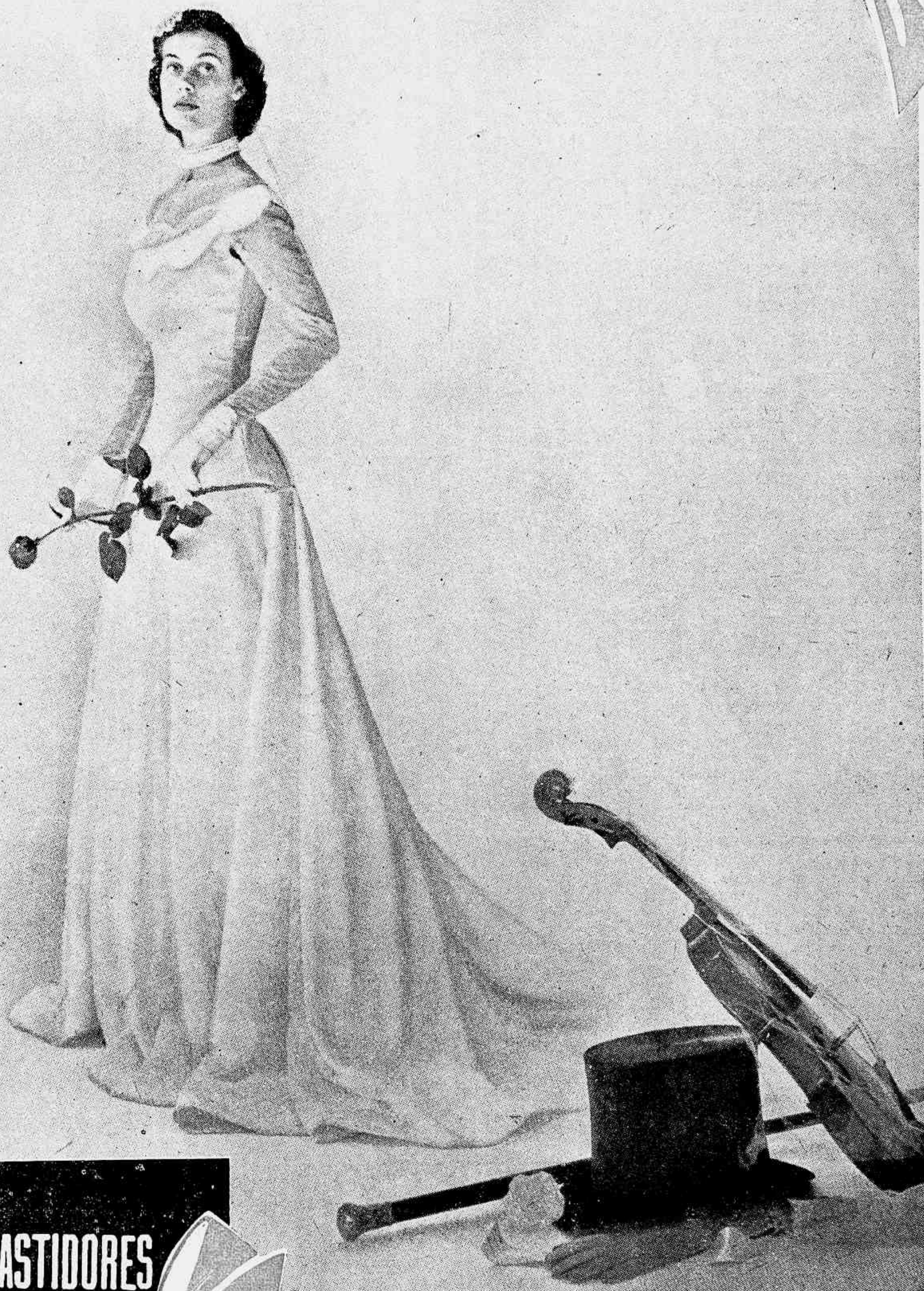
A viagem foi para ele uma fonte de surpresas — algumas agradáveis, outras penosas, mas todas instrutivas. Registrou em seu diário a excitação experimentada ante a "luminescência noturna do mar", a majestade das montanhas, o primeiro pirlampo que viu, a floresta de Fontainebleau "envolta em suas tênues vestes de cristalina geada", a cratera do Vesúvio — "aquê-le abismo sem fundo, que vomita espirais de fumo e saraivadas de pedras em brasa". Em Paris, pôde entrever Napoleão "sentado a um canto da carruagem, coberto e quase oculto por um amplo manto de arminho, e com o rosto sombreado por uma tremenda pluma". Deleitou-o a inesperada nobreza do coração humano ao notar que os cientistas ingleses tinham passaporte livre em França, embora os exércitos ingleses estivessem combatendo contra os franceses. E exasperou-o a inesperada baixeza do coração humano ao observar a atitude de Lady Davy para com ele. Conquanto Faraday fosse agora admitido em toda parte como assessor filosófico de Sir Humphry, Lady Davy tratava-o como laçao do marido. "Ela gosta de mostrar a sua autoridade", escreveu ele a Abbot, "e parece pôr todo o seu zelo em mortificar-me". Aproveitava as menores ocasiões de "mostrar-lhe o seu lugar", esquecendo que também o marido se erguera de uma posição semelhante havia muito pouco tempo. Por fim Mrs. Davy chegou ao cúmulo da mesquinhez. Foi em Genebra. O filósofo genebrino professor de la Rive tinha convidado Faraday, assim como os Davys, a jantar. Reservara-se um lugar à mesa para Faraday, como reconhecimento de sua posição de igualdade em face do resto dos convidados. Mas Lady Davy se opôs. Insistiu que Faraday era criado de seu marido, e como tal devia ser obrigado a comer com os outros criados.

O professor de la Rive, para mostrar a revolta que lhe inspirava o comportamento de Lady Davy, mandou que fosse servido o jantar a Faraday em uma sala à parte, como convinha à dignidade de "um jovem filósofo solitário que vivia acima das mesquinhas disputas de seus semelhantes".

Faraday trouxe a humilhação com um salutar condimento de filosofia. O incidente lhe subministrara os dados para uma nova e interessante observação científica. O espírito humano — observou — é uma singular combinação de sublimidade e lama.

III

Na primavera de 1815, Sir Humphry e seu auxiliar partiram de regresso à Inglaterra. "Pode ter certeza", escreveu Faraday apressadamente à sua mãe, "que os meus primeiros momentos serão passados (Continua na pág. 48)



NOS BASTIDORES FEMININOS

CARTA A UMA FILHA — Querida, vais casar. Pelo que sempre te falei sobre o assunto, não ignoras ser esse o passo mais importante da tua vida. Casas-te com o homem que escolheste; com o homem que consideras capaz de te fazer feliz e a quem, naturalmente, também pretendes fazer feliz. Acredito no acerto da tua escolha, porque soubemos, eu e teu pai, inculcar no teu espírito e na tua mentalidade, qualidades que te fazem apta a uma escolha acertada.

Além disso, procuraste encontrar no teu futuro esposo, as qualidades que já havias observado em teu pai; nobreza de caráter, finura, distinção não faltam ao teu noivo. Não podes, portanto, fracassar, minha filha. Se soubeste escolher o homem que irá ser o teu companheiro para toda a tua vida baseandote no exemplo e nos ensinamentos que recebeste em casa também, baseandote ainda nesses exemplos e nesses ensina-

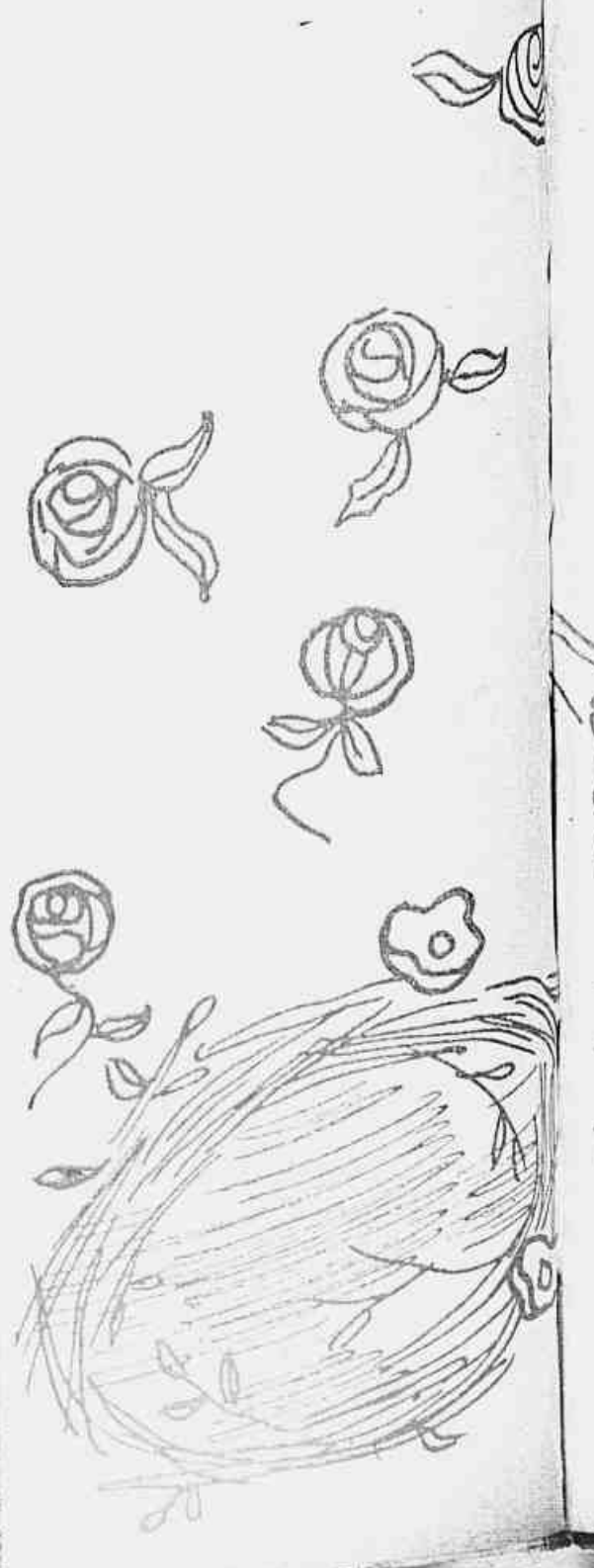
mentos, saberás adotar a atitude que a ti convém. Saberás criar, em teu lar, um ambiente agradável, onde o amor, a compreensão e a harmonia andarão sempre juntos.

No casamento, como em qualquer outra coisa, precisamos de força de vontade, espírito de luta e caráter. Só assim poderemos aplainar as dificuldades que possam surgir na construção de uma base sólida e duradoura.

Encare o teu marido como o teu companheiro para todas as ocasiões; procure ser-lhe útil quando precisar de ti; amável quando precisar de conforto, forte e corajoso quando ele precisar de estímulo. Que te encontre sempre bem disposta, bem arrumada e sempre pronta a sair quando ele tiver vontade de sair ou a ficar em casa quando ele tiver vontade de ficar em casa. Sabes muito bem que as horas mais felizes são aquelas em que vivemos a sós, ao lado de quem amamos e sabes também que o que nos aproxima mais um do outro, são justamente esses momentos de entendimento, onde as predileções e as preferências de ambos encontram um campo aberto para agradáveis palestras ou agradáveis momentos. A música, a leitura, a conversação, são distrações que muitas vezes, senão sempre, proporcionam um prazer maior do que noitadas em "boites", etc. Cultiva com amor esses prazeres; faça com que em casa ele se sinta feliz, inteiramente feliz ao teu lado. Não pense, porém, que devam viver isolados. Os amigos, os bons amigos, é claro, são necessários. Reuni-os em casa ou visitá-los de vez em quando, também é salutar. Enfim, minha filha, creio que em todos estes anos de vida colheste exemplos bastante que te habilitem a ser uma esposa exemplar e, naturalmente assim sucederá... Tua mãe. — O. B.

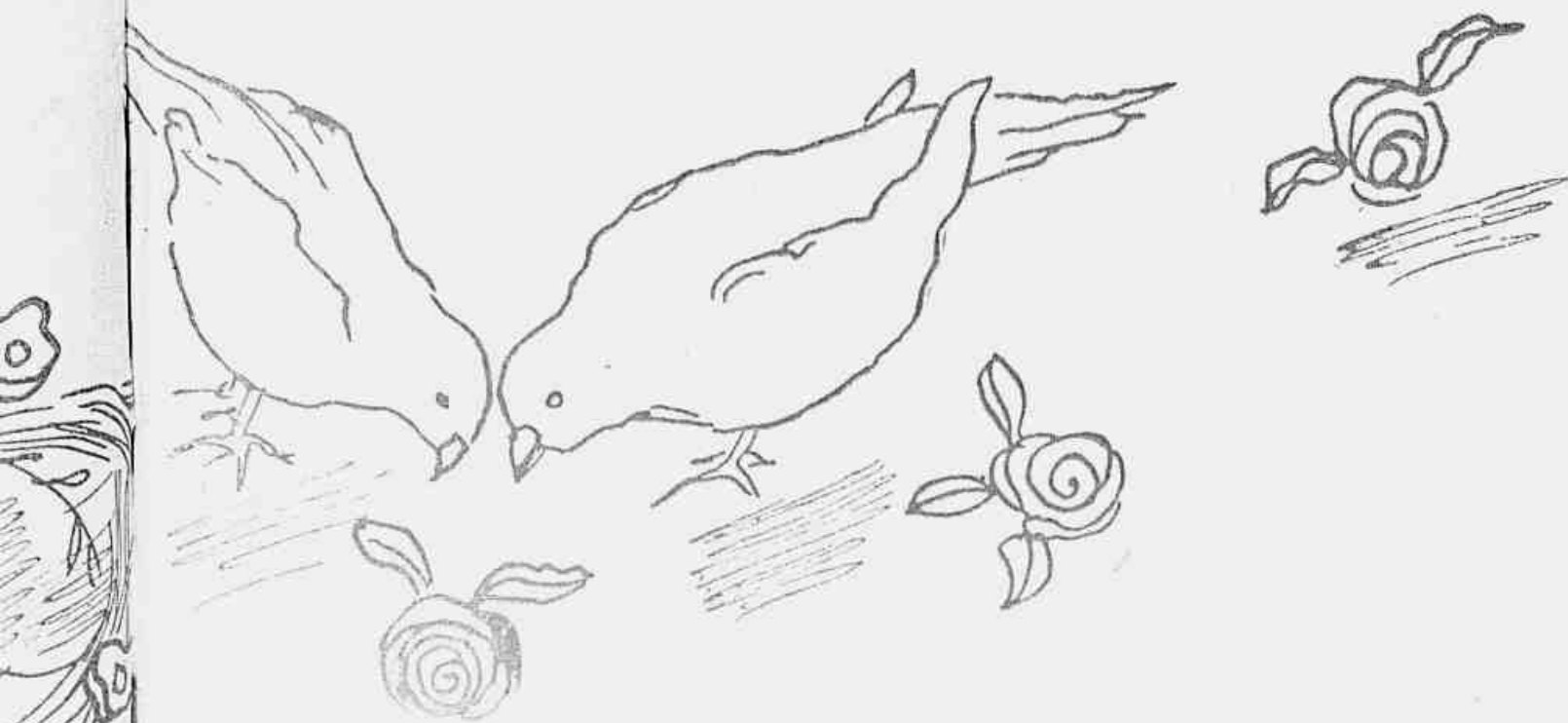
PARA AS MUITO

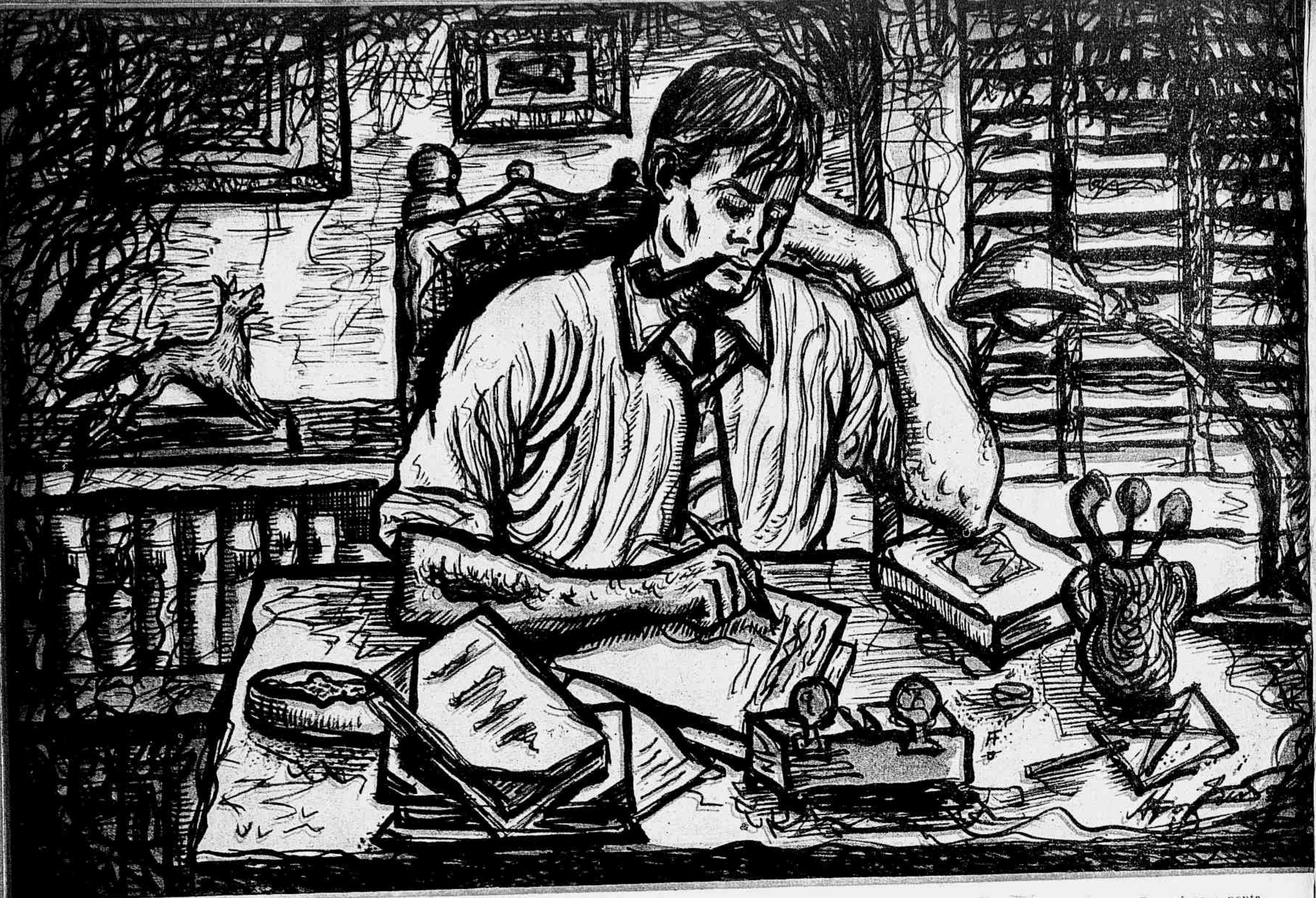
No End





SE você ainda não passou dos vinte anos, escolha, para o seu "grande dia", um modelo que a faça ainda mais jovem e graciosa. Deixe os modelos pesados para as mais velhas e escolha um que vá bem com a sua frescura e a sua mocidade. Use véus curtos, de preferência, e à cabeça pequenos toucados. Os modelos aqui apresentados foram selecionados especialmente para você, noiva de vinte anos...





VARIAS histórias contam como o Demônio foi ludibriado em suas terríveis negociações. A alma! A alma sempre, em troca de quaisquer poderes ao miserável ser que é o homem.

Mas a alma já é uma grande coisa, tão grande interesse tem por ela o Demônio que não somos assim tão insignificantes e míseros. E são tão numerosas essas histórias... que se não sabe, à vista de tantas artimanhas, qual seja a verdadeira vítima: o homem ou o Diabo.

Excluindo aqueles que não crêem no Demônio, espero interessar-vos com uma narrativa em que o homenzinho, com um foguinho azul que tem o pequenino nome de alma, passou mais uma vez a rasteira no grande Diabo. Contou-me ele próprio — o Demônio.

★

Uma noite, divorciado de quaisquer idéias, tendo já, inutilmente, rabiscado várias folhas de papel, resolvi sair.

Desci a minha rua sombria, com o cachimbo na boca, apagado como os meus pensamentos. Mal atingi o quarteirão seguinte quando um guarda-noturno passou por mim como o vento. Nunca vi, e sempre me pareceu impossível, um homem cheio de capotes e perneiras e uma trouxa de inutilidades, correr daquela maneira: o homem voava.

Uma idéia acendeu-se-me no cérebro inativo: estamos na era da jacto-propulsão, e nada é estranho... Sorri e continuei a descer...

No outro quarteirão um sujeito atropelou-me com tanta violência que me atirou ao meio da rua; e, como um tanque que atravessa a cerca de um galinheiro, decolou, desaparecendo nas sombras.

— Que diabo! — pensei. — Ainda se o guarda corresse atrás de um homem, ou se esse homem estivesse atrás de uma mulher, vá lá...

E quando apanhava o meu cachimbo numa mancha de óleo, o que me enfureceu ainda mais, um caszinho riscou as sombras perto de mim, tão rapidamente que dava a impressão de estar a mulher sem saia e o homem a rebecá-la furiosamente para o objeto imaginário que lhes voava à frente.

Limpendo a minha preciosidade do óleo de automóvel, inconscientemente, continuei a descer a rua. Guardei o lenço, enchi o cachimbo de fumo e cheguei-lhe fogo.

Na metade do outro quarteirão, no muro baixo de um terreno vazio, vi um homem sentado. Avancei. Olhei-o bem de frente e perguntei-lhe:

— Você não corre também?

— Correr?! — respondeu meio incrédulo... — Boa idéia! — gritou de repente.

O CIENTISTA

CONTO DE AGENOR BARBOSA JÚNIOR

E despencando do muro pôs-se a correr à minha volta, como um louco, cada vez mais depressa, rápido, furioso.

Deu umas tantas voltas em grande velocidade, quase me deixando tonto por querer acompanhá-lo com a vista e, subitamente, pulou para o muro como se nada tivesse acontecido, ágil como um gato cheio de gás. "Loucura bem feita", pensei.

De cima do muro ele abanou a cabeça e disse:

— Não serve. Não adianta.

— Não adianta o que, homem?!

— O que? O que? O que? Correr! Não viu?!

— Ah!...

— Ah! O que?! Compreendeu alguma coisa? — interpelou-me irritado.

— Que você precisa fazer alguma coisa melhor!

— E? — confirmou contrariado.

— E o que pretende fazer? — eu estava curioso; tipo bem esquisito.

— Que pretendo? Que pretendo? Não sei! — gritou.

— Talvez eu possa auxiliar...

— Ah! ah! ah! ah! ah! ah! — riu-se de uma maneira enervante, penetrante, dando uma pirueta no ar e sentando-se outra vez no muro.

— Bem... — eu preferia ir-me. Mas ele falou:

— Viu? Viu só? Viu só a que ponto eu cheguei? Eu! Eu! Eu, o Grande, como palhaço de circo! Palhaço! Palhaço! — gritava numa voz esgançada.

— "Louco", pensei.

— Olhe. — Mostrou-me uma pequena cruz que segurava com os dedos pontudos.

— Olhe! Olhe só! Vê? Nem isso! Nem isso!

— Escute. — Eu perdi a paciência. —

Afinal quem é você e o que quer fazer?

— Eu? Eu? Então não sabe?

— Não! — gritei também.

Ele pulou para o meu lado e com um tremendo estouro apareceu-me com a clássica vestimenta: o Demônio! O Demônio na minha frente, horivelmente trajado, arreganhando-se num sorriso cinico.

— Então?! — gritou.

— Então o que?!

Ele saltou para o muro, tomado de uma raiva violenta, e falou, gesticulando os braços compridos:

— Viu? Viu? Não é de desesperar? Então? Então? Que fazer? Que fazer? Nada!

Nada mais... Até você! Até você já não tem medo de mim! Nem para assustar! Nem para isso eu sirvo mais!

Cruzou as pernas, apoiou o queixo pontudo nas mãos e, coçando a barbicha pontuda, exclamou:

— Eu estou desesperado! Desesperado!

— O que aconteceu? Perdeu o caminho de casa?

— Não brinque. Não brinque. Muito pior! Muito pior!

— E o que foi?

— Ainda quer me ajudar? — apontou-me com a unha fina.

— Não vejo razão...

— Razão! Razão... E' isso mesmo Razão!

— Se quiser contar o que houve. Foi tapeado outra vez?

— Fui! Fui sim! — Deu socos e pontagões no muro e tornou a gritar:

— Fui! Fui sim! Tapearam-me! Ludibriaram-me! Roubaram-me!

— Isso de roubar, eu não sei, mas não vejo que seja a primeira vez que o enganem...

— Mas desta vez, desta vez, não sei o que fazer!

— Mas você nunca fez nada das outras vezes! Meteu o rabo no meio das pernas e foi embora...

— Rabo! Rabo! Até isso me pintam os homens! Depois, eu sou o sabido! O sabido! Eu! — Ficou em pé sobre o muro berrou ainda mais alto:

— Eu tenho rabo!?

— Ah! Então foi isso que lhe aconteceu... Cortaram-lhe o rabo!?

— Bah! Deixe de brincadeira.

— Escute aqui, velhinho: se você fosse mesmo o Diabo...

— Diabo não!

— Se fosse o Demônio...

— Vá lá...

— ...não teria essa cruz na mão!

— E'... antes ela me apavorava. Hoje não! E tudo por que? Tudo por que?

— Você tem a memória fraca ou a língua engastanha-lhe nos dentes para repetir tudo o que diz?

— A língua? A língua?

Tirou-a da boca, mostrou-ma balançando entre os dedos, e depois de recolocá-la disse:

— E agora, acredita?

— Sim, não duvido. Mas vamos ao que foi...

— Ao que foi, ao que foi... — Tirou a língua de novo, examinou-a detidamente, cravou-lhe as unhas e engoliu-a outra vez:

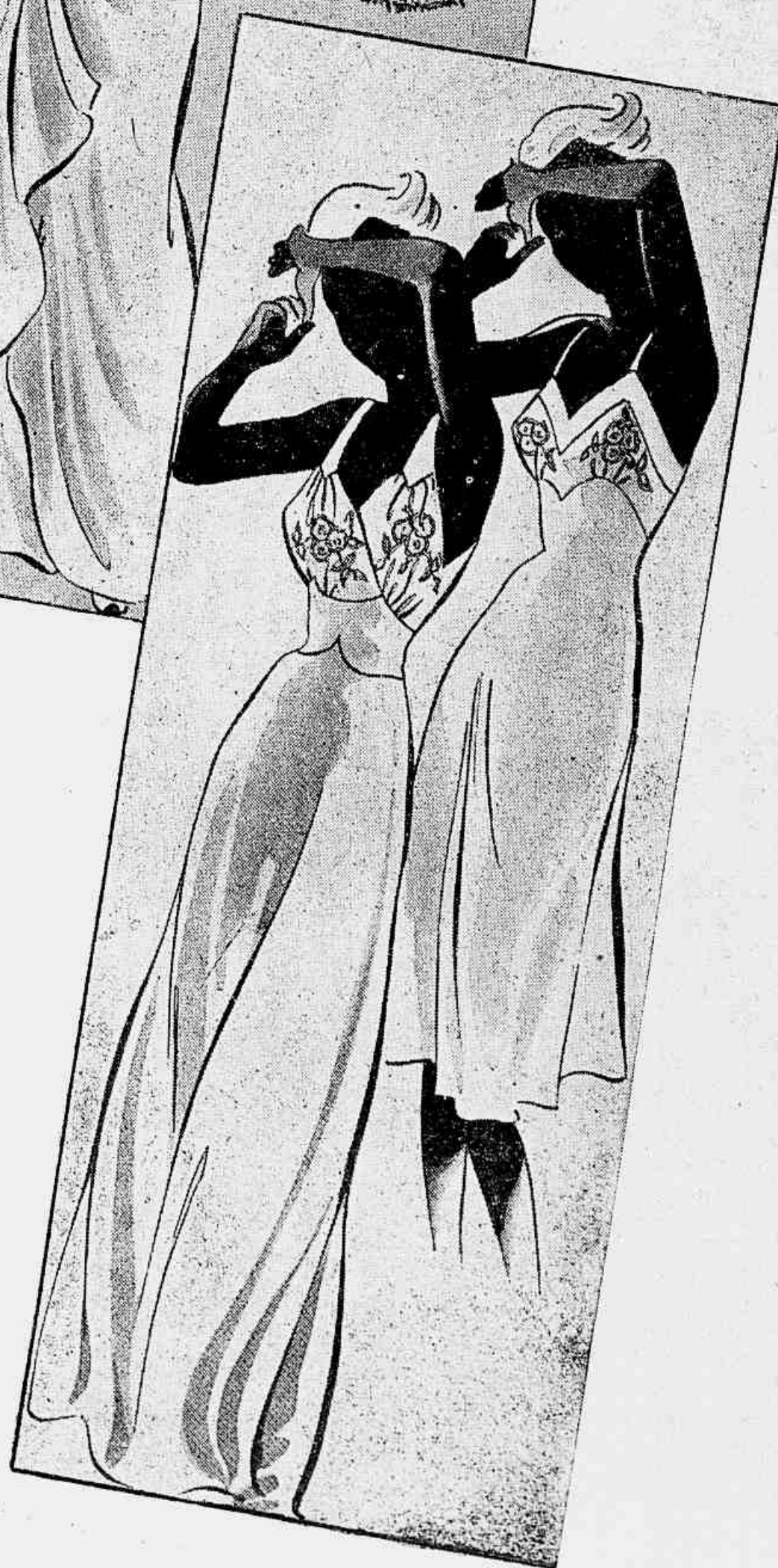
— Agora sim! — ele disse.

— E então?

— Eu, como você sabe, tenho vindo várias vezes ao mundo; para o meu negócio de sempre. A alma, contra qualquer poder ou poderes que me pegam. Enquanto vivem, fazem o que bem entendem; depois que morrem, mando eu! Bem, essa história você já conhece. E, na maioria das vezes, eu fui logrado; e muitas outras almas escaparam-me, inexplicavelmente, quando eu as conduzia rejubiloso... perdi muitas assim. E as que restaram, nada

(Continua na pág. 48)

Para o seu enxoval

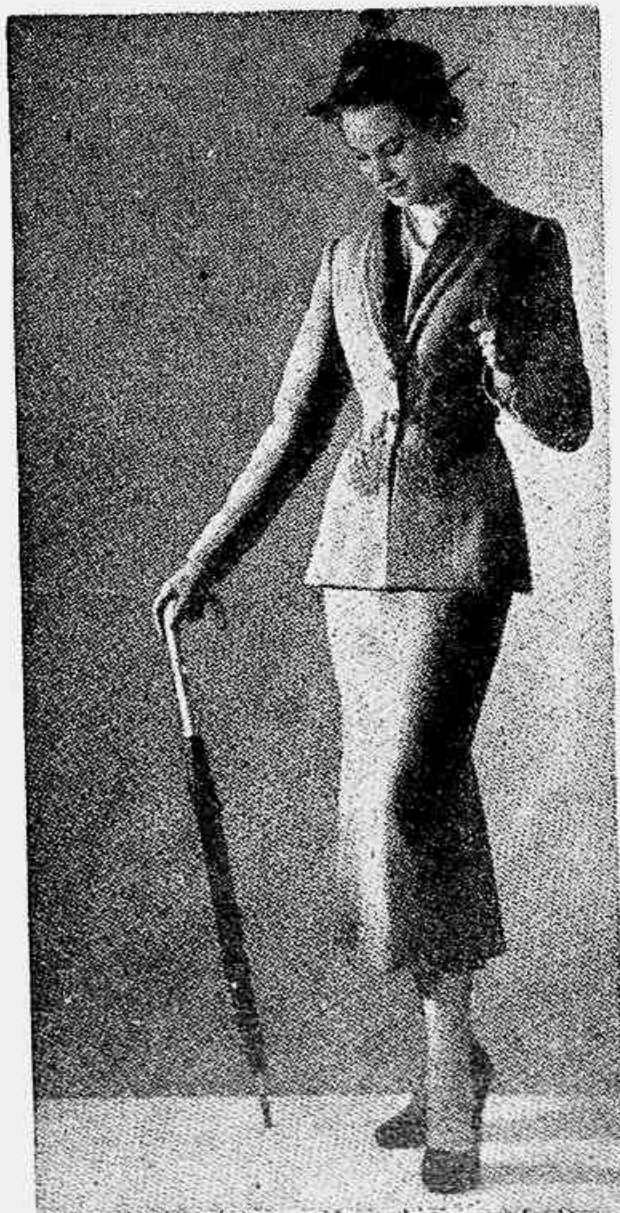
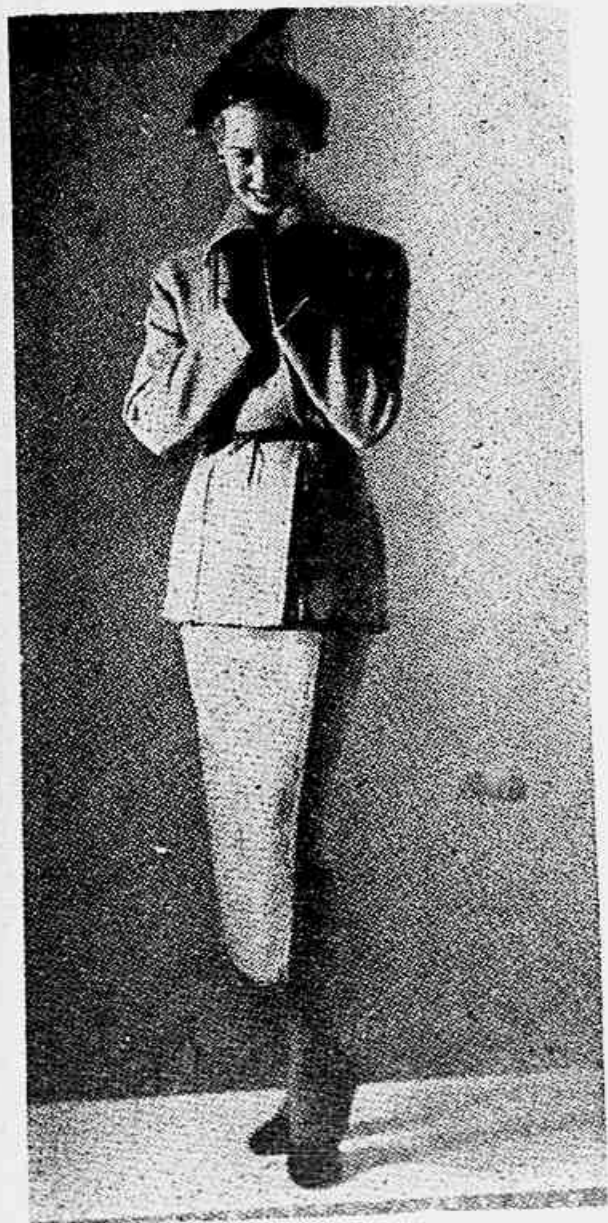


A importância da lingerie não é desconhecida pelas noivas. Ela, como sabem, desempenha grande papel num enxoval, revelando o bom gosto e a feminilidade de sua dona. Para ajudá-la, indicamos aqui alguns conjuntos, executados em mousseline, cetim lingerie e crepe lingerie, enriquecidos por incrustações ou rendas.



Modelos para a rua, para pequenas reuniões, para teatro, de tudo deverá haver um pouco no seu guarda-roupa de noiva elegante. É preciso que você sempre esteja convenientemente preparada e mais vale pensar nisso agora. Os modelos destas páginas foram rigorosamente selecionados para fazerem parte do seu "trousseau".

"trousseau"



De LUCILE D'ARLEMONT

Ela era jovem, bela, morena de olhos de andaluza. Sonhava com um casamento venturoso, sua casinha bem arrumada, flores e janelas enfeitadas de cortinas. Falava à irmã mais velha sobre os sonhos que nutria. A outra era noiva e se casaria dentro em pouco. Casamento de muito gosto. Sempre que iam ao cinema, nossa heroína voltava a suspirar pensando que, um dia, alguém valente e forte como aquele mocinho havia de torná-la orgulhosa e feliz.

Certo dia uma cigana lhe leu a mão. "Vai ser namorada, brevemente, de um moço rico e bonito. Casará e será muito feliz."

Dias depois notou que um jovem a olhava intencionalmente. Também simpatizou com ele. Trabalhava na mesma companhia, em seção diferente. Aproximaram-se. Conversaram. Ele pagou sorvete um lanche na leiteria vizinha. Mas... oh! decepção! Ele era casado! Mulher e sete filhos, estando um com dois meses de nascido!

Ela sentiu o coração sangrar e uma revolta instintiva no mais fundo de sua alma de mulher ludibriada. Reprovou-lhe o procedimento irregular. Ofendeu-o com palavras fortes. Ele não se deixou vencer. Prosseguiu no objetivo condenável. E tantas coisas amenas lhe disse que ela concordou, mesmo assim, em amá-lo...

Os pais da jovem se alarmaram. Aquêl amor seria um desastre de consequências imprevisíveis para a filha ingênua e confiada. A irmã mais velha, já então casada, chamou-lhe a atenção. Ela insistiu em manter aquêl amor censurável e impossível.

Os pais a afastaram do emprego. Mas aquêles dois corações já estavam literalmente atingidos pela seta de Cupido e sabiam como contornar todos os obstáculos. Continuaram a passear juntos, a ir a cinema, a lanchar...

Nas confidências entre ambos, verificaram que aquilo devia acabar, para sempre... Mas, como? E combinaram o remédio.

Numa tarde em que ele se afastava de casa, alegando que iria pernoitar fora, por motivo de serviço, seu filho mais velho, com oito anos, se tanto, pediu que, ao regressar, lhe trouxesse umas uvas. E o pai prometeu satisfazer o pedido.

E lá se foi. No centro da cidade, ela já o esperava. Saudaram-se jovial e alegremente. Quem os visse não diria que tinham no íntimo, a tortura de um drama pungente.

Tomaram uma barca e se dirigiram à Ilha do Governador. A noite caía, silenciosamente. Por detrás das montanhas da Tijuca, o sol se despedia inundando a natureza de ouro e sangue. Eles olharam o espetáculo deslumbrante, o fundo escuro das serras, o casario da cidade distante, as manchas verticais dos arranha-céus que a penumbra começava a envolver e a provocar luzes esquivas.

Saltaram a sorrir, mãos dadas, como dois enamorados felizes a procurar seu ninho de amor e de sonhos azuis.

Mas, no dia seguinte, os jornais publicavam mais uma tragédia entre amantes. Uma jovem morena, bela, de olhos de andaluza, suicidara-se ao lado de seu amado, num recanto bucólico da Ilha. Era ela, a nossa heroína, que cumpria o pacto de morte, junto ao homem que lhe oferecera a felicidade para obter os seus carinhos.

E na voragem daquela desilusão, falhou a profecia da cigana; falhou a promessa do pai que prometêra uvas ao filhinho, falhou a precaução dos genitores da suicida; falharam os conselhos da irmã; falhou o juramento matrimonial daquela mulher, perante Deus e perante a Lei; falhou a resistência moral daquela jovem, destruindo, ingloriamente, sua vida em flor, imolada, tão cedo ainda pela falta de virtudes que são o pararraio dessas decisões covardes.

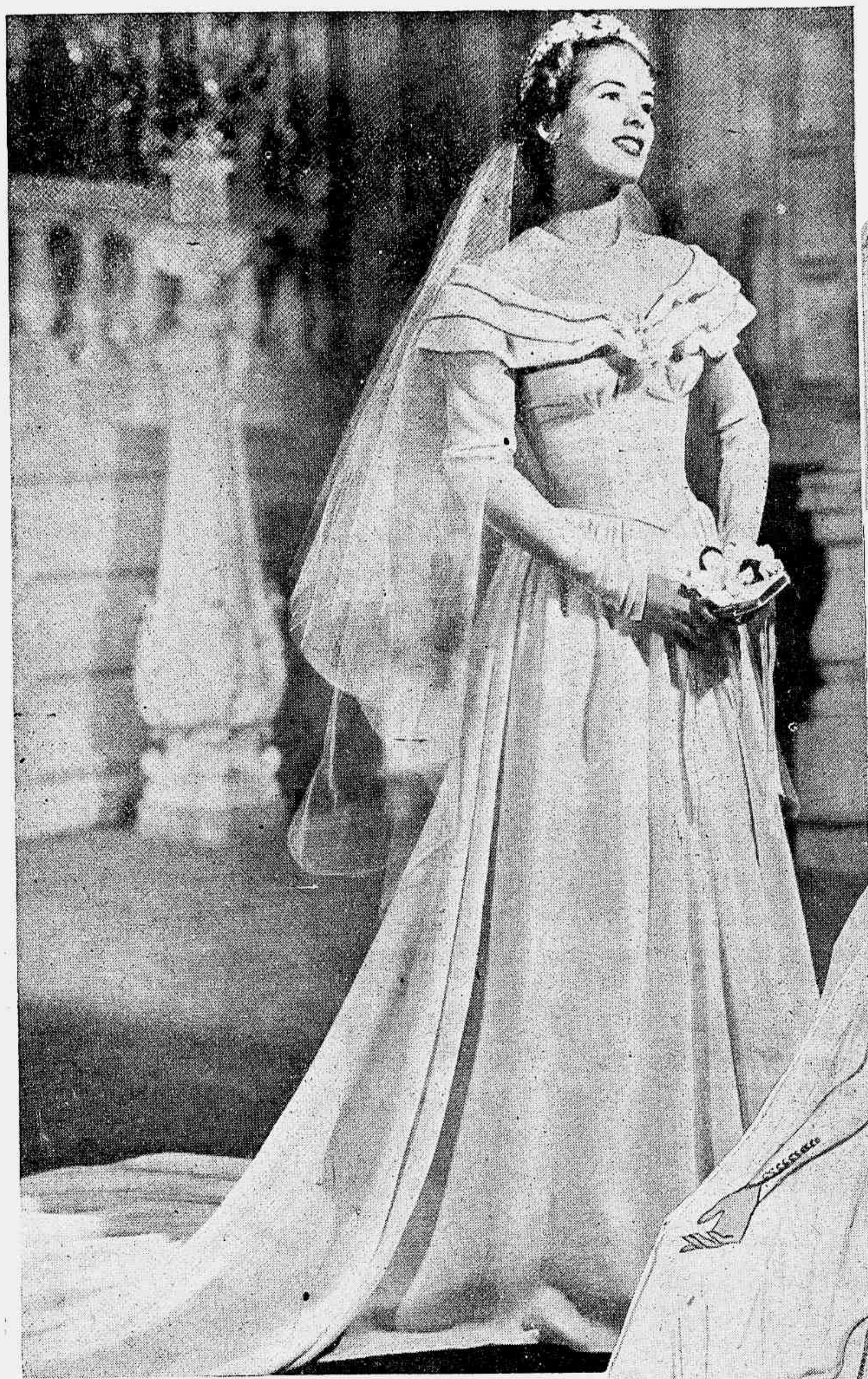
O amor é assim...





Estilo

Se você tem pelo menos 1,60 de altura, se tem um porte elegante, se sabe usar, com distinção, uma grande "toilette", prefira então para o seu vestido de noiva, um modelo em grande estilo... Sua distinção, sua elegância e a sua beleza serão assim realçadas, fazendo de você uma noiva... inesquecível. O brocado, a renda e o cetim são os tecidos favoritos para esses modelos. Dignas de serem copiadas são as elegantíssimas sugestões apresentadas nestas páginas.





Na esplanada do castelo de Elsenor, Hamlet encontra-se com o fantasma de seu pai, tal como o havia descrito Horácio. Com um gesto, o espectro pede que o acompanhe. "Vai! Vai! Sigo-te!" — responde o Príncipe. Na página à direita: A trágica morte do pai e o, inexplicável procedimento de Hamlet para com ela, arrastam Ofélia à loucura. Num de seus descuidados passeios, enquanto distribuía flores e cantava antigas árias, a donzela se afoga num riacho...

HAMLET

Original de
WILLIAM SHAKESPEARE

Numa realização de
J. ARTHUR RANK



Laertes, de partida para a França, onde vivia, despede-se do pai e da irmã — Polônio e Ofélia. "Acima de tudo, se leal a ti mesmo! E daí, vira, como vem da noite o dia, que aos outros homens nunca serás faltoso" — aconselha-lhe o velho.

LAURENCE OLIVIER, produtor e diretor, apresenta:

EILEEN HARRIE como Gertrudes, a Rainha
JEAN SIMMONS como Ofélia, filha de Polônio
NOMAN WOOLAND como Horácio, amigo de Hamlet
BASIL SYDNEY como Cláudio, o Rei
FELIX AYLMER como Polônio, o camareiro-mór
TERENCE MORGAN como Laertes, filho de Polônio



Película Two Cities, distribuída pela
UNIVERSAL-INTERNATIONAL



Texto de CHARLES e MARY LAMB
Tradução de SÉRGIO CARDOSO
Legendas segundo a versão de TRISTÃO DA CUNHA

GERTRUDES, Rainha da Dinamarca, antes que se passassem dois meses desde a súbita morte do Rei Hamlet, seu espôso, casa-se com Cláudio, seu cunhado, numa união considerada por todos os súditos como incompreensível ato de indiscrição, indiferença ou coisa muito pior. Isto, sobretudo, porque Cláudio, seja como figura, seja como caráter, em nada lembra o pranteado Rei. Muitos chegam mesmo a suspeitar haja ele assassinado o irmão para desposar a viúva e subir ao trono da Dinamarca, excluindo Hamlet, filho do soberano morto e legítimo herdeiro da coroa.

Ninguém, entretanto, fica mais impressionado com o estranho procedimento da Rainha como o jovem Príncipe que ama e venera a memória de seu pai até quase a idolatria. "Como é possível que tu, filho do Rei, não sejas mais leal a ele?" — pergunta a Ofélia, filha de Polônio, a irmã de Hamlet.



"Ninfa, em tuas orações recorda os meus pecados todos!" Ofelia não entende como Hamlet possa lhe falar com tamanha doçura, depois de ser tão rude para com ela...

panhe.
quanto

todos!"
ur com
ela...





Durante a representação, Hamlet observa as reações de Cláudio. O fantasma não mentira, pois o assassino, não suportando a exibição de seu próprio delíto, retira-se precipitadamente

por norma de suas ações o decôro, a indigna conduta de sua mãe fere-o profundamente no coração, a tal ponto que, com a dôr pelo desaparecimento do pai e a vergonha pelo casamento da mãe, uma enorme melancolia o prostra. Abandonando sua paixão pelos livros, os prazeres e distrações próprias de sua mocidade e de sua posição convertem-se em fúteis distrações, incapazes de ocupar seu pensamento. Hamlet aparta-se então do mundo, que para ele parece um horto abandonado, devolvido às urzes, apenas ocupado de coisas naturais, grosseiras e soezes. Mais que o ver-se espoliado em sua herança legal, o trono (por si só já uma amarga afronta à sua dignidade e orgulho) sufoca-lhe o espírito a idéia de que sua mãe se mostre tão ingrata à memória do pai, seu boníssimo pai, marido sempre terno e carinhoso. Ela, que há dois meses, se tanto, nunca deixara de ser amante e esposa submissa, casará-se outra vez! E com o próprio irmão de seu querido esposo! União indigna e condenada não só pela proximidade do parentesco como, acima

de tudo, pela execrável pressa com que se efetuou...

Inutilmente, o Rei e a Rainha tentam distraí-lo. Hamlet continua aparecendo na corte vestido todo de preto, não querendo abandonar o luto nem mesmo em honra de sua mãe, no dia das bodas, negando-se a participar das solenidades, celebradas, segundo lhe parece, em tão infesta ocasião.

O que mais o perturba é o mistério que paira sobre a morte do pai. Cláudio fizera propalar que uma serpente o havia mordido, mas Hamlet suspeita que tal serpente seja o próprio usurpador.

A quase certeza de tais conjeturas, aliada ao pensamento em sua mãe, o amarguram e confundem. Estaria ela a par do crime ou não? Tal crime havia sido cometido com ou sem o seu consentimento?

Certo dia, chega a seus ouvidos a notícia de que uma aparição, em tudo semelhante ao falecido Rei, seu pai, fôra vista pelas sentinelas de uma das esplanadas do castelo, a meia-noite, por três vezes seguidas. A visão estaria vestida, da cabeça aos pés, com a armadura que o monarca usava sempre. Aquêles que a tinham visto, entre os quais estava Horácio, amigo íntimo do Príncipe, concordavam quanto ao momento e a forma pela qual o espectro se mostrava: ao soar das doze badaladas, com a viseira aberta, rosto mais de tristeza que de cólera, muito pálido, a barba grisalha entre sãble e prata, não respondendo a ninguém, apesar de haver erguido a cabeça, por um momento, como se quisesse falar. Mas, precisamente neste instante, um galo cantára, fazendo-o recuar e desaparecer aos olhos dos presentes!

Hamlet, visivelmente impressionado com tal narrativa, feita com segurança bastante para que sobre ela não recaia a menor dúvida, chega à conclusão de que se

Sob o olhar do Rei e da Rainha, Polônio interroga Hamlet, tentando descobrir a que se deve atribuir suas atitudes melancólicas. Ao desprezado amor de Ofélia? A suspeitas sobre a morte do pai? A simples perda da razão? Na sua premeditada loucura o Príncipe lhe dá respostas desencontradas

tratava do espírito de seu pai e resolve ir, nesta mesma noite, montar guarda com os soldados, dizendo para si mesmo que se o Rei interrompia o sono eterno era porque tinha algum mandato a revelar e, embora mudo até então, a ele com certezaalaria. Com impaciência aguarda, pois, a chegada da noite...

Esta, afinal, chega. E com ela um vento cortando rito... O Príncipe, na companhia de Horácio e de Marcelo, uma das sentinelas, toma seu lugar na esplanada, onde costuma aparecer a fantástica visão. Os três comentavam a crueza do tempo, quando Horácio os interrompe para anunciar a aproximação do espectro.

À vista do espírito de seu pai, Hamlet estremece de espanto e de surpresa. Invoca os anjos e os ministros da graça para que os defendam, sem saber se estava diante de uma aparição salutar ou de um duende subterrâneo, trazido na brisa do céu ou na rajada do inferno. Pouco a pouco, todavia, recobra a coragem. Seu pai o olha com ternura imensa, parecendo querer falar-lhe. Seu aspecto é tão semelhante ao do Rei, quando vivo, que Hamlet quase desfalece. Chama-o pelo nome: "Hamlet! Soberano! Pai!". O espectro acena-lhe, indicando um sítio mais remoto, como se a sós lhe quisesse fazer alguma comunicação. Horácio e Marcelo ainda tentam dissuadir o jovem Príncipe, temendo fôsse aquela uma visão maligna que o arraste até o mar ou o leve para um despenhadeiro onde, assumindo outra forma terrível, lhe roube o domínio da razão, conduzindo-o à loucura. Tais conselhos e avisos, porém, não alteram a decisão de Hamlet. Não preza ele a vida ao preço de um ceítil. Quanto a sua alma, que lhe poderia fazer ele, sendo uma coisa imortal como ele?

A sós, o espírito rompe o silêncio e revela ser o espectro do Rei Hamlet, cruelmente assassinado. Revela ainda os pormenores de sua morte, nas mãos do próprio irmão, Cláudio, que ansiava por sucedê-lo no trono e no leito: adormecido em seu vergel, segundo um antigo



costume, insinua-se o irmão em sua hora de paz, trazendo num frasco o suco da maldita cicuta, vertendo-lhe na concha da orelha a pestilenta essência que, rápida qual mercúrio, corre pelas veias fazendo coagular o sangue e cobre o corpo todo com repugnante crosta de instantânea lepra... Assim, enquanto dormia, fôra por mão fraterna degradado da vida, da coroa e da Rainha! Que Hamlet, pelo amor que lhe dedicara um dia, vingasse o seu monstruoso homicídio!

Lamentando que a esposa se houvesse apartado da virtude, mostrando-se tão falsa às juras que lhe fizera durante as bodas, Hamlet ordena ao filho que se vingue do malvado tio, sem contudo permitir engendrar sua alma nada contra ela. Que a entregue ao céu e a quantos espinhos lhe morem na alma, para feri-la e mordê-la! O Príncipe promete obedecê-lo. E a visão, desbotando-se lentamente, desaparece nas trevas...

Sozinho, Hamlet toma a solene resolução de apagar das tábuas da lembrança todas as doces memórias triviais, todas as sentenças dos livros, todas as imagens, todas as impressões antigas, a fim de que apenas as ordens de seu pai lhe ocupem o pensamento, isentas de associações inferiores. Apenas ao bom amigo Horácio relata o sucedido, fazendo-o jurar, com Marcelo, silêncio absoluto sobre as ocorrências daquela noite maravilhosa.

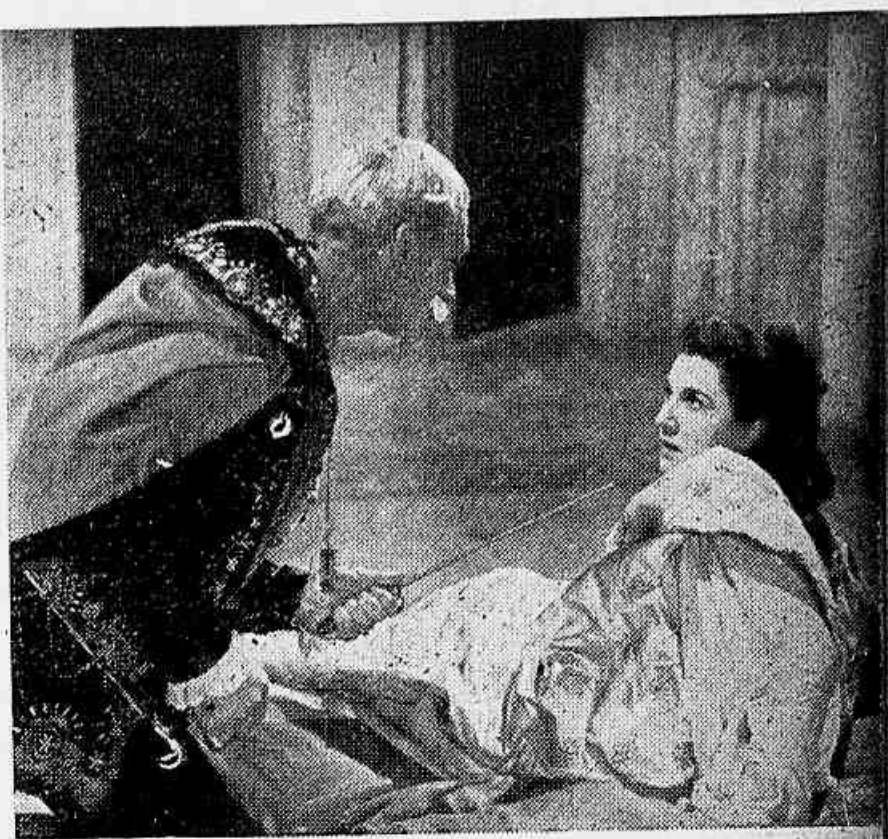
No estado de abatimento e de angústia em que se debatia seu espírito, o aparecimento do espectro real atrai Hamlet às raias da loucura. Temendo que sua razão se afete verdadeiramente e que seu tio possa ficar alerta caso desconfie que planeja alguma coisa contra ele ou que sabe muito mais do que parece sobre a morte do pai, Hamlet decide proceder daí por diante como se houvesse, de fato, enlouquecido. Imaginando-se menos suspeito aos olhos do tio se este o julga incapaz de arquitetar qualquer trama com inteligência, pretende ainda com isso ocultar dos demais a perturbação em que sua alma se debate.

Antes de ser dominado por tamanho desespero, Hamlet amara uma loura donzela chamada Ofélia, filha de Polônio, camareiro-mór do Rei. Escrevera-lhe cartas, enviara-lhe versos e dera-lhe ternas provas de afeto cercanda-a de mil homenagens de amor cavalheiresco. E ela acreditara em suas promessas. Mas, logo tal angústia o prostra, mostra-se bastante indiferente, simulando trata-la com rudeza. Ofélia, todavia, anjo de bondade, em vez de julgá-lo falso, procura convencer-se a si mesma de que sua atitude é fruto de uma razão enferma e dela não se afasta, lamentando apenas que tivesse de vê-lo tão nobre e soberano juízo, sem tom, nem som, como sino de timbre sonoro que toca desabaladamente, e a beleza de tão florida juventude, crestada pela febre do delírio...

Apesar da tremenda missão que lhe fôra confiada não combinar perfeitamente com a doce arte da galanteria, fazendo-lhe parecer agora o amor um sentimento vão, de quando em vez saudosos pensamentos da querida Ofélia invadem Hamlet. Num desses instantes, acusando-se de brutal para com ela escreve-lhe uma carta cheia de protestos apaixonados e, conforme convinha a sua suposta loucura, palavras de sentido estroño, misturando nelas meigas expressões de amor, nas quais se entrevê que seu coração abriga ainda um pouco do antigo sentimento. Roga-lhe que duvide sejam de fogo as esdrúxulas, ande o sol em movimento, seja a verdade verdadeira, nunca, porém, da paixão que lhe inspirava.

Ofélia mostra a carta ao pai. E, o ancião, julgando ser esse o seu dever, a lê para o Rei e a Rainha, atribuindo o desvario do Príncipe ao amor desprezado. Muito quisera a Rainha fôsse a causa do desacôrdo de Hamlet a galante formosura de Ofélia, na esperança de

Iniciando seu plano de ação contra o tio, Hamlet instrui os comediantes sobre a maneira pela qual devem se portar durante a peça que, no palco, figurará o crime do usurpador nos seus mínimos detalhes

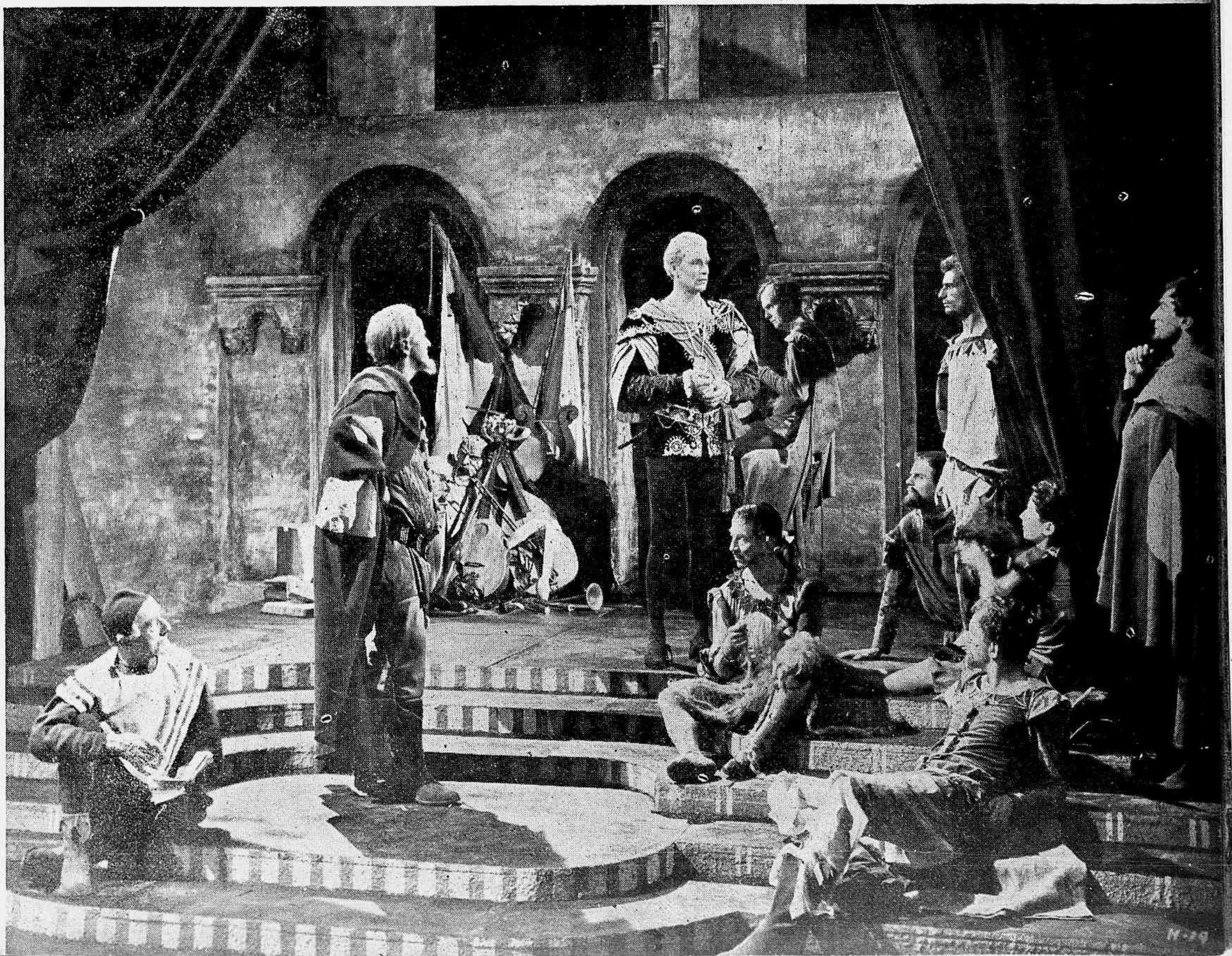


Na câmara da Rainha, Hamlet procura convencê-la do erro em que vivia. Temendo fôsse real sua loucura, Gertrudes grita por socorro. Atrás de um reposteiro uma voz lhe faz eco. "Que é isto? Um rato?" — exclama o Príncipe, desembainhando a espada...

que suas virtudes o reconduzissera ao seu costumeiro estado, para felicidade dos dois.

Enquanto Hamlet, desesperadamente, luta por se decidir, chegam à corte certos comediantes com quem outrora se tinha distraído. Meditando acerca do teatro e do efeito que determinadas cenas, arremedando a vida, exercem sobre o espectador, recorda o caso daquela assassino que assistindo à representação de um homicídio, logo fez confissão de seu crime, impressionado com a dramaticidade da cena e a semelhança entre os detalhes criados pela fantasia e os ocorridos na realidade. Resolve então que aqueles comediantes encenem algo muito semelhante à morte de seu pai, perante seu tio. Observando-o, atentamente, talvez possa concluir, com maior certeza, se Cláudio é ou não culpado. Para tanto instrui os atores e convida o Rei e a Rainha para a representação.

O argumento da peça é o do assassinio de um duque,





Numa explosão de alegria, Hamlet vê confirmadas as suas suspeitas. Horácio a tudo presencia, sempre vigilante...

cometido em Veneza. Gonzaga chamarse esse duque. Sua esposa, Batistina. Conta-se aí como Luciano, o parente mais próximo do duque, o envenena em seu jardim para opedrar-se de seus bens. E como, pouco tempo depois, conquista também a esposa de Gonzaga.

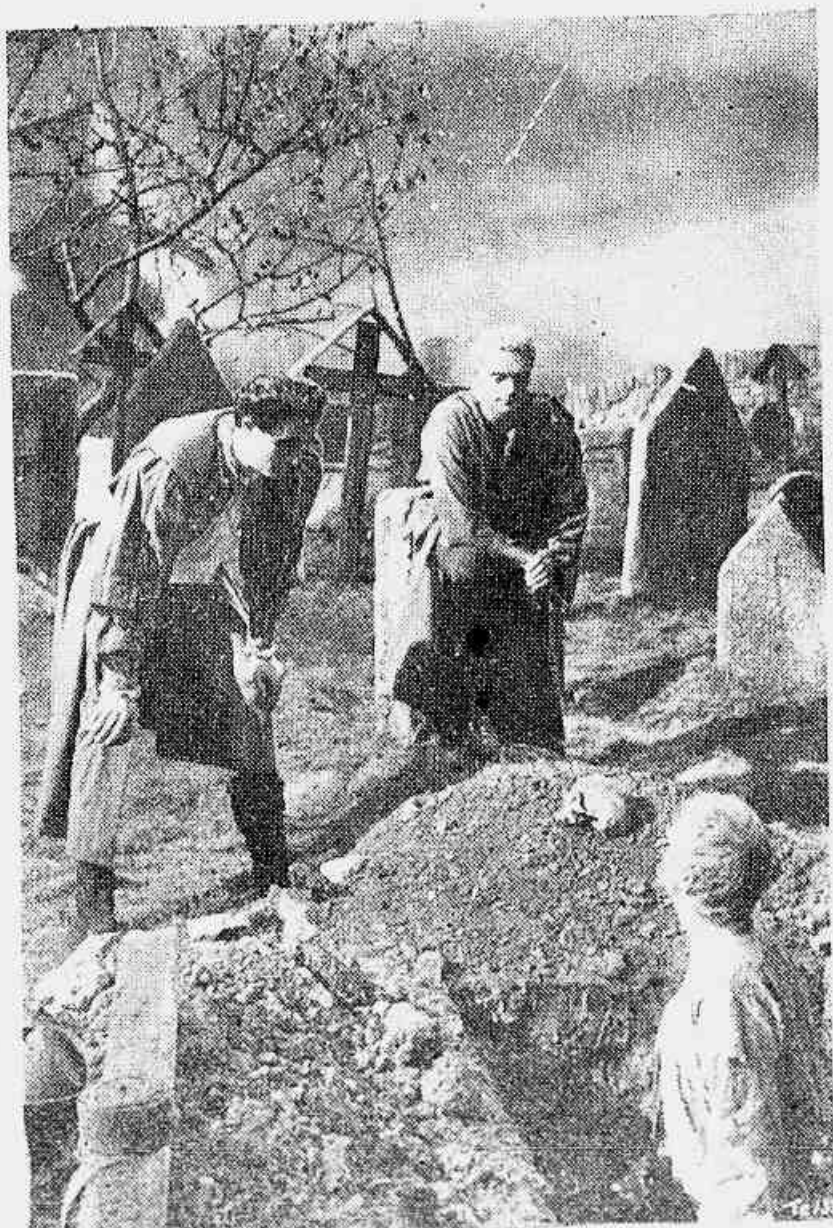
A representação do drama o Rei, que ignora a conspiração urdida a seu redor, assiste acompanhado pela Rainha e pela corte inteira. Hamlet, sentado diante dele, observa-lhe as reações. Quando Luciano, de acordo com o argumento, envenena Gonzaga adormecido em seu jardim, a forte semelhança da cena com o ato criminoso cometido contra o irmão fere fundo a consciência do usurpador. Incapaz de continuar ali, levanta-se e precipitadamente, pedindo luzes e encaminhando-se para seus aposentos, prestando uma súbita indisposição.

Ausente o Rei, a representação é suspensa. Mas Hamlet já havia visto o bastante para se dar por satisfeito e ficar certo de que a aparição e as palavras do espectro eram verdadeiras. Numa explosão de alegria, como a que assalta todo homem que, de repente, resolve seus problemas, Hamlet quer mesmo apostar mil libras com Horácio sobre a sinceridade do fantasma. Antes, porém, que tenha decidido quais os planos de vingança a realizar já que agora está plenamente convencido de que o tio fora o assassino de seu pai, a Rainha manda chamá-lo para com ele falar em sua câmara.

O encontro marcado pela Rainha obedece a ordens do Rei. Devia ela fazer vêr ao Príncipe o quanto seu procedimento havia desgostado a ambos. Cláudio, desejando conhecer todos os detalhes da conversa e temendo pudesse a parcialidade maternal de Gertrudes ocultar-lhe algumas reflexões de Hamlet, que para ele podiam ser vitais, manda o camareiro-mór, Polônio, esconder-se atrás de uma cortina a fim de tudo ouvir sem ser visto. Muito contente, aliás, fica Polônio com esse encargo, de perfeito acordo com sua natureza corrompida pelas hipocrisias e intrigas da corte.

Chegando Hamlet à câmara real, sua mãe começa por condenar-lhe rudemente o proceder, dizendo-lhe que havia ele ofendido muito a seu pai. Referia-se, sem dúvida, ao Rei, seu tio, a quem como esposa, dava o título de pai de Hamlet. Este, vivamente indignado por se dar a Cláudio posição idêntica a do pai, tão querido e reverenciado, replica-lhe com mordacidade: "Mãe, a MEU PAI muito ofendestes". Pergunta-lhe a Rainha se ele se esquecera de quem era ela. "Não! Pela Cruz, isso não!" — respondeu-lhe o filho. — "Sois a Rainha, esposa do irmão de vosso esposo! E, quisera eu que assim não fôsse: minha mãe sois!". — "Basta!" — prossegue ela. — "Vou

Voltando a Dinamarca, Hamlet, na companhia de Horácio, interroga um coveiro. Para quem fazia ele aquele túmulo? As curiosas respostas do homem escondem, porém, uma terrível verdade: a sepultura era para a amada Ofélia...



Tendo pago a promessa que fizera ao espírito do pai e cumprido assim o mandato real, vingando a morte do pranteado soberano, Hamlet sente que as forças o abandonam. Pede então a Horácio que narre à Humanidade os crimes de que fora testemunha

mandar-vos alguém capaz de vos falar!". E levanta-se, disposta a chamar Polônio.

Hamlet, porém, não a deixa sair. Não se irá dali sem que antes lhe mostre ele um espelho onde possa contemplar sua alma secreta. Com um grito, ordena-lhe que se sente. A Rainha, acovardada diante da firmeza do filho e apavorada com a idéia de que sua loucura o leve a atirar-se contra ela, clama por socorro. Como um eco, outra voz sai de uma cortina: "Socorro! Socorro!". Hamlet acreditando seja o Rei que ali está oculto, desembainha a espada e com ela atravessa o lugar de onde partira a súplica, silenciando o intruso. Correndo o reposteiro, descobre entre suas dobras o corpo inanimado do camareiro-mór...

— "Que feito assomado e sangrento é este!" — soluga a Rainha.

— Sangrento feito! Quase tão mau, boa mãe, quanto matar um Rei e desposar-lhe o irmão..."

Hamlet havia ido muito longe para deter-se ali. Conseguirá falar com toda franqueza a sua mãe e ia prosseguir. Embora os erros paternos devam ser tratados respeitosa-mente pelos filhos, no caso de tamanho crime o filho bem podia ver-se forçado a falar sem piedade à própria mãe, a fim de arrancá-la às garras do mal sem lhe causar outro dano. O virtuoso Príncipe, com grande eloquência, descreve para a Rainha toda a monstruosidade do seu pecado, que dela fizera uma ingrata à memória de seu pai, levando-a a casar-se em tão pouco tempo com o cunhado, tido por toda gente como o assassino do esposo. Tal procedimento bastava para se creem falsas todas as promessas femininas; para se acreditar a virtude inteira hipócrita; para fazer dos compromissos sociais nada melhor que juramentos de bêbedos; para, afinal, transformar a religião num jogo de palavras, uma burla apenas... Um feito capaz de enrubecer o céu e fazer a terra estremecer de vergonha. Mostra-lhe então dois retratos, um do Rei morto e outro do reinante, obrigando-a a medir a diferença existente entre os dois. Quanta graça residia no semblante de seu pai! As madeixas de Apolo a fronte do próprio Júpiter, olhar como o de Marte, minaz e imperioso, postura igual a de Mercúrio, arauto recém-pousado sobre divina montanha, e, na verdade, composição e forma onde todos os deuses haviam pôsto seu sinal a fim de dar ao mundo a afirmação de um homem! Tal fora seu primeiro marido! Que visse ela agora aquele que o seguira — semente bolorenta contaminando o irmão sadio!

A Rainha assombra-se que o filho lhe voltando os olhos ao centro de sua alma a faça ver aí tais manchas, negras e incorporadas, que sua marca é indelével! Hamlet pergunta-lhe então como pode ela continuar sendo esposa de tal homem, assassino de marido, ladrão do cetro e da coroa. Enquanto fala, o espectro de seu pai surge ante ele, tal como fora em vida e como já o vira antes na esplanada,

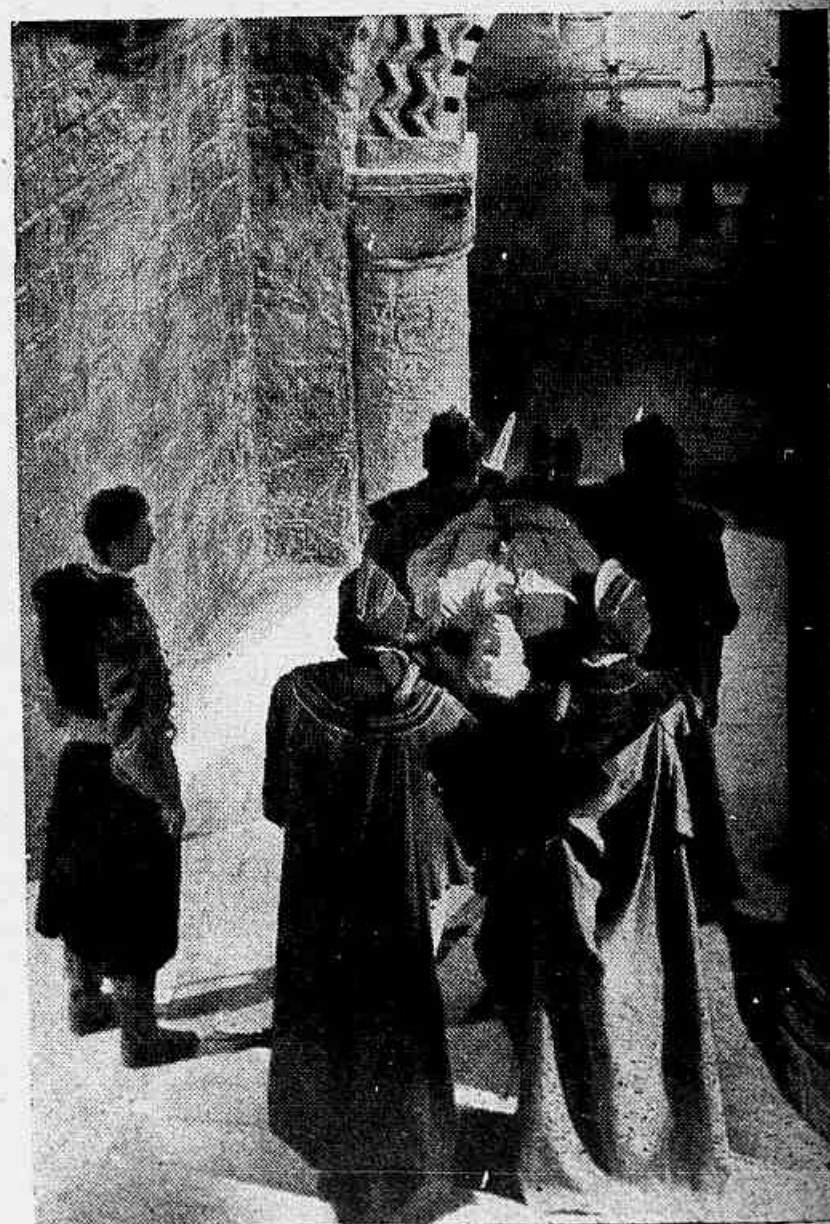
Hamlet, com imenso pavor, indaga-lhe a que vinha. O espectro lhe responde que viera exigir o cumprimento da vingança prometida e aparentemente olvidada. Desaparece em seguida, ante o olhar aterrorizado do Príncipe, o único que o vira ali, já que a Rainha, apesar das descrições do filho, permanecera todo tempo petrificada de horror, vendo-o conversar com o vácuo, o que, no seu entender, era mais uma prova da desordem em que submergia a razão de Hamlet.

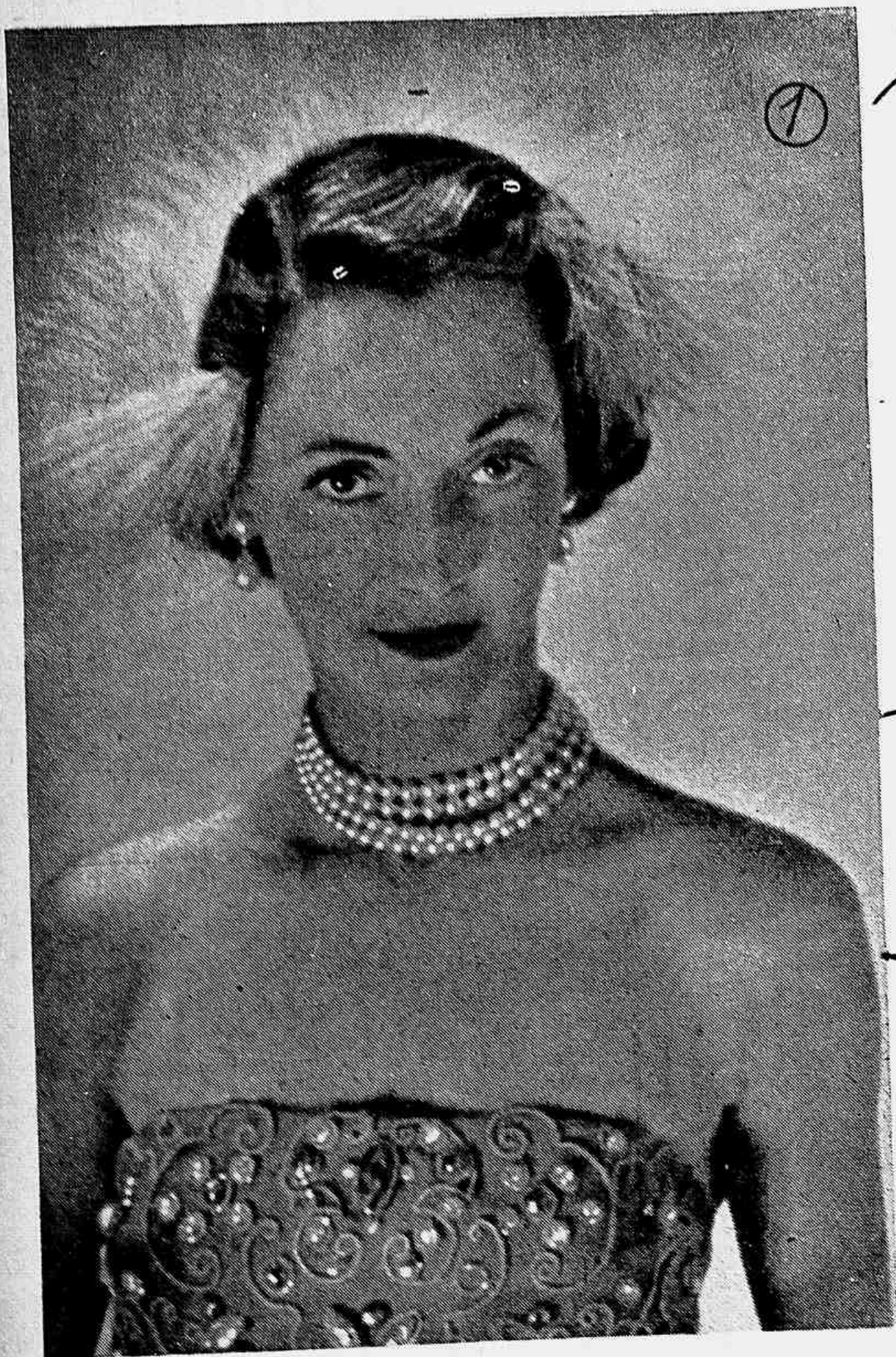
Hamlet implora-lhe que não busque desculpas para sua alma viciada, atribuindo à loucura dele e não ao delito dela a presença daquele que já partira. O pulso de ambos tinha o mesmo ritmo, marcando seu tempo compassadamente... Roga-lhe ainda que se confesse ao céu, arrependendo-se do passado, do futuro guardando-se, sem se atirar ao leito luxuoso do tio. Deixando de ser a esposa de Cláudio e respeitando a memória de seu pai, ele, como filho, haveria de pedir aos céus que a abençoassem. Diante da promessa de que seus conselhos seriam atendidos, Hamlet retira-se.

O trágico fim de Polônio fornece ao Rei um ótimo pretexto para afastar Hamlet do reino. Sem dúvida, teria preferido ordenar sua morte, por considerá-lo muito perigoso. Teme, porém, a ira popular, já que o povo es-

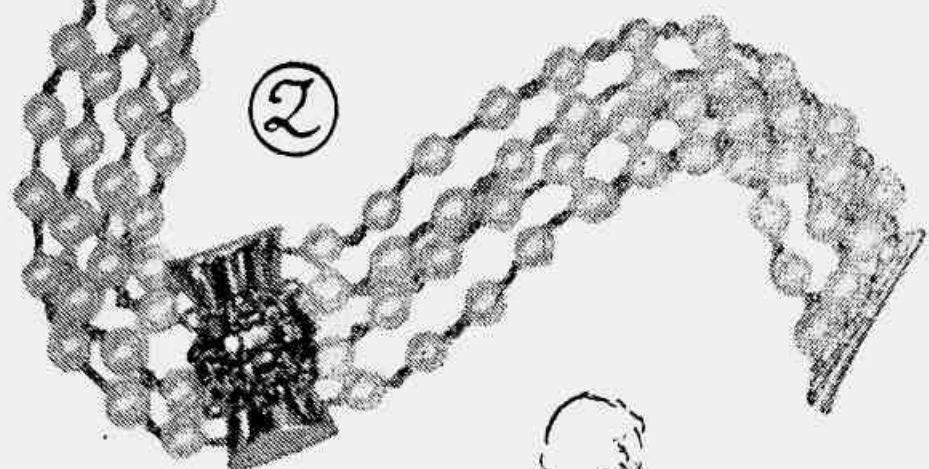
(Continua na pág. 52)

Jurando cumprir a última vontade do amigo, Horácio dele se despede: "Boa noite, Príncipe encantador! Que revoadas de anjos, cantando, te conduzam ao repouso eterno!"



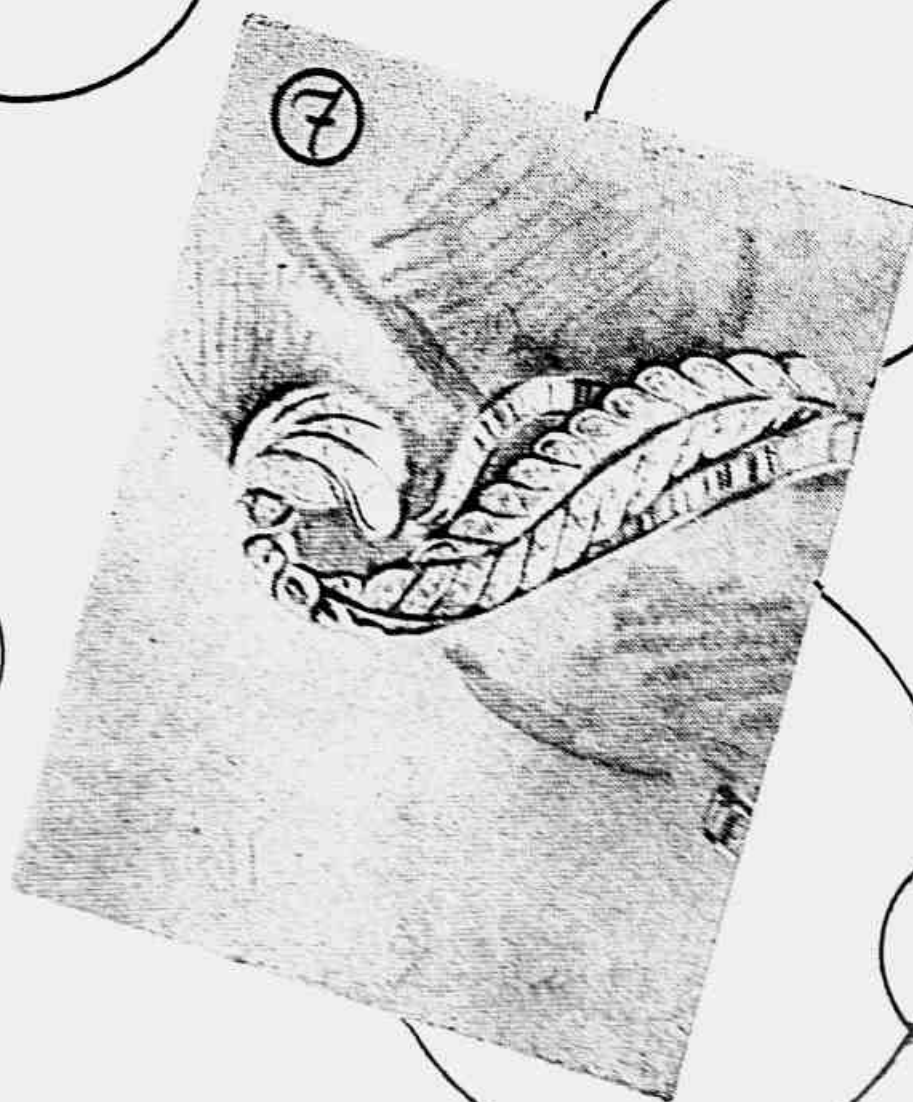


Detalhes



ε

- 1 "Paradis" brancos enfeitam uma cabeça para a noite.
- 2 Colar de pérolas ligadas entre si por correntes douradas. Clips vistoso no centro.
- 3 Chale com franjas e pequenas inserções em "paillettes".
- 4 Criação de Le Monnier, branco e preto.
- 5 Jaqueta e gorro de pescador, em tricô, para menina.
- 6 Os óculos de Merle Oberon. São um tanto sensacionais...
- 7 Clips de ouro e pedras, de feitio elegante.





Novidades

8 Bolsa de couro. Fêcho trançado em metal.

9 Neste "tailleur", a originalidade é provida por uma curiosa incrustação na jaqueta.

10 Sapatos "d'apres-midi".

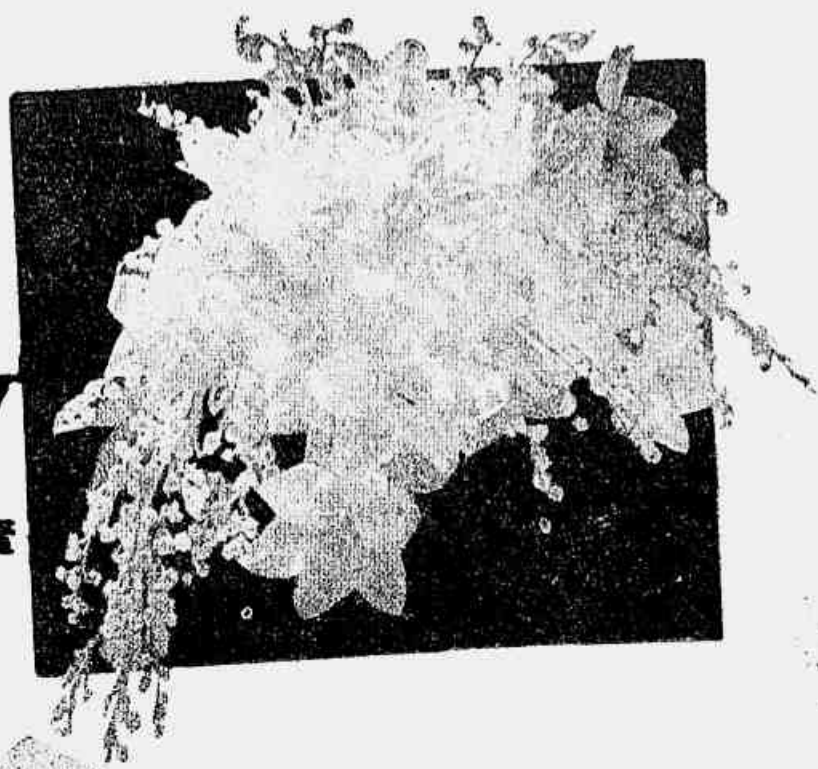
11 Com uma saia plissada, "sweater de gola alta alargando sobre os ombros.

12 As pequenas capas, sem mangas, farão sucesso neste outono.

13 Luvas para um traje "habillé". Reverso em cor contrastante.



CETIM E RENDA





O CETIM e a renda proporcionam, quase sempre um traje suntuoso e elegante, razão da sua preferência pela maior parte das noivas. Não poderíamos, portanto, deixar de apresentar alguns modelos para serem executados nestes dois tecidos. Qualquer um destes modelos revela um demorado estudo por parte dos seus criadores e a preocupação de fazer realçar ainda mais a beleza, a distinção e a elegância das suas felizes portadoras.



Week-end NA COZINHA

CANAPÉS DE CREVETTES

Corte em fatias de pão de fôrma de, 1 cm. de espessura, rodela de 4 cm. de diâmetro; passe bastante manteiga por cima, polvilhe com pó de pão e queijo ralado misturados, e aplique em cima $\frac{1}{2}$ camarão cozido, partido sobre o comprimento para ficar chato, e ponha em cima um pedacinho de manteiga. Antes de servir leve ao forno quente para tostar.

CANAPÉS DE CAVIAR

Cozinhe 4 ovos e peneire separadas as gemas e as claras. Parta 1 pão de fôrma em fatias



Para o seu primeiro chá use o seu serviço de prata e porcelana. Toalhas individuais, com rendas e bordados, alegrarão a sua mesa

finas e depois em pedaços de 6x2 cm. Torre ligeiramente, passe bastante manteiga e salpique a metade de cada fatia com as claras e outra com as gemas. Com uma colher de café faça uma pequena depressão ao centro, e aí deite um pouquinho de caviar gelado, um pouco alto.

TIRAS DE FILET COM BACON

Corte em 1 quilo de filet mignon fatias de 2 cm. de espessura e estas em tiras de 6x3. Tome tiras de bacon de 1 cm. de largura, enrole nas tiras do filet, prenda com um palito comprido, deixando uma ponta de fora. Pouco antes de servir frite em pouca banha e sirva logo.

QUADRADOS DE AMEIXAS

Bata, durante 8 minutos, $\frac{1}{2}$ xícara de manteiga com $1\frac{1}{2}$ de açúcar; junte 4 ovos batidos, 1 xícara de ameixas moídas, $2\frac{1}{2}$ xícaras de farinha, baunilha, e despeje num tabuleiro untado; salpique com 150 grs. de castanhas do Pará picadi-

nhas e leve a assar em forno. Corte em quadradinhos e deite em caixinhas.

LOSANGOS DE CHOCOLATE

Bata 5 gemas com 100 grs. de açúcar, até ficar como um creme; adicione 50 grs. de farinha, 50 de fécula de batata e 1 colher de chá de fermento. Misture depressa e despeje em tabuleiro forrado de papel impermeável e untado, e leve a assar no forno. Pronto, pincele com geléia diluída e cubra com "glacé" de chocolate; deixe esfriar e parta em pequenos losangos.

"SOUPIRS"

Misture bem 2 ovos e duas gemas e desmanche, pouco a pouco, com 2 xícaras de leite; junte 1 pitada de sal, 1 de Cayenne, 1 de noz-moscada e $\frac{1}{3}$ de xícara de queijo ralado. Deite em forminhas bem pequenas, polvilhe com queijo, arrume num tabuleiro fundo com um pouco de água quente, e leve a assar no forno. Desenforme e deite em caixinhas.

Atualmente, com o pouco espaço que em geral existe, usa-se fazer um lanche ou jantar americano, dependendo, naturalmente, da hora em que se realize a cerimônia.



Uma grande mesa, com os pratos arrumados, quentes ou frios, poderá ser colocada no canto de uma sala, ou no centro, e dali todas as pessoas retirarão o que mais lhes aprou-
ver.



Havendo espaço, num salão, num jardim ou numa varanda, podem então ser espalhadas pequenas mesinhas, havendo, nesse caso, maior necessidade de copeiros.



Toalha de linho, cristais, prata, porcelanas e flores, para a mesa da noiva...

D e s e j o s d e C a s a m e n t o

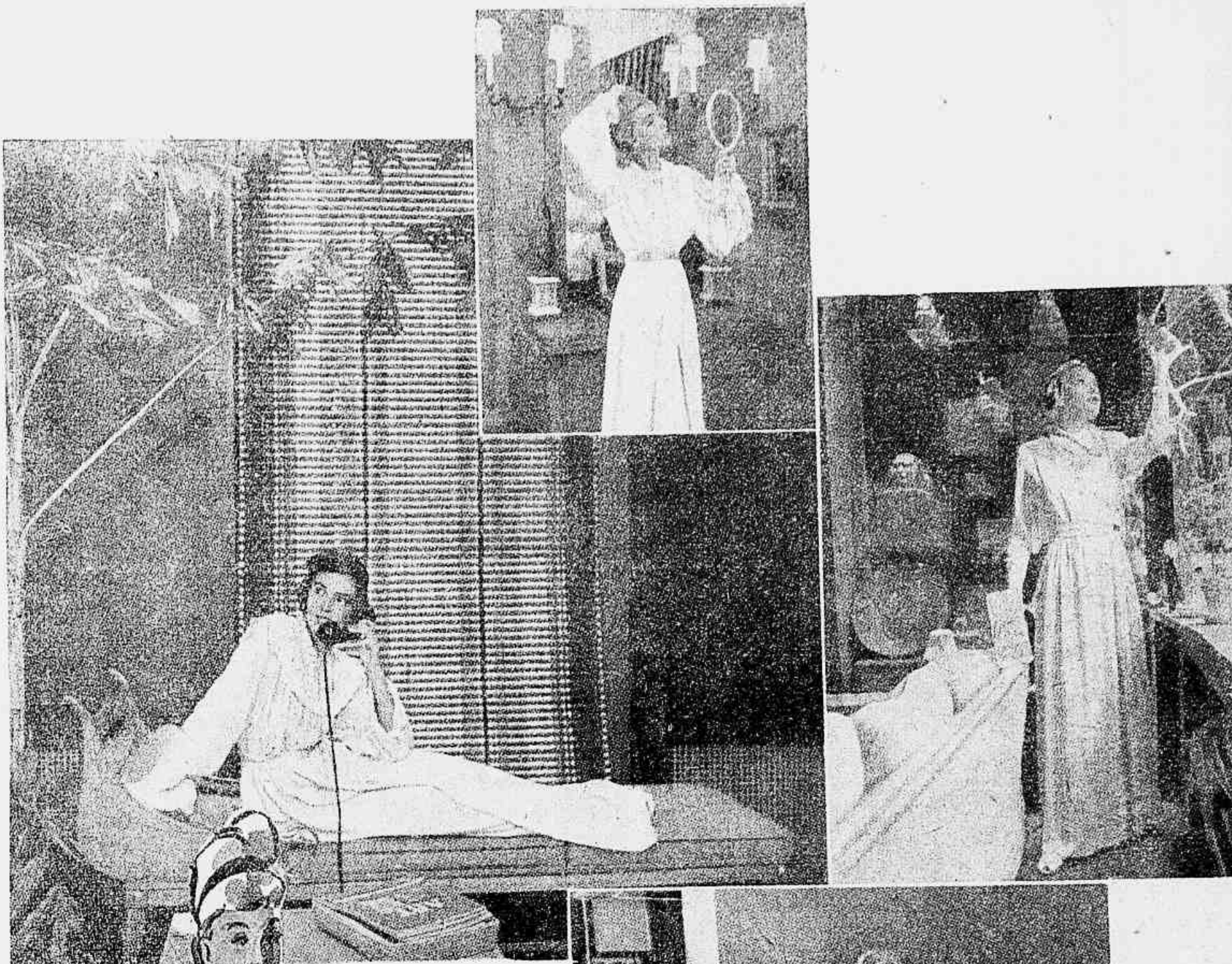


E' claro que a principal figura de um casamento, é a noiva; sobre ela convergem todos os olhares, sobre ela recaem todos os comentários e... tôdas as críticas... Mas, há ainda outras pessoas que também provocam a atenção dos convidados e dos simples espectadores e, entre estas estão as mães e as madrinhas... Sua elegância deverá estar de acôrdo com a da noiva, quer tenha que usar um modelo até os pés ou não. Os dois modelos aqui apresentados, são para os dois casos: o primeiro, em cinza claro, é de corte original, com drapeados na saia e bordados ao longo da blusa. O segundo, em preto, com nervuras sobre o busto e saia "godet", é mais simples, porém, não menos elegante.



"ROBES"

UM "robe" elegante, um "négligée" suntuoso, são o "toque" máximo de um enxoval. Ao escolhê-los deve-se ter em conta a qualidade do tecido, a sua durabilidade e a firmeza de suas cores. Os "robes" mais curtos só são admitidos quando usados sobre pijamas. Casando-se em maio, não esqueça, no entanto, de incluir entre os "robes" aqueles que servirão para os dias de calor.





PARA A CIDADE

1 — Um "tailleur" bem talhado é o seu uniforme urbano. Você poderá variar os acessórios. 2 — Depois das cinco, você poderá ir a qualquer lugar com esse "duas-pegas" em seda preta. 3 — Um rendigote e um vestido são úteis e proporcionam variedade. 4 — Um pequeno modelo para jantar ou "cocktail" é indispensável. 5 — Um casaco curto, de peles, serve para qualquer hora e para qualquer lugar. 6 — Um "tailleur" escuro, de linhas mais femininas, é também importante numa cidade



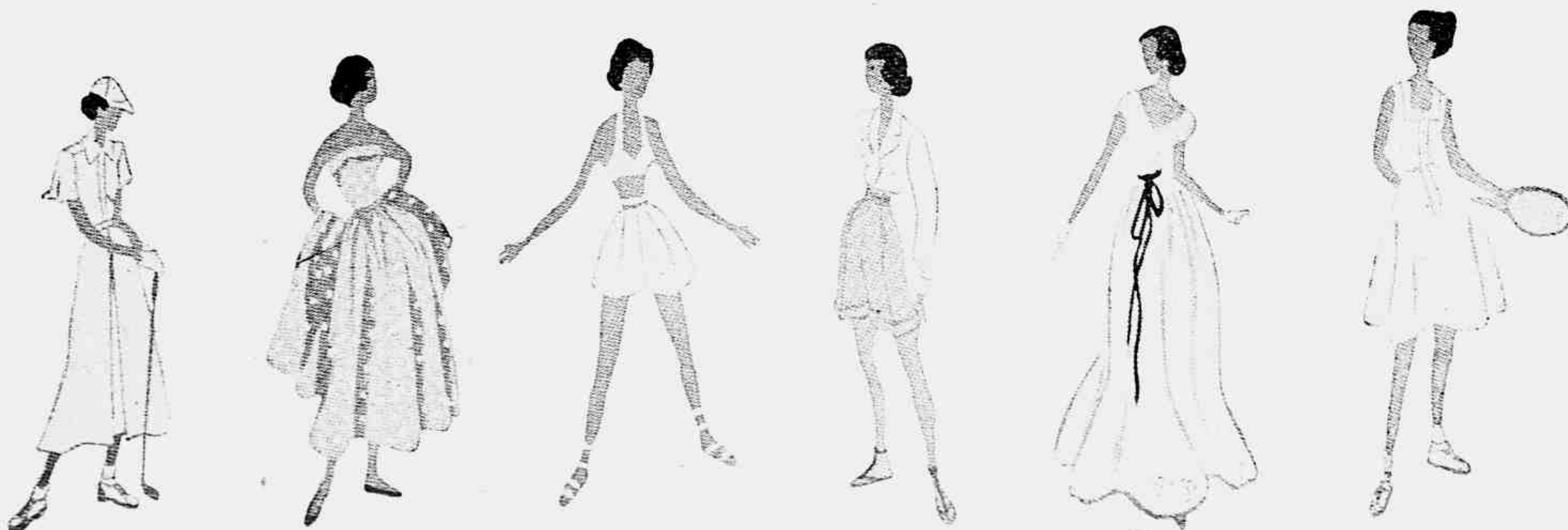
A LUA DE MEL

A certeza de estar bem vestida, de acordo com o local e a ocasião, é uma bênção. Planeje tudo cuidadosamente a fim de que possa ter essa tranquilidade na sua viagem de núpcias. Ao preparar a sua mala, arrume nela apenas as coisas indispensáveis; mas não esqueça as coisas que irão se adaptar perfeitamente ao local ao qual você pretende ir. Dois tipos de guarda-roupa são aqui sugeridos: um para a cidade, outro para campo ou praia. Sabendo de antemão para onde vai, é fácil a você fazer a escolha



PARA O CAMPO OU PRAIA

1 — Um vestido branco, bem talhado, que poderá servir para o esporte ou para um almoço íntimo. 2 — Um modelo praiano poderá ser usado também para o jantar, quando completado por uma estola. 3 e 9 — Dois "maillots" são necessários. 4 — Uma blusa simples e um "short" muito bem cortado, formam um traje prático para o ciclismo, pesca, etc. 5 — Um vestido para a noite, de linhas simples, também é necessário. 6 — Um modelo para o tênis. 7 — Um casaco folgado para a viagem. 8 — Para um "toque" de luxo, uma estola de peles para a noite

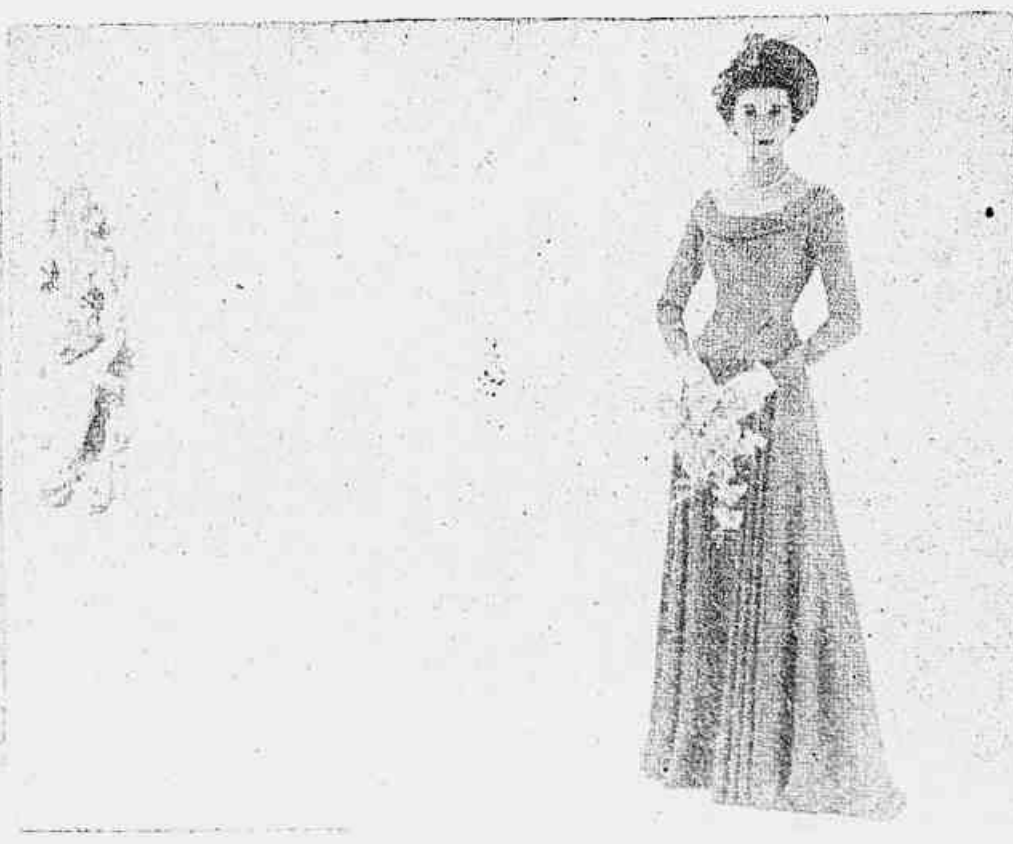


A

MA noiva inteligente escolhe para as suas damas modelos que possam ser usados noutras ocasiões, bastando, para isso, algumas vêzes, pequenos retoques. Os modelos aqui apresentados, para "demoiselles", já foram criados com essa finalidade.



A Demoiselle



CONCEIÇÃO

MINHA NAMORADA

CONTO DE A. J. DE FIGUEIREDO

ORA vejam se é possível um homem achacado de reumatismo, velho de cabelos brancos, avô de netos crescidos, andar dia e noite a pensar num episódio antigo, — tolíe do tempo de menino. Falando verdade já não era um menino. Já trabalhava para vestir-me, que éramos pobres, e um bucinho fraco já se esboçava por cima da boca. Mas seja como for, o fato vai longe, e nem sei por que diabo dele me lembro com tanta insistência. Cuido que tudo me vem assim à lembrança, repetidamente, porque foi o meu primeiro caso de amor. De amor sem correspondência, é verdade, e todavia a mais terrível forma de amar. Pois bem, já que estou a falar do caso, começo por dizer que amei Conceição. Dia e noite pensei em Conceição, esqueci deveres, repudiei amigos, desgostei minha mãe e nas noites enluaradas mil imagens poéticas achei para ela. E até o desejo maluco de arranjar um cabresto de seda e com ele laçar o cavalo de São Jorge, que o povo diz viver na lua, até isto, juro, eu quis fazer pelo amor de Conceição. Seria conseguir-lhe um presente do céu.

Se não me trai a memória, eu a conheci numa retreta de domingo. A banda de música da Polícia ocupava o coreto e enchia de sonoridade a praça ajardinada, enfeitada de palmeiras, bafejada pela doçura da brisa que soprava do mar. Os rapazes parados, em grupos pelas calçadas do jardim, as moças andando, ouvindo galanteios, e até mesmo coisas atrevidas. Também os namorados fixos, de mãos dadas, causando invejas e arrancando comentários da maledicência pública. Conceição, com outras amigas, rodava na praça, ria, namorava aqui, conversava acolá, e os rapazes diziam que Conceição era "vassoura". E ela nem ligava os comentários: sabia-se desejada, querida, e ia despachando os atrevidos que sonhavam felicidades com o seu lindo corpo de jovem. É verdade que tinha muitos namorados, dos quais não esqueço. Como esquecê-los, se foram eles o meu suplício, se foi por eles que conheci, pela primeira vez, o desejo de matar, a vontade de espancar e, sobretudo, terrível desespero no coração e uma vontade estúpida de chorar, de implorar um pouco de amor? Tudo porque Conceição era maior do que eu, moça já feita e rica, e não ia dar atenção a um fedelho pobre, mal vestido e triste, sorumbático e medroso dos achincalhados dos rapazes ricos. Conceição namorava-os, e a mim nem um olhar...

Nos domingos e nas quintas-feiras, dias de retreta, logo cedo eu me postava num lugar bem iluminado da

praça, para que Conceição me visse. E quando ela chegava, sorrindo, olhando para trás, a este dando atenção, a outro nem ligando, e a mim nem vendo, começava meu tormento. Eu lhe acompanhava todos os movimentos, sabia-lhe os namorados, e qualquer sorriso de Conceição era dolorosa punhalada no meu amor próprio, porque ela não sorria para mim, sorria para outro, para um que talvez não a amasse como eu. E todavia eu teimava em sonhar na doçura de tê-la comigo num campo verde, enluarado; ou num barco branco, por um dia de sol, num rio suave e manso. Quando Conceição aparecia com um namorado ao lado, eu me ocultava numa penumbra qualquer, e ficava sofrendo. Ela sem dar-me atenção, sem conhecer da minha existência, e eu fazendo projetos duma linda vida futura ao lado daquele corpo, bebendo a luz brilhante daqueles olhos azuis, afagando o louro macio daqueles cabelos sedosos. Mas se por acaso Conceição se aproximava de mim, logo eu mudava de posição, ou baixava os olhos, disfarçava, porque temia que ela me pudesse olhar de frente, perceber-me o amor oculto, e viesse a mamar de mim. Fugia-lhe dos olhos e, todavia, os olhos de Conceição enchiam meus dias de sofrimento e minhas noites de insônia.

Enquanto durava a retreta, e os passeios, e os risos dos namorados, eu me mortificava, tinha ódios, desejos de enganar, vontade de chorar, quando via Conceição sorrir para um moço qualquer. Tinha também alegrias, quando ela dava uma resposta atrevida a um enxerido que a vinha importunar. E logo o desejo que eu tinha era surrar o conquistador, que andava maculando com inconveniências o lírio branco dos meus amores. Mas, enfim, a retreta acabava, as moças ganhavam o caminho de casa, alguns rapazes iam dormir, outros andavam na direção da "Brahma" ou do "5 de Julho", ouvir o piano do Brasileiro. Mas eu me sentava na Ponte do Imperador e ficava olhando o correr das águas, vendo lá para os lados da Fundação a fachada clara da casa da menina dos meus cuidados. E cada estrela do céu me lembrava os olhos luminosos de Conceição. Se havia luar, logo eu pensava que a fita luminosa, que a lua deixava nas águas, era feita dos reflexos dos olhos dela. E pela noite dentro, sentado, sozinho e triste, Conceição era meu alívio e meu tormento. Adivinhava-lhe o sono plácido naquela hora tardia da noite. Outras vezes ela me aparecia abraçando homens,

(Continua na pág. 50)

Ilustração de OSWALDO DA CUNHA
SELECIONADO PELA REVISTA DA SEMANA

Oswaldo
da Cunha



DR. SABOIA RIBEIRO

PADRÃO ALIMENTAR DA PRIMEIRA INFÂNCIA

SUBSISTE no espírito de muitas mães a idéia de que o leite deverá bastar às exigências do organismo da criança na fase de toda a primeira infância, e por isso transposto o 1º ano mantém continuamente um regime em que o leite figura como base.

Nada mais em desacôrdo com a prática pediátrica moderna e reduzida num erro de consequências por vezes sérias para a criança.

De fato, o leite exclusivo, e mesmo acrescido de farinha e açúcar, leva a criança, fatalmente, à anemia, às manifestações múltiplas das avitaminoses, de desenvolvimento imperfeito, tudo com reflexos sobre a resistência orgânica da criança, logo diminuída.

Em primeiro lugar, acentuemos, ainda uma vez, que só um leite pode ser dado puro à criança — o leite materno.

O de vaca deve ser dado, sempre, feita a necessária adaptação (farinhas, açúcar), qualquer que seja a idade da criança. Mesmo os de conserva não devem ser usados indiscriminadamente, e suas indicações são naturalmente limitadas em face dos diversos casos que ocorrem na alimentação do bebê.

Alcançada a idade de 6 meses, mesmo na alimentação natural, há sempre necessidade de prover a criança de reservas vitamínicas, de suma importância para o equilíbrio de sua saúde e qualidades de resistência diante das infecções.

Dever-se-á, então, proporcionar à criança uma quota diária de vitaminas, o que, em geral, é feito por intermédio dos sucos de frutas (tomate, laranja, limão) e outras práticas influentes no regime e na nutrição da criança.

As sopinhas de legumes (cenoura, abóbora, etc., passadas em peneira) já deverão ser introduzidas, no regime da criança, por volta do 7º ou 8º mês.

Dai por diante se procederá, sempre, de modo que, em cada mês decorrido, uma das mamadeiras seja substituída por uma delas.

Até o fim do 6º mês poderá bastar a alimentação exclusivamente à base de leite, contanto que não lhe falem todas as vitaminas; por diante, a introdução das sopinhas é absolutamente indispensável.

Eis a fórmula de uma sopinha:

- 1 litro de água
- 250 gramas de carne magra
- 6 batatas
- Legumes variados da estação
- 4 colheres de chá de uma boa farinha (cozer até engrossar e passar em peneira)

No fim, amornado, uma a duas colheres de suco de tomate. Variar o paladar: algum sal, manteiga, etc., à medida da idade e tolerância da criança. Poder-se-á acrescentar a essa refeição ½ banana crua, raspada, com o sal e a manteiga (proceder com prudência).

No início do 7º mês, com as sopinhas, a criança terá o número de suas refeições reduzido para 5; de maneira que, então, o horário pode ser o seguinte: 7 (leite, farinhas, açúcar), 10½ (sopinha), 14 (como às 7), 17½ (sopinha) e 21 horas (como às 7).

Assim, pois, quebra-se às 10½ e 17½, com as sopinhas, o padrão leite, farinhas, açúcar.

O ovo também poderá ser acrescentado às sopinhas com certa discrição: uma vez no dia, meia ou uma gema de ovo.

Aconselhável, nessa modificação constante, que aos 12 meses a última refeição seja suprimida, de maneira que, à entrada do 2º ano, sejam apenas 4 o número de refeições, aproximando-se assim a criança do tipo horário do indivíduo adulto.

Nessa época, já a primeira refeição do bebê não é mais à mamadeira, porém constará ela de uma sopinha de leite com café fraco acompanhado de pão amolecido (de preferência dormido), ou um mingau de prato dado a colher.

A sopa de legumes lucra em ser adicionada de carne cozida ou bife passado na máquina (mal passado).

Na criança exsudativa a supressão total de leite é já recomendada ao completar o 6º mês; é o que se impõe em muitas daquelas crianças portadoras de eczemas, carnes flácidas e pálidas, eternamente sujeitas aos resfriados.

Nestas os mingaus devem ser preparados com 2 folhas de gelatina para 200 grs. e acrescidos de 1 colher de chá de um caseinato de cálcio; eis uma fórmula:

- 200 grs. de água
- 3 colheres de chá de farinha
- 2 colheres de chá de açúcar
- 2 colheres de chá de cacau dietético
- 1 colher de chá de caseinato de cálcio

Voltando à sopa de legumes, e para variar-lhe o paladar, em lugar da carne ou bife mal assado, poderá ser frango desfiado, ou miolos, fígado, peixe cozido (isto já aos 12 meses).

A tendência portanto na criação do bebê é libertá-lo, aos poucos, do regime exclusivo de leite, farinhas, açúcar; por isso, entrado o 2º ano, a carne e as vísceras devem constituir alimentos obrigatórios, e não menos os legumes, frutas, féculas (batatas), massas (aletria, macarrão, telharim), doces (pudim) e compotas diversas.

Aí, então, o leite não será dado mais de duas vezes ao dia.

Um cardápio para o almoço da criança aos 12 meses:

Comida sólida e seca no prato: arroz, macarrão, pirão de batata, pirão de legumes, salada de tomate cru com azeite; carne cozida e moída ou mal assada e raspada. Ou carne de frango desfiada e picada, peixe cozido, miolos e fígado, etc.

Nas anêmicas, vai muito bem indicado um prato com fígado cru raspado misturado a puréia de batata, abóbora ou cenoura, com suco de tomate (deixar amornar; a vitamina C do suco de tomate se destrói com grande facilidade às temperaturas).

No começo do 2º ano este cardápio de almoço servirá de modelo ao de jantar (às 17½).

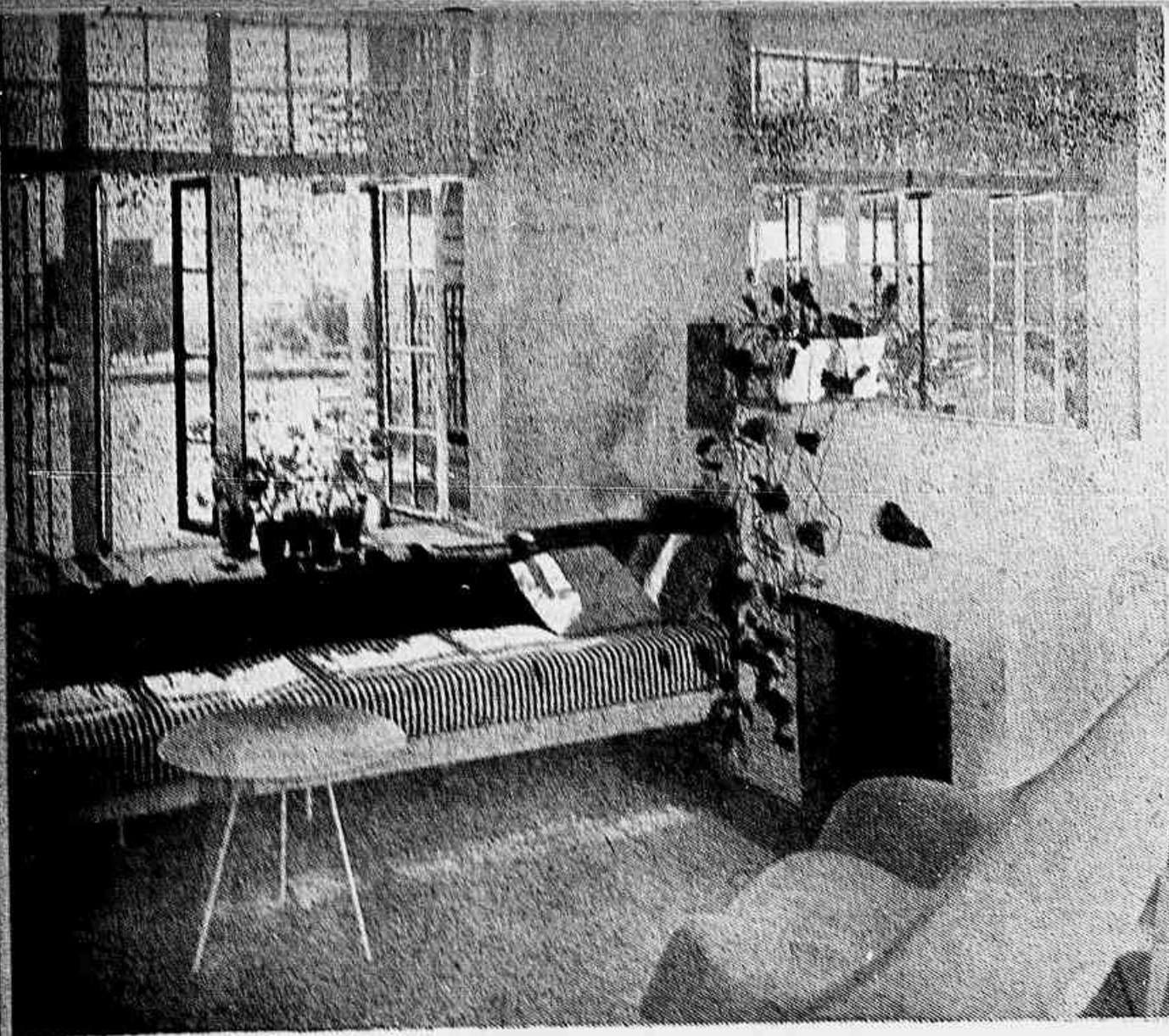
Ao 7º e 8º meses, na substituição do leite por alimentos salgados (sopinhas), é comum a relutância do bebê máxime as de temperamento nervoso; aqui a arte e a paciência materna deverão superar as dificuldades, insistindo na mudança de regime até que a criança receba o alimento de boa sombra e com agrado.

Manifesta a falta de apetite, nos horários regulares, é preciso investigar sempre a causa; se pode ser a doença, também muitas vezes é apenas falta de ordem na alimentação, e em que, não raro, é o regime lácteo prolongado o único responsável, conduzindo à perda de apetite da criança, mas que, corrigido, trará a cura fácil, sem nenhum ou quase nenhum emprego de remédios.

CRIANÇAS



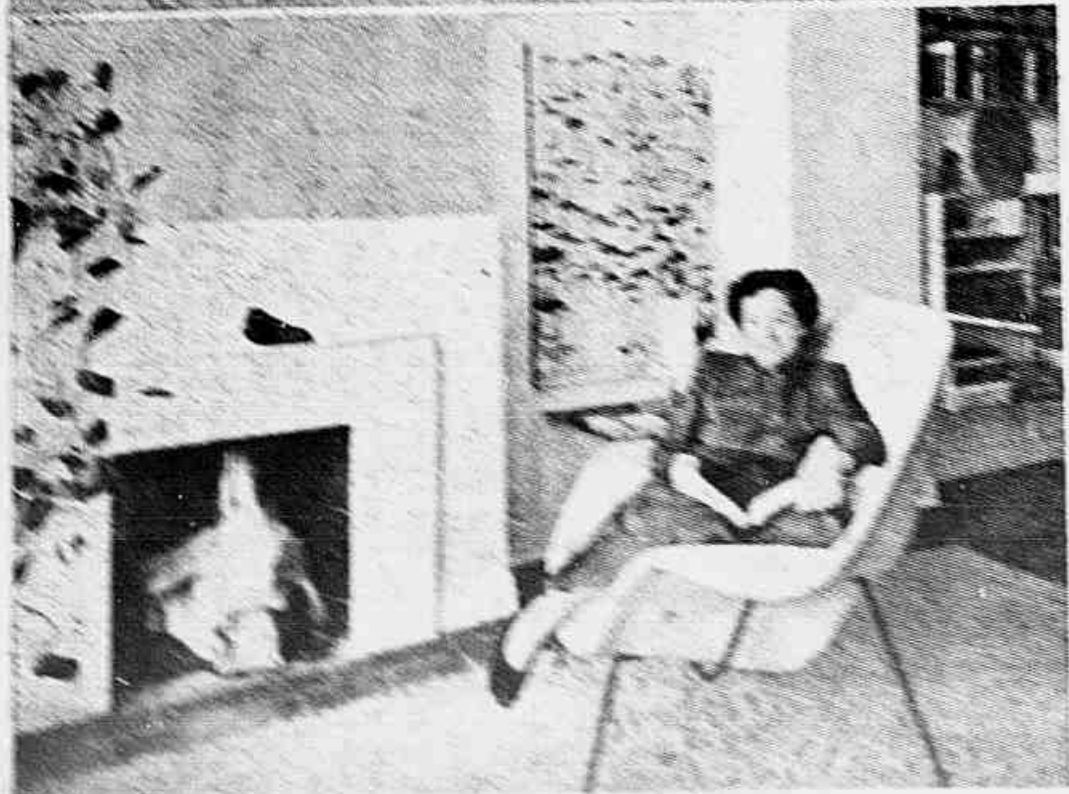
Para as suas filhinhas e também para o seu "homenzinho" eis algumas criações elegantes e graciosas. Os vestidinhos são confeccionados em lã muito fina, próprios para a estação que se aproxima.



INTERIORES

Quando se pensa em montar uma casa ou apartamento, deve-se, em primeiro lugar, fazer aquilo que esteja de acordo com o modo de vida, o trabalho, os hábitos, enfim, de quem vai ali habitar. O espírito prático deve-se voltar ao conforto e à beleza das linhas, a fim de evitar que, como acontece comumente, numa casa ricamente mobiliada, não se tenha um cantinho confortável, um lugar onde se possa ler, ouvir música ou conversar, sem a preocupação de não encostar nos móveis para não sujar ou de não pisar no tapete para não manchar.

Aqui, um casal da classe média mostra como se podem aliar a beleza e o conforto, aproveitando o máximo de espaço e aproveitando até a vista que se reflete no espelho da sala de jantar.



NÃO É UM FILHO QUE FOGE...

VOCÊ está abalada. Depois de tudo o que fez pelo seu filho, depois de todas as suas preocupações, depois de todas as suas noites de vigília, depois de todos os seus sacrifícios, ele lhe foge! Vai casar! Outra mulher ocupará o seu lugar ao seu lado! Uma mulher que será para ele esposa e mãe... E você sofre com isso. Sente-se abandonada e traída. Custa a compreender a ingratidão do seu filho. Ingratidão, é a palavra. Você o considera um ingrato. Depois de tudo o que fez por ele, eis que ele lhe foge! Esta é a sua mentalidade, esta é a sua forma de encarar a vida...

Deixe-me dizer que você está completamente errada. Seu filho não foge com outra mulher... Ele lhe traz mais uma filha e lhe dará a alegria do primeiro netinho... Se você pudesse encarar as coisas assim, não sofreria tanto. Não creia que o seu



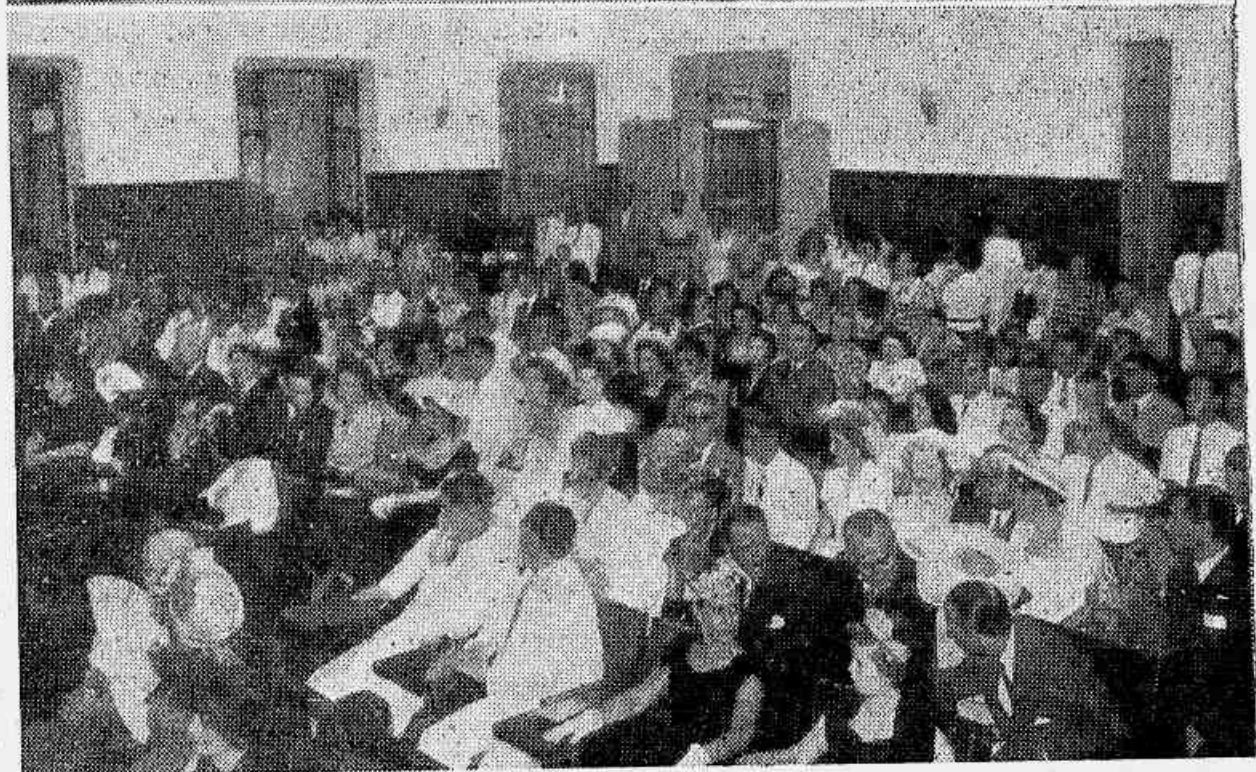
caso é o único. Existem milhares de mães assim. Criam os seus filhos e não se convencem de que o tempo passa e que um dia eles deixarão de ser crianças. Nesse dia, é claro, outros interesses surgirão nas suas vidas. Interesses normais e humanos que surgem na vida de qualquer pessoa. Interesses que você mesmo teve na sua adolescência... Ai está você também trocou o caso dos seus pais pela do seu esposo. Naquela ocasião você achava que estava agindo bem, seguia o seu coração e nada impediria que o fizesse. Teria você então pensado que estava sendo ingrata para com os seus pais? Creio que não. Talvez você recebesse até com alguma surpresa essa ideia. O que você fazia nada mais era do que seguir a rotina da vida. Para você, seus pais não passaram de "antiquados" e egoístas.

Mas a história se repete. O que você fez e achava muito natural, seu filho quer fazer agora e também, acha muito natural. Como você, ele também não compreende a atitude dos pais. Também ele deve crer que você seja um tanto antiquada e egoísta. E tem razão, como você também teve em manter firme o seu ponto de vista. Lembrando tudo isso talvez você se torne um pouco mais compreensiva e procure então relacionar também na vida dele os seus pais. Mesmo porque a sua atitude dele é a sua própria.



ENLACE

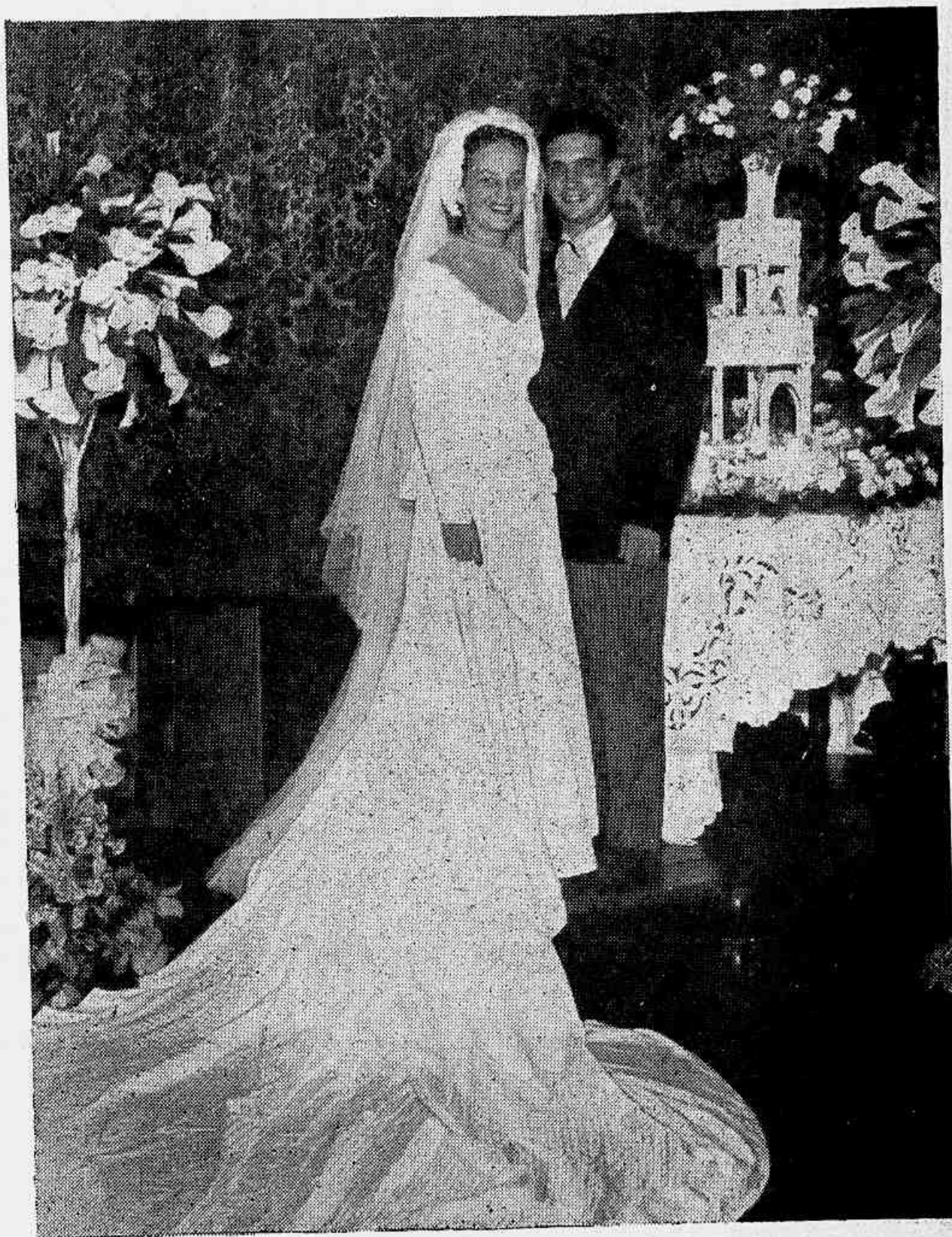
CARLOS ALBERTO PEREIRA PINTO
GLICIA SALLES



Em cima — A noiva, pelo braço de seu progenitor, entrando no Edifício do Forum
Em baixo — Parte da brilhante assistência ao ato do casamento

EM Campos, realizou-se recentemente o enlace matrimonial da premdada Senhorinha Glicia Salles, filha do Sr. Glicério Salles, proprietário naquela cidade, com o Sr. Carlos Alberto Pereira Pinto, filho do Sr. Jorge Pereira Pinto, conceituado industrial fluminense. As cerimônias civil e religiosa constituíram acontecimento de excepcional relevo na vida da próspera cidade campista, em cuja sociedade as ilustres famílias dos recém-casados ocupam lugar de grande destaque.

Nesta página estampamos os mais expressivos aspectos do casamento de Glicia e Carlos Alberto.



Ao alto — Os noivos, Carlos Alberto Pereira Pinto e Glicia Salles, em pôse especial para esta revista

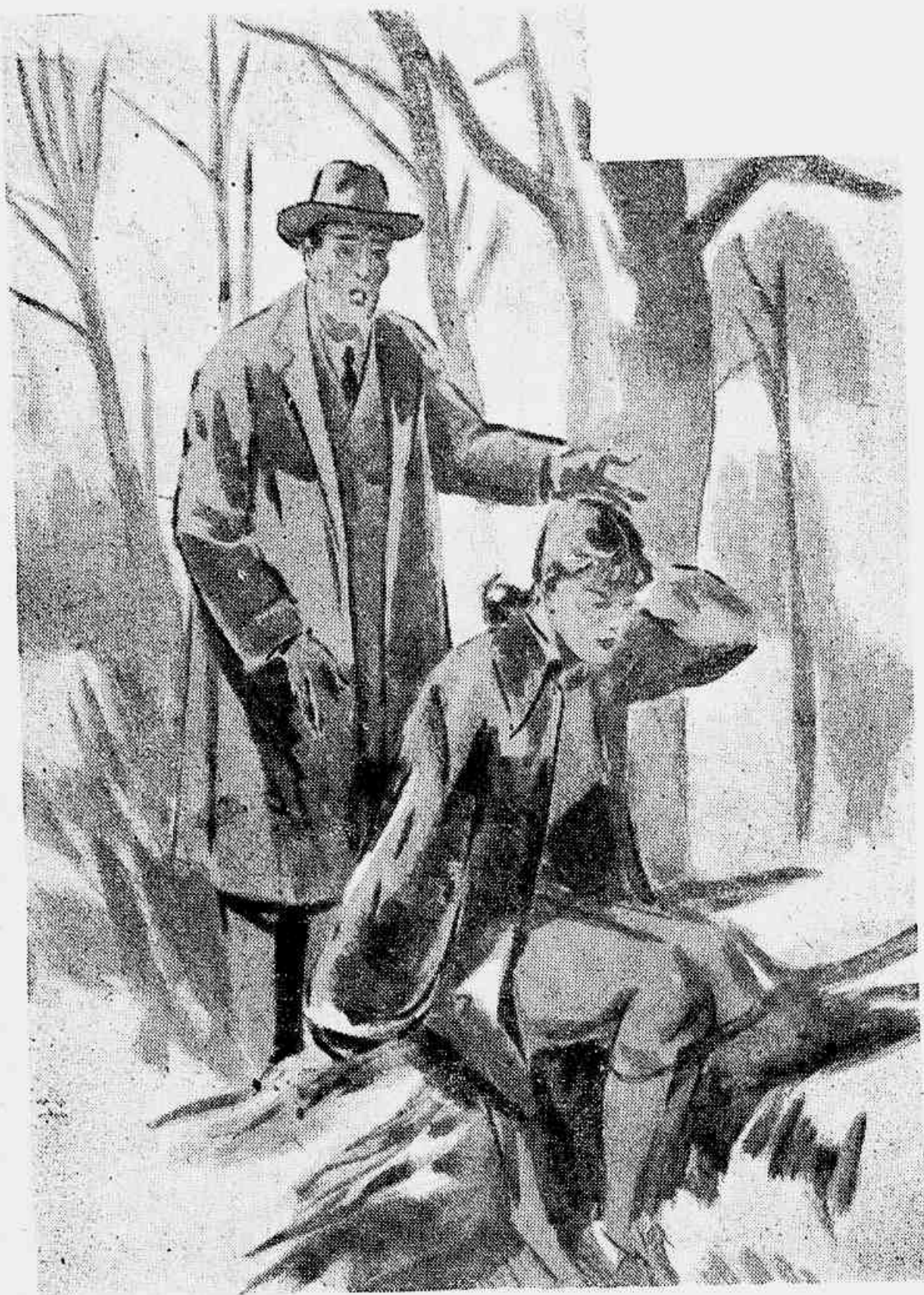
Em baixo — No Automóvel Club, os noivos, na mesa principal, ladeados pelos pais e testemunhas, uma das quais o senador José Carlos Pereira Pinto



O jovem casal cortando o bolo nupcial



Os noivos e os casais Glicério Salles e Jorge Pereira Pinto



REMONTANDO a distantes dias do meu passado, vejo o vulto moreno e elegante de Noel Faustin, e, através dos anos já decorridos, aquela sua aparência distinta e afetiva, não mudou nada.

Nossos pais habitavam em Villiers-sur-Marne, e suas vivendas eram vizinhas, situadas na Avenue du Lac. Eu e Noel brincávamos juntos quando crianças, sendo ele, porém, mais idoso do que eu quatro anos, e, por isso sempre se mostrou muito terno e cuidadoso. Mais parecia ser meu irmão mais velho, e esse estado de afeição, essa grande amizade perdurou por toda a nossa juventude.

Ao tornar-se rapaz, passei a ser sua confidente. Foi por isso que ele me confiou, em primeiro lugar, seu amor irresistível e apaixonado por uma jovem a quem havia encontrado, certa vez, em Paris. Ele àquela tempo, trabalhava num estabelecimento comercial, cujo chefe era amigo de seu pai. Ela era também empregada da mesma casa, e Noel não tardou em apresentar-m'a imediatamente.

— Preciso de sua opinião acerca desse meu amor. Por isso faço questão que a veja, quanto antes. Acho-a um verdadeiro anjo!

— Bem... espero que, em face dela, você não vá desprezar-me agora! — disse-lhe eu, sem poder ocultar os cuidados de um coração que estava a sentir uma espécie de picada indissimulável de ridículo ciúme...

E' que eu estava habituada, desde a mais tenra infância, a considerar Noel como um bem meu, um irmão mais velho, uma pessoa de quem não poderia separar-me totalmente.

Ele sorriu com vivacidade e respondeu à minha dúvida:

— Claro que não! Garanto-lhe, minha querida. Meu coração é bastante espaçoso para nele caberem vocês duas. E, asseguro, tenho tanta precisão dela como de você.

No mesmo dia fui apresentada à outra. Sim, sua pequena Nádia era mesmo um anjo. Delicada jovem de cabelos louros, de um louro pálido, rostinho oval e esguio, grandes olhos claros, com a transparência da água cristalina. Evocava uma ondina mitológica, ou a pálida Ofélia, decantada pelos poetas líricos. Tinha a tez branca, dessa brancura inquietante, de quem não está com a saúde em forma. E, na verdade, Nádia não gozava de saúde perfeita. Mas, essa fragilidade se ajustava ao seu todo delicado, à sua graça feminina, ao seu "charme" contagioso e precioso.

Noel não viu mais nada diante de toda a sua vida, que não o prazer de proporcionar àquela bonequinha delicada e delicada, todo o conforto, repouso constante; ela precisava de proteção, de um ambiente amigo sob cujo clima pudesse viver feliz, sem maiores preocupações.

Somente depois de mim, é que falou dela a seus pais. Os Faustins, que possuíam recursos bem consideráveis, sonhavam com a felicidade do filho e nutriam ambições a seu respeito. Por esse motivo, a idéia de vê-lo casar-se com uma jovem empregada, sem recursos, não lhes deu nenhuma demonstração de contentamento. E esse desencanto veio ainda mais contrariar a intenção do filho, quando viram a escolhida do rapaz.

— Ela é muito linda, lindíssima — diz o pai — mas, visivelmente essa menina não tem saúde... Será uma união absurda, um casamento louco! Durante meses e anos, seus pais se opuseram, terminantemente a que Noel desposasse a eleita de seu coração.

Vieram as discussões domésticas. Ele permanecia disposto a casar-se com Nádia; mas o velho replicava.

— Meu filho, reflita um pouco. Você é muito jovem ainda. O que está a sentir não passa de um capricho que há de desvanecer-se em breve.

Mas, ao invés de diminuir, aquele amor que nascera sincero e puro, cada vez crescia mais à proporção que passava o tempo. Vendo que o filho não se conformava com a opinião dos outros, seus pais cederam à realidade das coisas e permitiram seu casamento com aquela a quem havia escolhido para sua esposa. E a data do matrimônio foi marcada para daí a três meses.

Durante todo esse tempo eu me mantinha amiga fiel de Noel e Nádia. Via-os constantemente, encontrava-me com eles todos os dias, juntos ou separadamente. Com eles eu partilhava de suas esperanças e seus desgostos, suas tristezas ou suas alegrias, conforme a "temperatura" do lar de Noel, se os pais estavam mais condescendentes ou irredutíveis.

Constantemente precisava Noel de minhas confidências, de minha presença. Vinha ver-me sempre, falava-me de seu amor. Eu vivia inteiramente repleta de sua vida, de suas amarguras, de suas esperanças.

mais rigoroso tratamento específico e tomar banhos de sol.

E' impossível descrever o que isto significou para o coração de Noel. Estava desesperado. Dava tristeza vê-lo esmagado pela fatalidade.

Passei tardes e noites ao seu lado, confortando-o, consolando-o, garantindo com palavras firmes, de grande convicção, que o tratamento indicado, o regime dietético, a alimentação e o meio, haveriam, certamente, de restaurar a saúde de sua noiva. Em breve, — continuava eu com firmeza — em breve ela estará restabelecida, em condições de casar-se e todas estas aflições serão substituídas pela felicidade tão arduamente procurada e, afinal encontrada!

Mas, também eu, comecei a presentir que alimentava por ele um sentimento que já não era propriamente todo fraternal. Ao saber da moléstia que ameaçava a vida de Nádia, eu senti o meu coração apertado de dor. Porém, no meu íntimo, em compensação experimentei uma espécie de alívio, de prazer, por vê-lo ainda ao meu lado por todo aquele tempo...

— Ficará comigo ainda por alguns meses... — Ouvia eu minha voz interna e não pronunciada a alegrar-me. — Não será de outra senão de mim somente... — Essa alegria esquisita me inundava o peito e eu me sentia feliz, embora um tanto envergonhada.

Surpreendida com esse sentimento, procurei fazer comigo mesmo o mais severo exame de consciência. Procurei ver claro em mim mesma, e o que co-

UM CASAMENTO SEM AMOR

GERMAINE LEGRAND
Tradução de RENATO DE ALENCAR

E, coisa curiosa, eu comecei a amá-lo cada vez mais, porém, não chegava a analisar a forma desse amor, dessa afeição. A idéia que me vinha não podia ser traduzida como sendo amor, no sentido humano do termo. Eu estava habituada a ver nele apenas e simplesmente um irmão.

Mas, inesperada e bruscamente o drama se desata. O estado de saúde de Nádia se agrava. Levada ao médico para o exame pré-nupcial, o facultativo se opõe terminantemente a que o casamento se realize no prazo escolhido e combinado. Os noivos insistem, mas o médico declara que a saúde de Nádia não poderia permitir o casamento.

Ela piorava e os médicos lhe fizeram a revelação dolorosa, estava atacada de peritonite bacilar. Era preciso interná-la imediatamente em algum sanatório da Côte d'Azur, para seguir o

mecei a vislumbrar, a descobrir nos recessos de minha alma, me confundi.

Na verdade, eu amava Noel! Eu o amava agora, claramente, depois de conservar esse amor quase inconscientemente, contentando-me com o simples e fraternal papel de sua confidente, de sua irmãzinha mais moça, na falta de obter dele coisa melhor. E, no fundo de meu coração, reconhecia eu agora, não gostava de Nádia, e devia mesmo confessar a mim mesma, esta coisa incrível e assustadora: a notícia de seu cruel mal me havia causado, depois das primeiras impressões do choque, muito mais prazer do que pena.

Como era natural, conservei-me silenciosa a respeito dessa minha descoberta e me esforcei por ocultar de todo mundo um sentimento que não me era possível confessar.

Nunca, durante nossa convivência,

fôra Noel tão afetuoso para comigo como naqueles dias. Tomava-me em seus braços, reclinando a cabeça sobre meus ombros por longos minutos, sem poder notar que, com esses gestos afetuosos estava a causar-me perturbações deliciosas e dolorosas ao mesmo tempo. Eu, para fingir e manter-me digna, estudava meus próprios gestos, procurava tornar-me fraternalmente terna, mas Deus sabia o quanto sofria intimamente!

Quanto não daria eu para apertá-lo apaixonadamente em meus braços e confessar-lhe toda a imensidão do meu amor, com palavras candentes que me vinham aos lábios e deles não podiam passar!

Enquanto ia sucedendo isso, agravava-se cada vez mais o estado de saúde de Nádia, aproximando-se a hora terrível de declarar-se a Noel que a situação da noiva era desesperada, sem nenhuma possibilidade de escapar.

Como que adivinhando a sorte de sua amada, ele me dizia com voz de quem chora:

— Se ela morrer, eu morrerei também... Não poderei viver sem Nádia... — e escondia o rosto entre as mãos como para ocultar suas lágrimas.

Que devia eu dizer? Que poderia fazer para salvá-lo? Parecia sem coragem, sem forças para suportar esse desastre em sua existência. Nada mais o interessava. Noel estava mergulhado numa tristeza mórbida. Procurei, por mil formas, tirá-lo desse torpor de desolação e sofrimento; mas, se o deixava assim numa noite, na manhã seguinte ia novamente encontrá-lo em pior situação, mais inconsolável e mais inquieto.

Os meses se foram passando. Tornei-me a única pessoa a quem ele desejava sempre ver, que procurava para conversar; parecia estar insatisfeito, enquanto não se encontrava comigo. Como nossas famílias viviam muito ligadas, eram continuas as oportunidades de nos encontrarmos.

Noel procurava, com muito esforço, restaurar aquele antigo prazer de viver. Lutava em todos os instantes, para dominar sua melancolia. Mas, infelizmente, cada vez que lhe chegavam más notícias acerca da pobre Nádia, ele voltava ao martírio anterior, ao tédio, às lamentações de sempre, caindo em desespero.

Um dia, por fim, ele me disse:

— Ouça-me, Mauricette. Tenho refletido bem nestes últimos dias. Cheguei à conclusão de que só existe uma pessoa capaz de salvar-me quando Nádia desaparecer. Essa pessoa é você.

— Farei o que puder por você — respondi-lhe. Você bem sabe que minha afeição é infinita...

— Sim, sei bem. Precisarei, por meu turno, de uma mulher cuja dedicação seja constante, absoluta. Você, você sabe o que tenho sofrido, e não me pedirá um amor impossível, não estando, como é provável, apaixonada por mim... Mas nossa grande amizade, deve ser suficiente para nos tornar capazes de alguma felicidade... Diga-me: quer ser minha esposa? Es-

tou certo de que jamais suportaria outra mulher ao meu lado.

Ouvindo tais palavras fiquei perturbada. Não podia mostrar-lhe o excesso de minha emoção. Controlei-me da melhor forma que pude naquele instante culminante e procurei nada transparecer sobre meu amor, os sentimentos de meu coração. Mais tarde, talvez...

Tinha, porém, que dizer-lhe alguma coisa. Procurei então falar-lhe com a maior ternura possível e bastante calma:

— Sim, Noel, estou pronta para ser sua esposa, quando quiser. E empregarei o meu tempo, a minha vida, a consolá-lo, a curar-lhe a ferida que essa desgraça abriu em sua alma...

Ele me olhou indeciso e perguntou-me com voz hesitante:

— Está certa, porém, de que jamais lamentará esta decisão? E', com certeza, a piedade que a faz proceder assim. Mas, um dia, você também poderá vir a amar, amar com toda a força do coração, e nossa vida parecerá fastidiosa... Não, não devo aceitar de você, tamanho sacrifício...

— Não fale de sacrifício! — exclamei com o mais inesperado ardor, como se me traisse involuntariamente. — Bem sei que jamais poderei amar outro homem como amo a você, Noel! E passar toda a minha vida ao seu lado, eis o mais belo sonho, disso estou certa...

Devia haver em minha maneira de falar qualquer coisa estranha para ele, e que muito o surpreendeu. Olhou-me como se procurasse decifrar-me com os olhos. Senti que enorme calor me subia às faces, corando com aquela confissão. Estava tonta. Ele nada me disse. Parecia que estava todo engolfado no drama de seu espírito. Quanto ao que se passava comigo, talvez não lhe interessasse naquele instante.

Foi assim que nos tornamos comprometidos. Nossas famílias, logo que souberam de tal decisão, se mostraram rejubiladas. A situação da família dele em relação à nossa era, mais ou menos a mesma. Além disso, os seus pais tinham por mim a mais afetuosa afeição, desde minha infância, e minha saúde era perfeita. Sem nada dizer ao filho, os Faustins iam preparando o nosso futuro e robustecendo minha ventura para o dia em que me tornasse sua nora. Eu comecei a ver que o céu se abria para mim...

Mas ainda havia uma sombra trágica a empanar esse sonho de noivado, impedindo nossa plena felicidade. Havíamos decidido que só nos casaríamos quando a desventurada Nádia deixasse de existir. Aquêl amor era para Noel a única alegria no mundo, e se tornava indispensável que ela o levasse, com a morte... Os seus pais desejavam que ele casasse comigo sem maiores esperas, uma vez que o desenlace fatal de sua primeira noiva, dada a marcha acelerada da moléstia, não poderia demorar mais que uns meses. Nádia não saberia de coisa alguma, e, o fato de ser Noel já meu esposo, teria a salutar influência de atenuar-lhe a alma o choque da notícia

da morte de Nádia. Porém, ele recusou obstinadamente essa solução.

— Manter-me-ei noivo dela até a sua morte — replicava ele com firmeza. — Desejo assim permanecer, livre para ir vê-la, livre para falar-lhe, acariciá-la, enchê-la de sonhos e esperanças. Quando tudo isso acabar, aí sim. Posso dispor então de um coração amigo, de uma pessoa distinta a quem poderei transmitir minhas mágoas, e que me animará. Ela, espero, será minha salvação...

Era preciso que eu o amasse como, na verdade, o amava de todo o meu coração, para subordinar-me a uma tal condição. Não era em nome de minha própria felicidade, de minha alegria, de meus desejos. Noel decidia de minha vida a seu modo, sem ao menos consultar minha opinião. Mas essa escravidão me parecia agradável. Com a idéia única de que um dia essa provação estaria terminada e eu sua esposa, em quem ele confiaria, sentia-me capaz de todos os sacrifícios.

E mantive todo o meu amor naquele nível de paixão secreta, sem expansões...

Era necessário que ele continuasse a ignorar tudo o que me ia na alma, a fim de evitar que me afastasse de seu caminho, julgando-se incapaz ou indigno de meu sacrifício. Ele era um homem que conhecia todas as horas de agonia e sofrimento de quem amava suas condições.

Um dia estávamos a passear juntos num bosque. Voltando-se para mim, falou:

— Como estamos sós aqui! Parece até que somos as únicas criaturas deste mundo!

Olhou-me ternamente depois e acrescentou:

— Sente-se aqui ao meu lado, neste tronco caído.

Quando me sentei, ele tomou-me os braços, apertou-me contra o peito e beijou-me a boca, com os olhos cerrados...

Eu fiquei muda, atordoada, sentindo

grande alegria dentro de mim, um êxtase indefinível, e me deixei ficar assim abraçada a ele... Era a primeira vez que Noel me beijava. Sentia que seus braços me apertavam apaixonadamente, quando, de súbito, ele parece arrepende-se, descerra os braços, afasta-se e exclama:

— Que louco sou! Meu Deus! Serei capaz de trair minha pequena Nádia?... Levante-se e partamos! Parece que estou a perder a cabeça!

Ergui-me esmagada, humilhada, com lágrimas nos olhos. Ele viu meu pranto.

— Por que chora? — perguntou afavelmente. — Não me sinto com o direito de abraçá-la assim, você sabe bem disso... Mas você é tão bonita... e eu não sou mais que um homem... Vamos, depressa...

Deixamos aquela floresta, aquela solidão, quase a correr. Pareceu-lhe que fôra assaltado pela própria tentação, e agora era necessário fugir, mais que depressa.

Mas os seus desejos para comigo continuavam. Aquêles juramentos de fidelidade ao noivado com a enferma o tornavam nervoso, exaltado. Desde aquele primeiro beijo na solidão do bosque, sempre que estávamos a sós, ele me cobria de beijos, de afagos.

— Ah! — gemia. — Como é terrível esta situação! E' terrível não ter mais que uma alma! Mal grado todo o meu esforço, mal grado minha vontade, você me perturba, e eu muito soffro...

Eu não desejava que ele sofresse. Muito o amava, sem nada poder dizer-lhe. Mas era preciso dar fim àquela situação. Além disso, não ia ele ser meu esposo dentro em pouco?

Um dia, ao apertar-me contra si, deixei-me entregar totalmente em seus braços. Sentia-me feliz, e também fazendo-o feliz; nosso presente e nosso futuro estavam entrelaçados.

Mas, coisa estranha! Que surpresa em minha vida! Ao beijar-me não pronuncia o meu nome, e sim o de Nádia...

(Continua na pág. 51)



Bilhetes DO MEIO DO MUNDO

D. G. COIMBRA

Londres — Hoje, pela primeira vez neste inverno, caiu um pouquinho de neve em Londres. Muito pouca.

Na Escócia e no norte da Inglaterra tem nevado bastante há vários dias. A gritaria aqui pelas bandas de Piccadilly foi enorme. Ontem durante a noite toda certas, compainhas, réco-récos, assobios e cantorias. Todos se despedindo do ano passado conforme suas posses ou temperamentos.

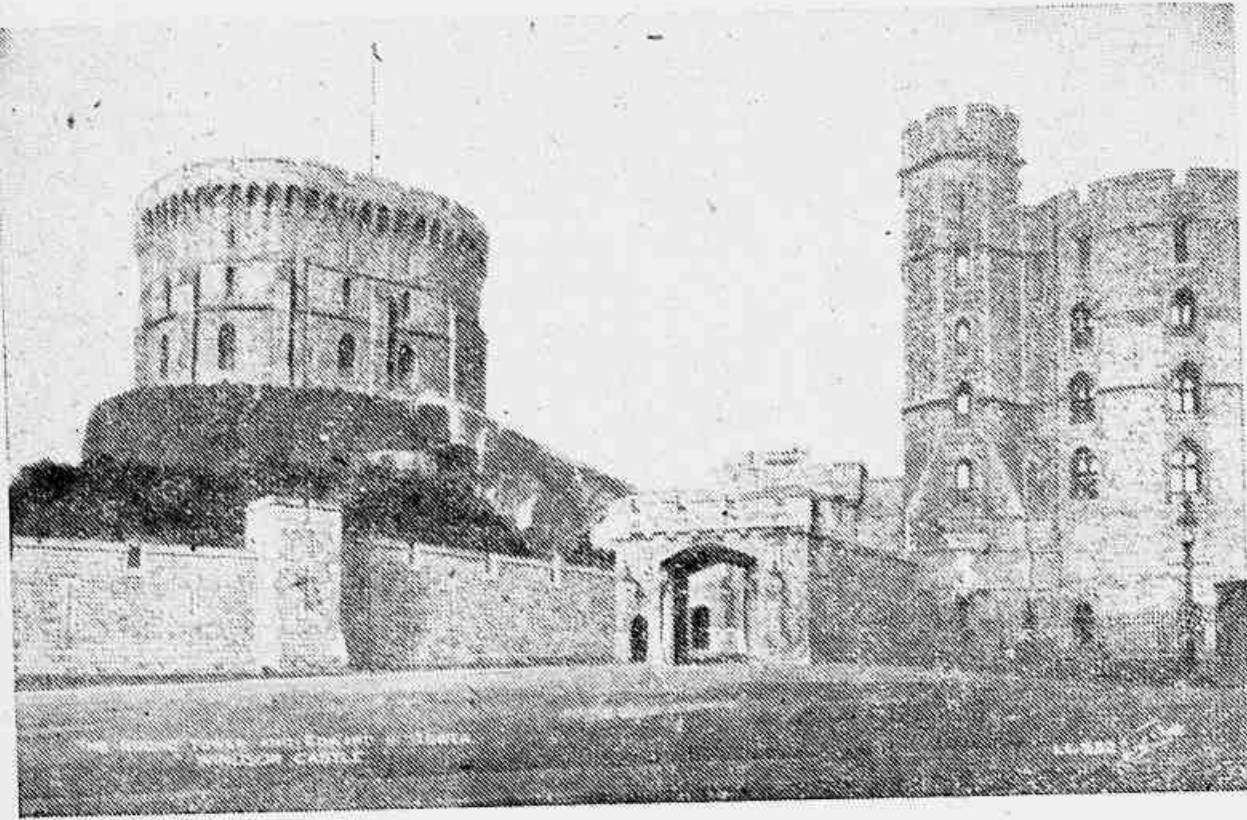
Este ano vai ser melhor para o povo inglês, pois o governo retirou alguns artigos do racionamento e ampliou a ração de outros. Mas café e chá continuam racionados. Entretanto não há falta de fumo, cigarros ou charutos. São caros mas abundantes. — Vou dar uma boa notícia ao Brasil: os ingleses hoje tomam muitíssimo mais café do que no meu tempo de menino, quando estudei e trabalhei aqui.

Mas não é só o tomar muito mais café do que antes; é que o preparam muito bem. Sabem até fazer café gostoso, o que raramente acontecia. Vou mais além ainda e declaro, que pelos países onde andei nesta longa jornada, onde fazem melhor café é na Inglaterra. Conte isso aos ingleses que ficaram muito satisfeitos. Aquêl profundo amor pelo chá já não é tão profundo, já está ficando mais razo.

Sem dúvida a "invasão americana" ajudou muito a popularizar o uso do café, pois os nossos amigos dos Estados Unidos o consomem mais por cabeça do que mesmo os brasileiros, e os ingleses viam com que prazer os soldados ianques saboreavam a rubla- cea durante as refeições.

Seja lá por este ou aquêl motivo a realidade é que tomam muito café, não só em Londres mas pelas províncias. Mais um bom mercado que aparece para alegria dos nossos fazendeiros, dos intermediários e do governo.

Já que estamos falando de bebidas vamos dar alguns preços de comidas. Uma dúzia de laranjinas 4 a 6 cruzeiros, conforme o tamanho; tamaras em caixinhas 15,00 cruzeiros; quilo castanha assada (nas ruas) 4 cruzeiros a dúzia; sandwich grande, 2 a 3 cruzeiros; cerveja meia garrafa, 4 cruzeiros; um bom almôço ou jantar 12 cruzeiros; um muito bom almôço ou jantar 20 cruzeiros; Hotel decente, com banheiro e café pela manhã, para casal 100,00 cruzeiros a diária; passagem de bonde ônibus-metro mínimo 50 centavos; cinema de 4 a 45,00 conforme a fita, o cinema e o bairro; telefonema 70 centavos; carta 30 centavos até 90 gramas; um bom par de sapatos 150,00; uma camisa de



A Torre Circular do castelo de Windsor

75 a 200,00 cruzeiros; carregador 4,00 cruzeiros por mala; Táxi mínimo 5,00 cruzeiros mas o total é sempre mais barato do que no Brasil.

Isso já serve para dar uma idéia da vida inglesa. Um operário regular, aqui, ganha aproximadamente 2000,00 cruzeiros mensais; um bom tipógrafo ou linotipista 2500,00 como sempre as vendedoras e vendedores de balcão ganham menos: 1100,00 cruzeiros mensais seria a média.

Os alugueis em geral, aqui, custam a metade do Brasil. O mesmo acontece com os prédios. Nas minhas visitas às fábricas comerciantes exportadores e repartições do Governo, tenho encontrado um enorme desejo de exportar mais, muito mais. Pode-se afirmar sem exagero que a Nação toda, desde o homem da rua até os chefes da Administração pública estão todos vivamente empenhados em aumentar os negócios no exterior para o benefício interno de todos. É uma prova de civismo que somente se pode observar em nações muito bem organizadas. Os fabricantes não só nos recebem muito bem e prestam atenção às nossas explicações e desejos como estão, invariavelmente, dispostos a fazer tudo quanto é possível e, às vezes, até o impossível para cooperar conosco nos nossos planos de comprar artigos britânicos.

O Governo quer aumentar a produção e a exportação. Os jornais e revistas estão falando constantemente no assunto. Assim, o povo, reconhecendo inteligentemente os motivos que causam o interesse da administração Pública pela remessa de produtos ao exterior, toma isso como assunto de interesse pessoal que depende do esforço de cada um. E com vigor e energia.

Não duvido que, com esse espírito de cooperação tão claramente demonstrado pelo povo e Governo britânicos eles irão conseguir dentro de relativamente pouco tempo, um aumento notável no volume de suas transações com os mercados de além mar. Não estão eles, aqui, se iludindo a si mesmo, julgando que é possível exportar receber o dinheiro ou o ouro dos outros, eles sabem perfeitamente que, para que a propriedade coletiva possa durar, ficar permanente: é absolutamente necessário que as exportações sejam logo depois seguidas pelas importações.

Que mandem para o Brasil, por exemplo, casemiras, linhos, máquinas, artigos de escritório, louças, cristais, bicicletas, automóveis, alimento, carvão, apês, fósforos, animais para reprodução, aparelhos elétricos e centenas de bons artigos britânicos mas que nos comprem algodão, café, couro, minérios, fibras, castanhas, madeiras, açúcar, especiarias, arroz, feijão, laranjas, abacaxis, bananas, carne, batata, passava e inúmeras especialidades brasileiras não só matérias primas mas também artigos já semi-manufaturados.

O velho ditado elementar do comércio segundo o qual não podemos viver apenas de lavar a roupa, uns dos outros, está sempre na mente das pessoas que tão habilmente sabem dirigir a vida econômica destas grandes ilhas que precisam vender para poder comprar e comprar para poder vender.

— Ora, ora! — retrucou o músico. — O sr. está ouvindo demais. Parece que algum idiota andou enxertando bobagens aqui, mas eu conheço esta sinfonia. Não toquei essas notas.

Uma gargalhada geral sublinhou, ironicamente, o fracasso do infeliz maestro. O feitiço se voltara contra o feiticeiro...

LAMBERTO BALDI

Estreou, regendo a Orquestra Sinfônica Brasileira, o maestro Lamberto Baldi. Quem acompanha, de perto, a vida do conjunto compreenderá as dificuldades que teve de enfrentar.

Bruno Walter, inegavelmente um dos maiores regentes contemporâneos, costuma dizer que queria ver aqueles músicos, que atormentam os maestros, virem, um por um, passar alguns minutos de intenso desconforto, de pé sobre a plataforma, com os olhos críticos da orquestra pregados nele e a responsabilidade de extrair daqueles elementos uma interpretação equilibrada, fundindo a participação de cada um no desenvolvimento harmonioso da execução.

Lamberto Baldi acrescenta à experiência, ao tirocinio, uma exuberância, um entusiasmo típicos. Lembra-nos seu compatriota, Oliviero de Fabritiis, cujo comportamento, à frente da orquestra, tinha as mesmas características. Desprezada a economia de gestos, a energia controlada, que confere ao regente uma aparência impassível, como Kleiber, por exemplo, Lamberto Baldi pertence à escola dos maestros que, com gestos largos, vivacidade, movimenta-se numa espécie de "ballet" não programado, mas que entretém o público. Se a massa orquestral se ergue, num crescendo, ele a segue, na mimia correspondente, pondo-se nas pontas dos pés, se necessário; mas, por outro lado, quando é preciso moderar a impetuosidade, extrair do conjunto um delicado, suave e repousante "pianissimo", realiza uma flexão de tronco, abaixando-se, com um dedo nos lábios, num "psiu"! dirigido aos músicos.

UM SUCESSO

Se registramos, aqui, esse aspecto pitoresco, não pretendemos, por outro lado, esquecer que Lamberto Baldi é um regente operoso e competente e que seus métodos sugestivos obtêm bom resultado, pois o nível artístico do programa de estréia foi elevado. Não só foi este bem escolhido, como a interpretação não desmereceu.

Ocorre-nos, a propósito, uma observação de certo professor de música, ao recomendar a seus discípulos que fossem a um concerto do violinista Tossy Spivakovsky. Referindo-se à maneira de segurar o instrumento do artista, que não é das mais recomendáveis, o mestre, que o considera, como, de resto, toda a crítica americana, um grande violinista, dizia: "Ouçam-no, mas não olhem para ele, enquanto estiver tocando!" Peço permissão para fazer idêntica recomendação aos sócios da O.S.B. com referência ao maestro Lamberto Baldi: "Ouçam-no, mas não olhem para ele, enquanto estiver regendo!"

CIENTISTA

(Continuação da pág. 22)

valiam. Não valiam nada, absolutamente. Nada! De modo que eu sempre saí perdendo, logrado!

E continuou:

— Mas no último negócio que fiz, fui de tal maneira enganado, de tal jeito armaram-me uma cilada, roubaram-me tão descaradamente que eu estou sem saber o que fazer. Causou estranheza a você eu estar com uma cruz na mão. Mas o fato se explica: "Tudo é imaginação!"

— Como?!

— Antes eu pensava que ela podia me fazer mal. Tomei de uma e nada aconteceu... Vê? Era minha imaginação!

— Mas como foi?

— Simplesmente... Na última vez que aqui estive, acudi um homem às portas do suicídio. Era um grande homem de ciência. E queria concluir uns estudos, sem que tivesse paz espiritual, pela razão de que estava seriamente adoentado e julgava poder morrer de uma hora para outra. Negócio feito! Tempo para terminar o que queria e a alma para mim, assim que morresse. Mas o miserável do homem, com uma inteligência inconcebível, termina o seu trabalho sobre a espécie humana, com a conclusão:

— "O homem é um ser essencialmente biológico; e tudo o que puder ser atribuído à existência da alma é puro trabalho da imaginação que, como ficou demonstrado, é apenas o produto da reação das substâncias (já apontadas) que constituem o cérebro, em contacto com outras... etc., etc., etc..."

— E' incrível! Incrível!

— E quando, nos seus últimos dias, eu lhe apareci para o ajuste das contas, ele me deu um volume autografado, que eu deveria na hora e que me fez sair sem saber o que fazer! O miserável do homem me convenceu de tal maneira, tais foram as suas profundas e suficientes explicações, que eu não sei mesmo se tudo é produto da imaginação, ou do que... E, antes que eu saísse, me disse muito clinicamente:

— "O nosso negócio não se pode realizar, meu caro, porque eu sou como um Banco; um Banco sem fundos!"

A VIDA DE FARADAY

(Continuação da pág. 18)

em sua companhia...". E acrescentou em um pós-escrito: "Esta é a carta mais breve e (para mim) a mais doce que eu já lhe escrevi".

Estava encantado de voltar à pátria e ao seu posto de técnico assistente no laboratório do Instituto Real. O Instituto era um misto de escola técnica, centro de conferências públicas e grêmio cultural. Embora contasse apenas quinze anos de existência por ocasião do regresso de Faraday, fora já reconhecido como "sede da mais alta pesquisa e das melhores e mais especializadas palestras científicas". E agora Faraday era aceito como parte integrante da organização — não apenas na qualidade de auxiliar de investigações, mas também de conferencista ocasional. Um de seus amigos nos dá uma descrição vívida, se bem que algo tócia, do jovem cientista na plataforma de conferências:

**De coração cálido e um sorriso no rosto,
Da jovialidade amigo e à tristeza oposto —
Correto no trajaz e simples de aparência,
Verdade e não proveito hauria na ciência.**

Seus rendimentos eram tão escassos — trinta xelins por semana — mas bastavam para as suas necessidades. Achava-os mesmo suficientes para as necessidades de dois, em vez de um. Pois começou a cortejar uma moça — Sarah Barnard. E' verdade que, algum tempo antes, ele escrevera em seu caderno de notas uma diatribe contra o amor. "Que é o amor? Uma coisa fastidiosa para todos, exceto às pessoas interessadas". Mas agora persistia em declarar o seu amor, ainda com o risco de fastidiar a bem-amada. Quando lhe enviou por escrito uma proposta de casamento, ela anotou na margem da carta: "O amor transforma os filósofos em tolos".

Mas o filósofo persistiu em sua toleima, e Miss Barnard finalmente aceitou — para eterna felicidade de ambos. Pois a mulher se revelou o perfeito complemento do marido. Se Michael Faraday nunca se importou com o dinheiro, Sarah Faraday nunca deu importância às coisas que se podem comprar com dinheiro. Durante quase meio século, Sarah zelou ternamente pelas suas necessidades exteriores, deixando-o interiormente livre de viajar pelo país de fadas da pesquisa científica.

E, de fato, era num mundo de fadas

que ele vivia — como uma criança ingênua em busca de aventuras numa terra inexplorada e de perpétuo encantamento. Seu gênio no campo da química e da electricidade espantava a Inglaterra. Seus serviços de perito eram constantemente solicitados nos tribunais. Faraday cedeu por algum tempo a essas solicitações, e num único ano ganhou nada menos de cinco mil dólares com os seus pareceres. Se, como lhe aconselhavam os amigos, continuasse a cumprir essas atividades, poderia contar com cerca de vinte e cinco mil dólares por ano. Mas ele desistiu para poder ficar livre de consagrar-se às investigações científicas.

Foi por esse tempo (1827) que ele deixou passar outra oportunidade de êxito mundano. Tinham-lhe oferecido a cadeira de química na Universidade de Londres, mas recusou. As pesquisas científicas no Instituto Real exigiam todo o seu tempo e energia.

E o salário que agora ganhava pela "variedade de seus trabalhos" — é o memorando dos diretores do Instituto Real que estamos citando — e pelo "zelo e habilidade com que os efetua" montava a "£ 100 (cerca de Cr\$ 10.000) por ano, casa, carvão e velas". Quantia assaz reduzida, em pagamento das "mais importantes descobertas da época" — mas era só o que os diretores do Instituto Real, com sua dotação insuficiente, podiam pagar. "Estamos vivendo das aparas da nossa própria pele".

Esse, pois, o sacrifício de Faraday pela causa da ciência. E era um sacrifício alegremente suportado. Faraday não se considerava um mártir. Gostava da simplicidade de sua vida — com seus deleitosos trabalhos e extasiadas descobertas. Sempre que, no decorrer de uma experiência, encontrava a chave de uma nova verdade, ele pulava e gritava como uma criança. E nos momentos de lazer também brincava como uma criança. Adorava os divertimentos, tanto como o trabalho. Teatros, corridas de cavalos, danças (certa vez compareceu a um baile de máscaras vestido com uma camisola e um barrete de dormir), excursões ao campo para assistir à festa da debulha ou da tosa — tais as diversões com que repousava o espírito dos trabalhos científicos durante as suas breves férias.

E assim o vemos passar saltitando pelo laboratório de sua vida — um menino observador, brincalhão e pensativo, de altura bastante inferior à normal, mas de músculos rijos e espírito resoluto — cabelos castanhos repartidos ao meio e cobertos com um chapéu feito especialmente para ele, por causa do invulgar comprimento anteroposterior da cabeça — voz sonora, boca larga e generosa, olhos cheios de alegria e coração cheio de riso.

De riso honesto. A sua honestidade era o maior título de glória que tinha — e o maior obstáculo à sua carreira. Quando os colegas do Instituto lhe pediam a opinião sobre seus trabalhos, ele dava-lhes uma apreciação franca, em vez de aplausos irrestritos. E essa franqueza valeu-lhe não poucas inimizades — inclusive a do homem que ele mais admirava, Sir Humphry Davy. Uma das mais importantes descobertas de Sir Humphry foi a "lâmpada de segurança" — uma lanterna de mineiros, a qual, segundo afirmava Sir Humphry, não explodiria nunca. Mas quando Faraday examinou a lâmpada, achou que nem sempre era segura. E foi esse o parecer que deu à Comissão Parlamentar encarregada de investigar os riscos das minas britânicas. A vida dos mineiros, pensava Faraday, era mais importante que a glória de seu mestre.

Mas Davy pensava de outro modo. Ficou ressentido com a "tagarelice" do seu antigo "criado" e contestou a idoneidade daquele "jovem adventício" para criticar a obra de seu mestre. Guardou rancor a Faraday por vários anos, e finalmente viu chegar o momento da desforra. Alguns admiradores de Faraday tinham apresentado a candidatura deste à Real Sociedade, instituição científica de que Sir Humphry era presidente. Quando foi submetido à votação o nome de Faraday, houve uma bola preta — a de Sir Humphry Davy.

Naturalmente, esse voto negativo não bastou para prejudicar a reputação de Faraday. Mas conforreu muito para desilustrar o nome de Davy. Contudo, Faraday não guardou ressentimento contra o antigo mestre e atual antagonista. "Ele nunca esqueceu o quanto devia a Humphry Davy", diz Jean Dumas em seu *Eloge Historique*. Anos depois, quando Sir Humphry tinha morrido já, Faraday conversava com Dumas na biblioteca do Instituto Real. Subi-

tamente, apontou para o retrato de Sir Humphry e disse com uma voz trêmula de emoção: "Aquele, meu amigo, era um grande homem!".

IV

Faraday não tinha tempo para disputas mesquinhas ou rancores pessoais. Pois dedicara a vida a uma única tarefa — a decifração do alfabeto secreto da natureza. Seu intento, dizia, não era inventar máquinas, mas apenas descobrir fatos. "Que outros se encarreguem de utilizar as forças da natureza. Eu me contento com o estudo da correlação entre essas forças". Pois era filósofo, assim como cientista. Anelava por encontrar um princípio unificador na diversidade da natureza. Repetidas vezes topamos em seu caderno de notas com expressões como estas: **Procurar converter o magnetismo em electricidade... Estudar as afinidades entre os gases e os líquidos... Relação entre magnetismo e gravidade... São idênticas tôdas as fases da electricidade na natureza? Correlação entre a electricidade e a luz...** Sempre em busca da solução divina a todos os nossos enigmas humanos.

Sua extensa carreira de pesquisador pode-se dividir aproximadamente em três períodos:

Na primeira fase (1816-1830), fez experiências principalmente no terreno da química, com incursões ocasionais nos mistérios do magnetismo. Estudou a composição do vidro, a natureza do ácido bórico, a separação do manganês nos minérios de ferro, e a produção — mais para estudo científico do que para o uso prático — de aço inoxidável. Mas o seu interesse era cada vez mais atraído para os problemas da "rotação electromagnética". "A lei da revolução magnética", escreveu ele ao professor de la Rive, "é simples e bela". A órbita de uma corrente elétrica em redor de um polo magnético e a órbita da terra em torno do sol — não seriam os fios entretidos de uma simples e harmoniosa urdidura da natureza?

A fim de explorar as harmonias ocultas dessa possível urdidura, o filósofo-cientista entrou na segunda fase de suas investigações (1831-1839). Nesse período, ele se dedicou exclusivamente ao magnetismo e à electricidade. "Estou agora ocupado com o electromagnetismo", escreveu a seu amigo Richard Phillips, "e acho que dei com algo interessante, embora não tenha certeza. Depois de todo o meu trabalho, pode ser uma erva e não um peixe que eu traga no anzol". E, realmente, mais de uma vez ele pescou "uma erva e não um peixe". Seus canhenhos repetem a cada passo a anotação: "Nenhum resultado".

Mas um dia, quando trabalhava no laboratório, exclamou de súbito para o seu assistente: "Está vendo, está vendo?". Por fim conseguira converter o magnetismo em electricidade. Para ele isso era, apenas, mais outra manifestação da unidade da natureza. Para o resto do mundo, essa descoberta assinalou o início da era das máquinas elétricas.

Mas Faraday pagou caro pela descoberta. "Ando tão absorvido nos experimentos", escrevera ao professor de la Rive, "que mal tenho tempo de comer". Como resultado desse esforço, sua saúde combaliu-se, e o médico por fim lhe ordenou que tomasse umas férias prolongadas. Só depois de cinco anos pôde iniciar o terceiro período de suas investigações (1844-1860). Nesse período explorou extenso e variado campo de experiências, de que as mais importantes dizem respeito às relações entre a electricidade e a luz. Foi a mente inspirada de Faraday que primeiro forneceu a Edison a centelha elétrica que hoje ilumina o mundo.

V

Ao terminar o seu dia de trabalho, Faraday costumava observar o pôr do sol, de mãos dadas com a esposa. "O esplendor do ocaso", escreveu ele a um de seus amigos, "traz consigo mil pensamentos que me deliriam". Até o fim da vida, gostou de ver o dia envolver-se na crisálida da noite — para erguer-se nas asas de um outro dia. "Que antiga e formosa é essa figura da ressurreição!", observou em seu diário.

Sobrecarregadas de laboriosos experimentos, suas forças tornavam a declinar. E de par com a diminuição das forças, Faraday começou a notar o declínio gradual da memória. Com o seu plácido humor habitual, referiu-se ao fato em uma carta ao professor Shönbein: "Não duvido que a minha resposta à sua carta fosse muito



ANGELUS RAVEL



"Rua da Misericórdia" — Óleo de José Maria de Almeida

Nos salões do Palace Hotel estão sendo expostos inúmeros quadros do conhecido artista luso sr. José Maria de Almeida que, embora nascido em Portugal, vê com o mesmo carinho o cenário de seu torrão natal e o que apresenta a terra onde tão bem se aclimatou — o Brasil.

José Maria — no dizer de um grande crítico patricio — "mantém pela pintura uma fidelidade extraordinária, não parando de pintar. E por toda parte em que anda, procura encontrar na paisagem a beleza que sempre existe espalhada pelo mundo, a espera dos que são dotados de sensibilidade e capazes de captá-la em todos os seus caprichos e segredos".

Na verdade das telas apresentadas na exposição deste ano, pode-se registrar os gêneros preferidos por José Maria: o casario, especialmente os motivos antigos; o interior de igrejas; as árvores, particularmente as árvores floridas, etc.

Em cada gênero, existem dois ou mais quadros a destacar. Assim, pôde-se dizer de "Lavadeiras do Rio Pavia", um belo quadro de casario, de cores sóbrias, que revela o bom gosto do artista ao procurar expressar-se com exatidão, sem excessos de grandiloquência.

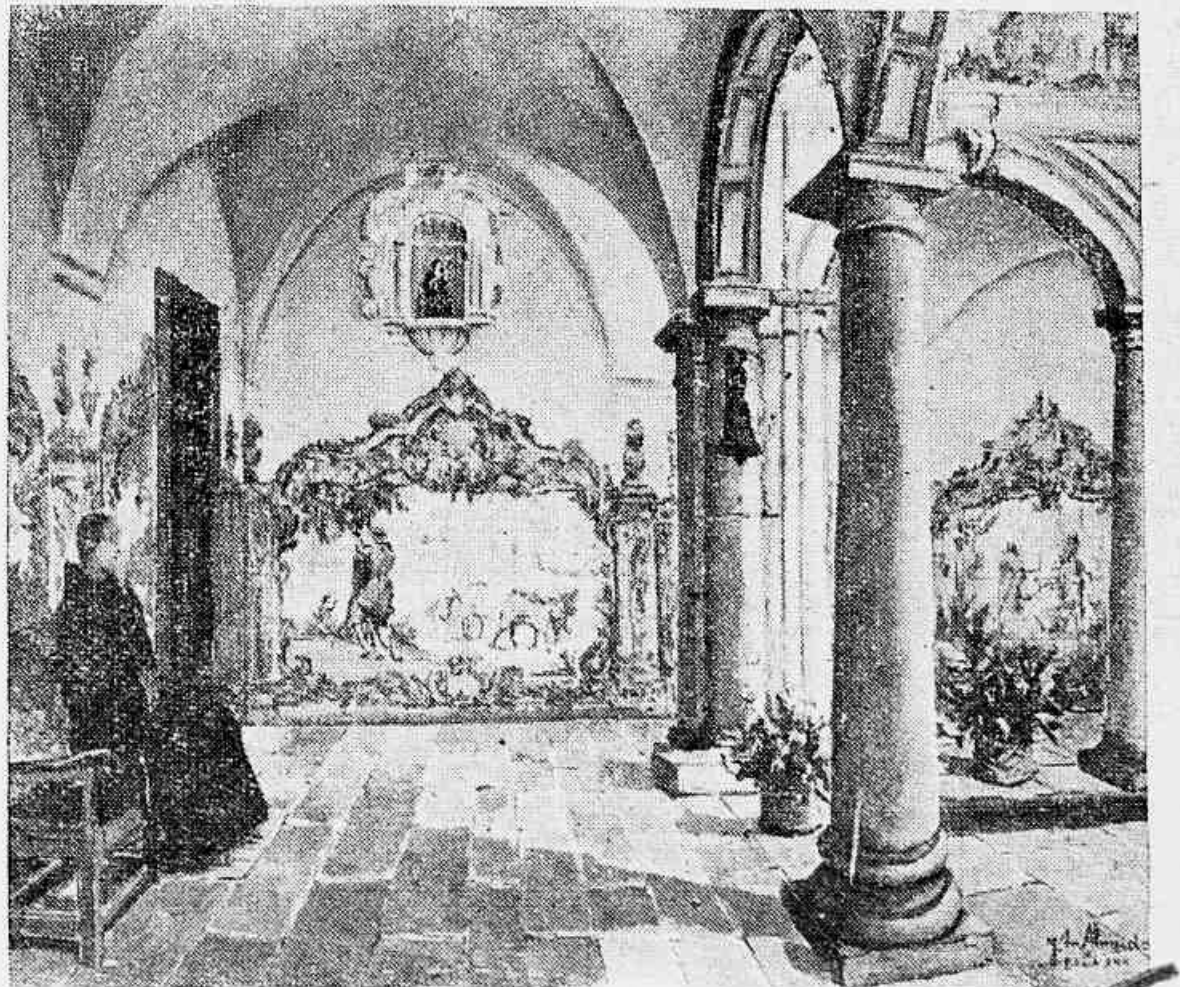
O "Beco do Puchinho", trabalhado com esmero, está feito com leveza, traduzindo movimento em notas de cor, ricas e muito bem distribuídas. Dentre os interiores de igreja, a "Sacristia do Convento do Carmo", na Bahia, revela grande equilíbrio, pintado em ouro discreto, bem transportando o ambiente de recolhimento e fé, de um dos mais antigos conventos da "boa terra". O "Interior da Igreja de São Francisco", monumento de arte erigido na cidade do Porto em Portugal, é um outro quadro que desperta viva atenção.

No gênero das paisagens, uma delas há de particular beleza e serenidade, traduzido com fiel singeleza: é a "Mimosa Florida" aspecto da natureza de Cunha Alta, onde José Maria, pintando de amarelo o horizonte daquela vila portuguesa, consegue uma interessante fusão de colorido.

"Paisagem de Inverno", colhida ainda em Cunha Alta, é simples, sem o alarido de cores, que dão às árvores um aspecto decorativo, sem afetar a natureza da pintura.

"Velha Mangueira", uma árvore solene, é também um magnífico quadro; o mesmo se podendo dizer de "Tempo Ameaçador", pintado aqui no Rio, onde o artista português deixa transparecer a qualidade de sua boa técnica, com emoções que sabe bem traduzir, com sentimento incomum. "Ilha do Fundão", outra tela de relevo na série de paisagens.

Grande tem sido o número dos que acorrem aos salões do Palace Hotel para apreciar a exposição deste ano de José Maria de Almeida.



"Cláustro do Convento de S. Francisco — Bahia — Óleo de José Maria de Almeida

A BELEZA DOS SEIOS BÉL - HORMON

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembolso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº

NOME Nº
RUA
CIDADE ESTADO

Preço para todo o Brasil Cr\$ 35.00

Insatisfatória. Mas, meu caro amigo, faça o favor de recordar que eu esqueço, e que me é tão difícil impedi-lo como a uma peixeira impedir o escoamento da água".

E foi com o plácido humor habitual que assistiu ao refluxo de sua vida. "O importante", dizia, "é saber aceitar tudo calmamente".

Certo dia um empregado da Casa da Moeda, um moço de nome Joseph Newton, teve ordem de ir realizar uma experiência no laboratório do Instituto Real. Reparou num ancião mal vestido, que o observava com uma expressão maliciosa no olhar.

— Está aqui há muitos anos, não? — perguntou Newton.

— Sim, há muitos anos.

— É uma espécie de porteiro aqui?

— Mais ou menos.

— Pagam-lhe bem, espero?

— Podiam pagar-me um pouco melhor.

— E como é o seu nome, meu amigo?

— Michael Faraday.

Simplesmente Michael Faraday, até o fim.

(Do livro "Vidas de grandes cientistas".)

CONCEIÇÃO, MINHA NAMORADA

(Continuação da pág. 42)

beijando inimigos meus, gargalhando da dor do meu coração cheio da sua presença. Então eu me consolava fazendo gestos, planejando vinganças, projetando aproximações com Conceição e tudo terminava por um sono agitado na Ponte do Imperador. Até que o ventinho frio da madrugada batia-me no rosto, levantava-me os cabelos, e devagarinho, estremunhado, sorumbático e triste eu me punha de pé. Passeava os olhos na fachada



O grande restaurador dos organismos DEBILITADOS, CLORÓTICOS, ANÊMICOS, DESNUTRIDOS. Regenerador do sangue.

HEMOGLOBINA

GRANADO

Preparado com hemoglobina pura retirada do SANGUE DE BOVINOS.

branca da casa de Conceição e me largava pelas areias da cidade, ir tomar em casa o meu café com cuscus e leite. Chegava de mansinho, com ar de inocente:

— Onde diabo andou você, menino? Mal deixou os ceciros e já se mete em farras! — E minha mãe, chorando, prometia contar tudo ao velho, e a surra seria tal que os anais da família haveriam de guardá-la. Mas a surra não vinha nunca. Outras noites de desconsolo, todavia, sempre chegavam para maltratar-me, fazer-me sofrer e sonhar com a beleza estonteante de Conceição, minha namorada. Eu definhava de amor e minha mãe chorava de preocupação.

Assim que o sol descambava para os lados da Jabotiana, e a viração da tarde caía como bálsamo suavizante sobre a cidade, eu me largava de mansinho pela rua da Frente e ia sentar-me nas pedras do cais, em frente à Capitania dos Portos. Porque ela era filha do capitão dos Portos, — e para mim, miserável filho de operários, era o símbolo da riqueza e da finura, da grandeza e do inatingível. Por isto, eu me limitava a sonhar, a desejá-la, a olhá-la de longe, a beijá-la em pensamento, tremendo à idéia duma aproximação material. Sempre que Conceição, por acaso, passava perto de mim, rindo e folgando, eu corava, baixava os olhos, e se ela me falasse cuido que emudeceria, tremeria e nem palavra me sairia da boca. Pudessem ela, entretanto, sonhar, ao menos, com os projetos lindos que eu fazia! Nem as rainhas da terra, nem as musas dos poetas, nem as quimeras dos sonhadores tiveram mais altares, nem foram tão queridas e cobizadas quanto Conceição. Porque Conceição, a filha do capitão dos Portos, era minha namorada, aquela que me fazia esquecer deveres diurnos e me forçava a ficar, horas e horas, humildemente sentado nas pedras do cais, os pés nas areias alvas, em frente à Capitania dos Portos, olhando o rio, esperando a ventura de vê-la correr na areia, ou cantar em casa, ou brincar com os irmãos pequenos.

O Conceição! Tu que namoravas rapazes bonitos e ricos, que tinhas carnes rijas e seios empinados num desafio, que jamais percebeste minha presença, nem adivinhaste meu desespero, foste, contudo, meu tormento e meu refúgio nas horas tristes da puberdade. Por tua culpa emagreci e definhei, tive olheiras e um peso terrível no coração insatisfeito.

Certa vez, num domingo de retreta, parado na sombra que fazia uma árvore, eu acompanhava os passos de Conceição. Naquele dia ela me parecia mais bela, mais viva, e eu não lhe tirava os olhos de cima. E decidira declarar-me, acabar com o suplicio que me atormentava.

— Que está você fazendo parado aí, homem? — perguntou-me João Paulo, filho dum grande médico da terra.

— Nada, não. Vendo o movimento.

— E logo tem que o rapaz quisesse parar, conversar, estragar-me a noite, impedindo-me de olhar livremente as

formas de Conceição. E para desgraça maior, João Paulo andava com vontade de namorá-la. Era forte, rico, bem vestido, e certamente não a amava como eu. Podia, pois, conseguir vitória fácil. E aquele pensamento me amofinou, deixou-me triste, zangado, despeitado.

— Olhe, vem ali a "vassoura". Vou fazer uma fezinha.

Senti no coração um peso, assim uma garra de ferro a estrangular-me. Uma raiva danada de João Paulo, um desejo de esganá-lo, de mordê-lo, de eliminá-lo. E logo me vi num cavalo fogoso, levantando poeira através dum campo aberto, Conceição na garupa, eu livrando-a dos assaltos dos conquistadores. "Conceição, minha namorada, estou aqui para defender-te, meu bem". E ela passou, olhou João Paulo ao meu lado, ele disse um galanteio, ela sorriu e nem desconfiou do meu desespero, da minha dor. Logo João Paulo se aproximou, saíram lado a lado, conversando, ela rindo muito, ele faceiro e arrogante, orgulhoso da inveja dos rapazes. Deram voltas pela praça. Passaram várias vezes por mim. E cada vez que passavam, João Paulo me olhava, piscava-me o olho, como a dizer-me: "Vai tudo bem, hoje terei noite de gala". E eu pensava, num desespero: "Cachorro, atrevido, pensa que a coisa ficará assim? Fica não". E desejava que Conceição fizesse um gesto de enfado, pedisse socorro, que eu estava ali mesmo para defendê-la, espancar o confiado. Mas o raio da menina nem ligava, ria como sempre, cada vez mais linda e cativante. E nem sei dizer que me foi dando: assim uma nuvem me cobrindo os olhos, um desejo de chorar, uma vontade de espancar Conceição, de espancar João Paulo, de acabar com a retreta, de ver gente correndo, de ver namorado espalhar-se que nem pinto quando gavião pousa em terreiro. Vontade, sobretudo, de ver as lágrimas de Conceição, certamente lindas e brilhantes como as de Nossa Senhora da Piedade.

E quando João Paulo passou, já agora de mãos dadas com Conceição,

piscou-me o olho atrevidamente. Da penumbra onde eu me achava pulei na frente dos dois e cobri de sopapos a cara de João Paulo:

— Cachorro. Não respeita homem não? Não vê que Conceição é minha namorada?

Colhido de surpresa, João Paulo amunhecou, tentou explicar-se, mas Conceição logo declarou que nunca me vira mais gordo. João Paulo se encheu de brios e me cobriu de murros. Corre-corre, gente curiosa, gritos das meninas, e a briga rolando, eu virando fera, xingando João Paulo, mas com o coração dilacerado porque Conceição me humilhara publicamente. Pontapés, dentadas, sopapos, corpo deitando em rasteiras de derrubar, até que veio um policial separar a briga. Minha roupa estava suja, a camisa rasgada, a gravata de lado e a cara sangrando, mas o coração era uma ferida dolorosa, porque feita pela menina dos meus sonhos. Todavia restava um consolo: a cara bonita de João Paulo era um mulambo sangrento, os cabelos pretos e sedosos, empastados, e ele tremia de raiva, chamando-me maluco e despeitado. Eu respondia, arrogante, os dentes batendo que nem caitetu no ataque:

— Cala a boca, peste, senão te mato! Isto é para não te meteres com namorada dos outros, viu?

A banda novamente voltou a tocar, indiferente ao meu desespero. Os rapazes alegres com a briga, e pela praça corriam os comentários e os risos. O policial nos foi levando à

NÃO SOBRÁRA NADA!

Os MAGOS da Culinária

• Pudera! Tão saborosos... E aqui está o segredo de alimentos deliciosos, apetitosos e de fácil digestão:

AMIDO DE MILHO

MAIZENA

DURYEA

MARCAS REGISTRADAS

Verifique o acampamento índio em cada pacote

A "MAIZENA DURYEA" 49-11
Caixa Postal, 6-B - São Paulo
Peço enviar-me, GRATIS, o livro "OS MAGOS DA CULINÁRIA"

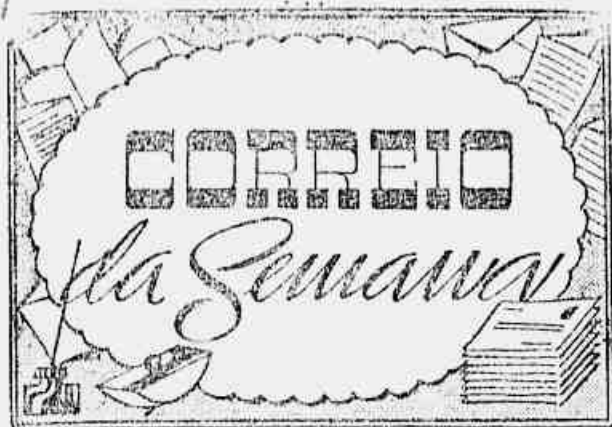
NOME _____
RUA _____
CIDADE _____ ESTADO _____

VARIZES

E HEMORRÓIDAS

Hemo-Virtus

USE A POMADA NO LOCAL E BEBA AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO



E. F. A. (Jequiá-Bahia) — "O Pedido" está muito fraquinho. Veja se arranca do crânio coisa mais substancial.

A. F. (Rio) — Naquêle tipo de papel tem que escrever, pelo menos umas oito folhas. Por isso seu "Cumbuca" foi para a cumbica.

C. C. N. (Baurú) — "Cena Mineira" não se condiz com o feitio moral desta Revista. Mandem-nos história menos personalista e vasada em linguagem menos livre.

Rebeca (?) — Muito curto o seu "Hospital de doenças mentais". É muito lúgubre. Escreva mais e escolha temas agradáveis.

A. S. (?) — Como se chamava o trabalho? "João Foca", ou "Vivos e Mortos"? De qualquer forma não poderia ser aproveitado. Estava pequeníssimo.

Djalma Nunes (?) — "Um grande amor não se esquece" foi aproveitado.

J. R. (São Paulo) — Não foi possível aprovar a "Ressurreição". O tema é forte, impróprio para esta Revista.

A. D. M. (Salvador-Bahia) — "O Desiludido" não pôde ser aprovado mas não se desiluda com isto e mande outro.

A. S. C. (Tigipió-Recife) — Seu trabalho "As Férias" não tem características de conto literário. E será também conveniente que o amigo aproveite as férias para aperfeiçoar mais o seu português, muito cheio de solecismos.

Osvaldo Sérgio de Alencar (Rio) — Belíssimo o seu conto, "Quando Desce o Pano". Esperamos que continue a colaborar.

Chefatura. Adiante, entretanto, por interferência duns homens bem vestidos, soltaram João Paulo e eu fui levado, esperneando, reagindo e xingando. Ao passar do outro lado da calçada vi Conceição parada, trêmula, branca da cor da lua cheia, linda como sempre. Olhei-a e vi que ela curiosamente me fixava. Logo me alegrei, porque no coração ferido me nasceu a esperança dum sorriso bom de Conceição. Todavia cuida tê-la ouvido dizer:

— Acontece cada coisa! Ora, que nunca vi tamanha feiura, gente! De repente esta cara de promessa surge, arma um furdunço, declara-se meu namorado e acaba tudo numa briga danada. Nossa Senhora, a pessoa se livre.

E foi a última vez que vi Conceição, porque no dia seguinte fugi de casa e ganhei o mundo de meu Deus, e nunca mais voltei à terrinha do meu desconsolo.

CASAMENTO SEM AMOR

(Continuação da pág. 47)

Alguns instantes depois parecia arrependido de seus arroubos de apaixonado e me censurava com voz exaltada:

— Que fizemos?... Deus do céu! Estarei louco? Por que perdemos a cabeça? Enlouqueço...

E se foi...

Eu fiquei no mesmo local, desesperada e envergonhada.

Para cúmulo de meu azar, no dia seguinte, chegava do sanatório uma notícia sensacional: Nádia, depois de submeter-se a um novo tratamento, estava salva! Essa moléstia tem suas surpresas, seus imprevistos estranhos.

Noel estava pleno de alegria.

— Tomarei o trem agora mesmo e, amanhã, estarei ao seu lado. Se alegria matar, já estou morto!

Ao ouvir-lhe essas palavras, deverei ter ficado muito pálida e com o semblante de quem sente profunda amargura. Ele o percebeu e me disse:

— Perdoa-me a loucura de ontem.

— Seus olhos estavam tristes e demonstravam o sentimento de quem reconhecia estar sendo ingrato para comigo, que, durante todo aquele tempo tinha sido uma amiga fiel nas tempestades de sua vida atribulada.

Mas Noel só pensava na outra, e começou a falar-me de maneira inconveniente, como se eu, antes de seus beijos, já houvesse entregue a outro o meu coração virgem. Discutimos em voz baixa e comecei a sentir arrependimento de ter amado àquele homem sem compostura. Então, para fechar este capítulo doloroso de minha vida, ele teve coragem de dizer-me:

— Sua vida e seus amores, não pertencem senão a você mesma. Pegue-lhe apenas que, jamais deixe que Nádia venha a suspeitar, mesmo de forma vaga, desses nossos projetos de casamentos. Além disso, tal união seria uma loucura, pois um casamento sem amor não poderia ser feliz...

Eu nada lhe respondi. Confessar minha paixão só poderia complicar o drama, tornando nossa situação ainda mais dolorosa. Por isso preferi continuar sua amiga, sua confidente nas horas amargas, guardando a lembrança daquela felicidade tão breve e tão cruelmente decepcionante...

Noel e Nádia estão casados há anos. Ficou restabelecida, mas sua saúde continua frágil e se escoa lentamente. Ele a ama cada vez mais.

Vivo ao lado deles. Parece que ele já perdeu, de todo, a lembrança daqueles momentos de romance entre nós dois. Mas, quanto a mim, posso asseverar do mais íntimo de meu coração que não tenho cessado de viver pensando em tais momentos...

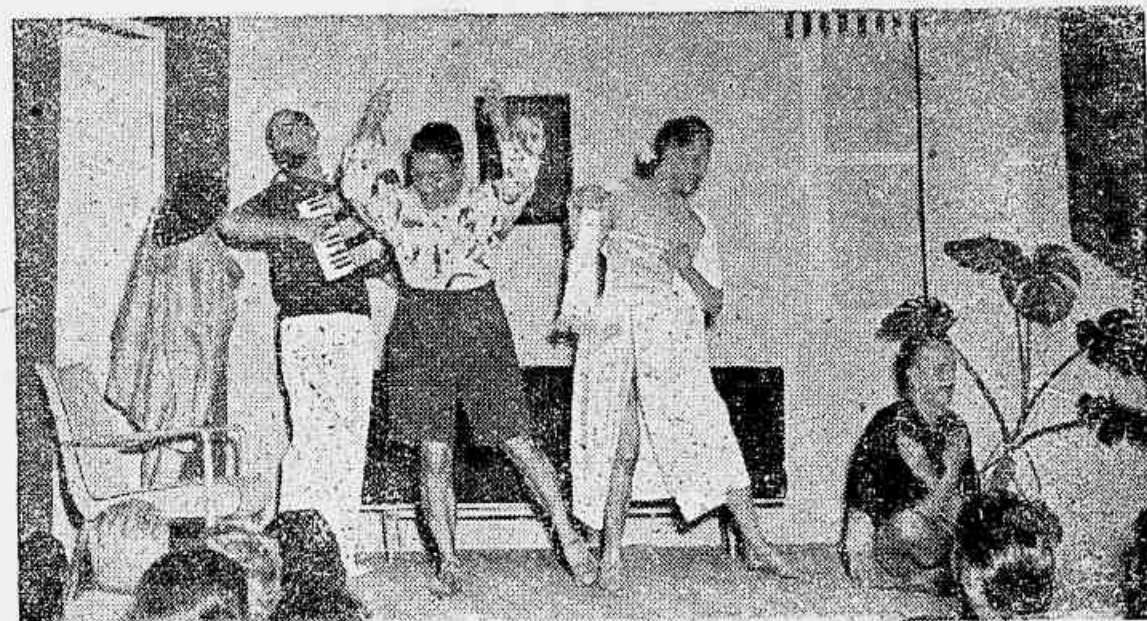


JOSÉ FOMM

Silveira Sampaio inaugurou o Teatro de Bolso na praça General Osório, em Ipanema, com a peça de sua autoria "Da Necessidade de Ser Polígamo", que tem merecido grandes apaluses do público e da crítica. Esse fato veio ratificar o talento do comediógrafo e também apresentar Teófilo de Vasconcelos como ator, pois é a primeira vez que o conhecido locutor do Jockey Club enfrenta uma platéia teatral.

Acontece, porém, que Sampaio havia prometido a Almée os seus préstimos para a encenação de "A Inconveniência de Ser Espósa", na capital bandeirante, onde já se encontra a atriz. Como solucionar o problema? Não podia representar em dois palcos simultaneamente, aqui e em São Paulo. Resolveu, então, procurar um ator para substituí-lo em "Da Necessidade de Ser Polígamo", e para tal foi sugerido por Margaret Moura o convite a Carlos de Laet. Lauro Lessa, o empresário, imediatamente o procurou e expôs o estranho convite. Carlos de Laet é advogado, e sua prática em palcos limita-se em alguns "shows beneficentes, e como era de se esperar, recusou. O papel de "Petúlio" é realmente difícil, mas Carlos de Laet poderia provar que suas habilidades não se restringem em leis e peças. Mas a modéstia e a grande responsabilidade que teria não lhe permitiram que aceitasse.

Assim sendo, Silveira Sampaio suspenderá por alguns dias o espetáculo do Teatro de Bolso, a fim de poder cumprir o que prometera a Almée. Atualmente esta atriz encena em São Paulo "Ela, ele e o outro", fazendo parte de sua companhia Paulo Pôrto e Ambrósio Fregolente, elemento recentemente desligado de "Os Artistas Unidos".



Cena de "Da Necessidade de Ser Polígamo", vendo-se Elisabeth Hojós, Flávio Cordeliro, Teófilo de Vasconcelos, Margaret Moura e Silveira Sampaio

Quiz publicar a carta de Laet a Silveira. Este se opôs mas o primeiro concordou:

"Meu caro José Fomm:

Eu soube que você andou com vontade de publicar a minha carta ao Silveira Sampaio, mas ele, com a modéstia típica dos valores reais, que podem abrir mão do cabotinismo para vencer, não permitiu. Não seja esta a dúvida. Você não precisa, publicar aquela carta que é dele: publique a minha cópia, escondido dele, e depois do irremediável, Silveira Sampaio não se molestará. Se este argumento lhe basta, aí vai a minha cópia; esta é minha e o Sampaio não manda nela".

Rio de Janeiro, 7 de Abril de 1949

Meu caro Silveira Sampaio: — Desde ante-ontem que estou para lhe escrever, com o intuito único de agradecer ao seu amável convite, que recebi por intermédio de nosso comum amigo Lauro Lessa.

Digo intuito único, afirmo que v. não sinta neste bilhete qualquer omissão a respeito da sua "Necessidade de ser polígamo": pois ainda não a assisti.

Cabe-me, portanto, agradecer, de todo o coração, àquele enternecedor convite.

Há 116 anos D. Pedro I, nesta mesma data, também abdicou qualquer coisa de muito grande: o trôno do Império do Brasil... e eu o faço por menos, mas sem complicações políticas. O meu caso é de incapacidade técnica e artística. Para tão grande convite, só este grande gesto: a renúncia.

Disse ao Lessa que me sentia (e ainda me sinto) honradíssimo com a idéia que v. teve imaginando que eu o pudesse substituir. Se eu tivesse a consciência de poder corresponder à sua delicadeza, certo que não teria o direito de recusá-la. Só mesmo a boa vontade de Margaret Reed poderia sugerir tal coisa.

Parece que já estou vendo o público espumando de raiva (aqui no caso justa cólera) ao me ver "petuniando" no seu Teatro de Bolso.

A sua figura insubstituível, e qualquer troca resultará em embuste contra a assistência. Se se tratasse de estampa física, ainda seria pior a emenda; pois feio por feio, que fique o sem barriga... Partindo daí, largue de mão àquele seu compromisso com São Paulo, e fique aqui pelo Rio.

Ademais é preciso que não se confunda o meu feitio brincalhão, sem timidez aparente, e às vezes cheio de macaquices, com aquilo que v. tem, e que se chama TALENTO.

Intercale São Paulo com o Rio; uma semana um, uma semana outro. Assim como v. certamente fará com certos remédios, mas só v. poderá aparecer em pouca carne e muito osso.

Para mim será sempre mais fácil requerer e ganhar uma ação de despejo com esta lei do inquilinato, do que representar em teatro de verdade.

A responsabilidade é grande demais, e eu jamais ousaria tomá-la sobre os meus ombros.

Até sempre, meu caro Silveira Sampaio, e fique certo que o seu convite, a estas horas, já está arquivado entre as glórias desta vida, que eu nunca sonhei merecer; e tome o meu consêlho — não procure mais ninguém para tomar o seu papel.

Um cordialíssimo abraço do amigo e admirador, deste seu recente amigo velho, que já está bem capaz de mandar fazer um carimbo, que diga "Vice-Petúlio", ou mesmo "Vice-Silveira Sampaio"...

CARLOS DE LAET

TRATE CIENTIFICAMENTE OS SEUS CABELOS!

Por que V. S. deve usar o OLEO MAC BIR



O OLEO MAC BIR devolve aos cabelos brancos ou grisalhos a sua cor natural, sendo completamente inofensivo. NÃO CONTEM ENXOFRE NEM SAIS DE PRATA. Elimina a caspa e detém a queda dos cabelos. Não é tintura. Preço no Rio: Cr\$ 20,00.

A VENDA NAS BOAS FARMACIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS

Atendemos pelo Reembolso Postal
Um vidro Cr\$ 30,00 — 3 vidros Cr\$ 80,00 — 6 vidros Cr\$ 110,00
Pedidos à

Caixa Postal 4.272 - Rio - D.F.

Publicidade para A CENA MUDA em
São Paulo: — Rua Álvares Penteado,
180 - Sala 502 - Tel. 3-2649

ACIDO URICO
REUMATISMO
ARTRITISMO
GOTA
LYTOPHAN

HAMLET

(Continuação da pág. 33)

timava o Príncipe, e a Rainha que, apesar de suas faltas, amava o filho com estranha intensidade. O traidor, portanto, sob a alegação de que precisava zelar pela segurança do incômodo sobrinho, decide fazê-lo embarcar, na companhia de alguns cortesãos, com destino à Inglaterra. Levaram os cortesãos mensagens várias à corte inglesa. A esta, súdita e tributária da Dinamarca, seria então exigida, sob diversos fundamentos, a eliminação de Hamlet.

Pouco depois de zarpar todavia, o navio é atacado por piratas. No auge da luta, Hamlet, a espada em punho, aborda sozinho a embarcação inimiga, enquanto, covardemente, seus próprios companheiros de viagem o abandonam a sua sorte. Os piratas mostram-se, porém, generosos para com o prisioneiro. Inteirados de sua identidade e na esperança de que o Príncipe, algum dia, pudesse recompensá-los pelos favores então prestados, intercedendo por eles na corte, levam-no para a terra, fazendo desembarcar no porto mais próximo da Dinamarca. Daí mesmo Hamlet comunica-se com o Rei, narrando a curiosa maneira de que se valera para voltar à pátria. Acrescenta que no dia seguinte mesmo se apresentará diante de Sua Majestade. Quando chega a Elsenor, entretanto, a primeira coisa a que assiste é um tristíssimo espetáculo: os funerais da jovem e doce Otielia.

A morte do pai pelas mãos daquele a quem tanto amava afetara sua alma cândida e sensível fazendo com que a donzela vagasse pelos corredores do castelo, distribuindo flores às damas e aos cavalheiros da corte, dizendo que eram para o enterro de Polônio... Cantava ainda, durante a renda trágica, estranhas canções de amor e de morte, misturadas a outras sem nexo algum, como se do passado nem uma única lembrança guardasse. À beira de um regato crescia, inclinado, um salgueiro refletindo no espelho da corrente suas lívidas folhas. Ali, fora Otielia ter um dia, burlando aqueles que cuidavam dela. Subindo a um tênue ramo para nele pendurar suas corôas vegetais, tecidas com botões de ouro, urtigas e margaridas do campo, de inveja o galho se partira, indo ela cair na correnteza chorosa. Largamente espalhados os vestidos, qual sereia algum tempo ainda a sustiveram à tona d'água. E ela cantava antigas árias, como quem de seu mal não se dá conta. Mas não passara muito tempo antes que as vestes embebidas de embebidas pesadas, arrastassem a mísera donzela da doce melodia à amarga morte.

Quando Hamlet chega, Laertes celebra o funeral da irmã, na presença do Rei, da Rainha e de toda a corte.

De início, o Príncipe não atina bem com o que assiste. Prefere ficar oculto, sem ousar interromper a cerimônia. Sua mão rege o túmulo de flores, conforme o costume nos enterros das virgens. Sempre esperei viesses a ser a esposa do meu Hamlet. Pensava enfiar teu leito nupcial e não a tua sepultura, suave Otielia — diz ela.

Laertes profetiza que do lúido corpo imaculado da irmã virão a nascer violetas. E, arrancando-se à cova, leu de dor, pede a todos que sepulhem juntos a morta e o vivo. Neste instante Hamlet sente renascer o seu amor pela formosa moça e não podendo suportar fizesse o irmão como diário de seu sofrimento (já que nem quarenta mil irmãos conseguiriam igualar o dele, dá-se a conhecer. Com técnica de maior exaltação que Laertes salta também para dentro do túmulo.

Laertes, sabendo ser Hamlet o causador da morte de sua irmã e de sua irmã, tenta estrangulá-la até que os presentes intervierem separando ambos.

Depois do funeral Hamlet desculpase de seu precipitado gesto. Não podia suportar entristecido que ninguém pretendesse ter sentido mais que ele o desaparecimento da noiva.

Valendo-se do pesar e da indignação de Laertes, Claudio maquinava um plano para eliminar definitivamente o seu rival. Começa por convencer a Laertes de que este

O preço desta revista para venda ao público, em qualquer parte do território nacional, é de Cr\$ 3,00.

Aos distribuidores é concedido um desconto que dá margem ao respectivo lucro dentro daquele preço mencionado na capa.

aparentando uma reconciliação, devia desafiar Hamlet a duelar, amigavelmente, com ele, medindo os dois sua renomada habilidade no manéjo da espada. Hamlet aceita o desafio e é marcado o dia do encontro, a que toda a corte assistirá.

Laertes, instigado pelo Rei, envenena uma das armas. O Príncipe, sem desconfiar da traição preparada, escolhe a arma que lhe é oferecida, não tomando a precaução de examinar a do seu adversário que se vale de uma pontaguda e banhada em droga mortal.

Iniciada a luta, Laertes contenta-se em dar golpes. Hamlet leva vantagem. O Rei, entusiasmado com a perícia do sobrinho, brinda seu triunfo e lança ricas apostas a seu favor. No calor do combate, Laertes fere Hamlet com a espada envenenada. O Príncipe reanima-se, sem contudo perceber a falsidade que o cerca. Desarma Laertes e, trocando sua arma inofensiva pela deste, fere-o também. Laertes é assim vítima de sua própria infâmia.

Neste momento a Rainha grita que se sente envenenada. Havia bebido, inadvertidamente, da taça que o Rei tinha preparado para Hamlet, contendo um tóxico fatal para ser usado no caso de Laertes falhar. Suspeitando então da trama, Hamlet ordena que se tranquem todas as portas do castelo até que se esclareça o que acontecera.

Laertes confessa-se culpado. E, sentindo a vida fugir-lhe pela ferida aberta com a ponta da espada, que ele mesmo tornara fatídica, descobre o laço que se havia preparado e no qual estava preso finalmente. Diz a Hamlet que não lhe resta meia hora de vida. No mundo inteiro não há bálsamo capaz de livrá-lo da morte. Que o perdão, implora. E morre, acusando o Rei de ser o autor de todo aquele enredo.

Vendo Hamlet que seu fim se aproxima e contando ainda a espada um pouco de veneno precipita-se sobre o tio, atravessando-lhe o peito com a arma. A promessa que fizera ao espírito de seu pai estava paga! O mandato real fora cumprido e vingada a morte infame do querido monarca.

Hamlet, porém, sente que as forças lhe faltam, que sua vida se esvai. Volta-se para o bom amigo Horácio, testemunha da trágica ocorrência e, já agonizante, pede ao companheiro que narre sua história à Humanidade. Horácio, que de bom grado o seguiria ainda aqui, promete conservar o alento e relatar a verdade sobre tudo a que assistira.

Assim tranquilizado, o coração de Hamlet cessa de bater. Horácio e aqueles que o cercavam, em lágrimas, imploram ao céu que revoadas de anjos, cantando, conduzam ao repouso eterno a alma do Príncipe adorado...

Publicidade para o

REVISTA DA SEMANA

em São Paulo

Tratar com

JARBAS DE FREITAS GALVÃO

Rua Brigadeiro Tobias, 613, 2.º andar

— Sala 217 — Fone: 6-6718

Nº 1

A MULHER SCARLET

INVISIVEL

POR RUSSELL STAMM



O TEMPO VOOU, NÃO SCARLET?

NÃO SEI, POR QUÊ...

DESCULPE, NÃO O TINHA VISTO.

ASSUSTO A TODOS...

SANDY ACABAVA DE COMENTAR COMO O TEMPO VOA QUANDO O VISITANTE APARECEU.

PRECISO FALAR-LHE, MISS SCARLET

POIS NÃO...

EXAMINEI OS SEUS LIVROS. ARRISCOU-SE MUITO ESTE ANO.

NÃO PENSEI QUE...

E' ISSO; NÃO PENSA. QUASE FOI ASSASSINADA...

JÁ ESQUECI...

QUASE MORREU NO PANTÃO, E FOI BALEADA VÁRIAS VEZES...

E NÃO É SO! O MUSCULOSO FUGIU DO SANATORIO...

PUXA!

AS VEZES, O SEU LIVRO POSSUE PAGINAS EM BRANCO...

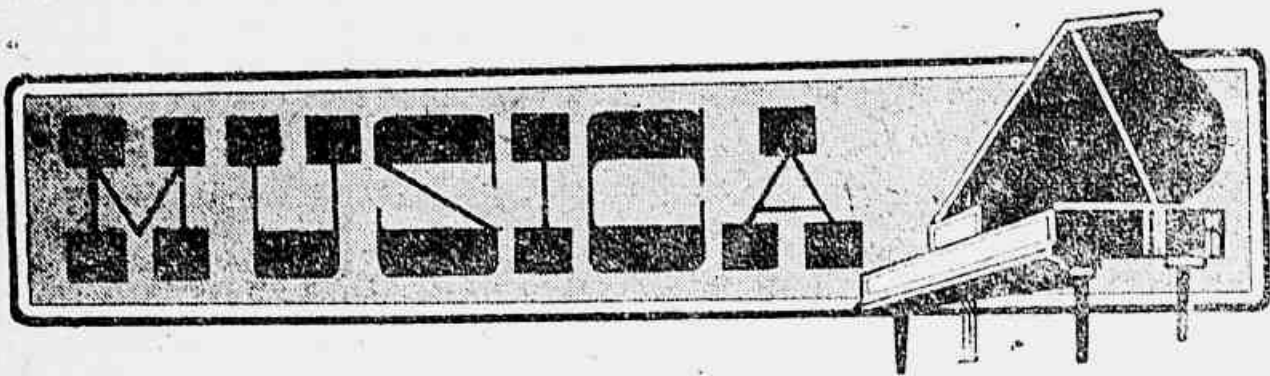
POSSO EXPLICAR...

NÃO É PRE-GISO, É TARDE DE MAIS!

QUANDO VOLTAR, ENTÃO...

NÃO VOLTAREI, MAS O SEU SUBSTITUTO APARECERÁ

PARTIU!



LAMBERTO BALDI

UM ENCONTRO, UM MAESTRO E UMA ORQUESTRA ★ FEITIÇO E FEITICEIRO ★ OUÇA MAS NÃO OLHE!

De ROBERTO LYRA FILHO
(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

O primeiro contacto de um regente com a orquestra que, durante uma temporada, vai ficar sob seu comando artístico, é um momento importantíssimo. Dele depende o sucesso de seus esforços ou o fracasso irremediável de suas tentativas no sentido de controlar o conjunto. Um pianista e escritor americano, Oscar Levant, com sua irreverência habitual, descreveu aquele instante como lembrando o encontro de dois gatos, que se arrepiam, soltando miados de desconfiança e hostilidade. De um lado a orquestra; do outro, o regente. As provas de capacidade, firmeza e conhecimento musical a que, então, é ele submetido valem como o mais severo dos exames, e a aprovação, se, enfim, meio a contragosto, concedida, é título precioso, indicando, ao mesmo tempo, competência e bravura. Os que se deixam intimidar ou mostram suas fraquezas estão perdidos...

O preparo de um regente devia, por isso, incluir um curso especial de psicologia, aconselha Oscar Levant. E é, na verdade, uma excelente sugestão, que evitaria muitos desastres...

AGRESSIVOS E SERENOS

Conhecendo, melhor do que ninguém, o valor da impressão que terá o conjunto de sua pessoa, os maestros, em geral, preparam sua primeira entrevista com a orquestra



Orquestra Sinfônica Brasileira

com o mesmo minucioso cuidado com que um ator estuda o seu papel. A maneira de caminhar até o estrado, os gestos, as palavras — tudo cautelosamente medido e premeditado.

Há os agressivos, que pretendem dominar pelo ar rude e pelas expressões ríspidas e mal-humoradas. É um método que só dá resultado quando o regente é muito seguro e sabe impor respeito, pela sua competência, porque, caso contrário, o antagonismo da orquestra pode levá-lo ao descontrolo. Um Kleiber, por exemplo, pode dizer, como disse, a um violinista: "Que é que o sr. pensa que está fazendo? Tocando violino ou provocando guinchos de molas enferrujadas?". Mas Kleiber é capaz de tomar o violino e mostrar ao violinista como se toca corretamente um trecho...

Há outro tipo, mais sereno, que procura estabelecer camaradagem com a orquestra, fala em cooperação, em boa vontade, etc. Mas, se mostrar muita humildade, ver-se-á, logo, dominado pelos músicos.

FEITIÇO E FEITICEIRO

Conta-se que um regente, querendo impressionar a orquestra, alterou as partituras, enfiando notas, compassos inteiros até. E, depois, no meio de um furioso "tutti", quando a orquestra derramava nos ouvidos dos presentes um tremendo volume de som, quis mostrar que tinha poderes auditivos excepcionais e fez parar o conjunto.

— Como é isso? — disse, voltando-se para um músico. — O sr. está colaborando com o compositor? Está tocando, por sua conta e risco, notas que não encontram na partitura!

(Continua na pág. 48)

O CAMPEONATO...

(Continuação da pág. 6)

Nessa altura, o reporter pediu licença para entrar na conversa. Tentou explicar o que lhe pareceu a boa vontade das demais delegações em participar do Campeonato, muito embora sem mesmo almentar pretensões à conquista do título.

— Que nada, seu moço! Ninguém joga futebol no resto do continente. Só no Brasil, Argentina e Uruguai.

Para o torcedor de futebol, porém, de nada vale a argumentação da "boa vizinhança". Se o "team" joga bem, o país que ele representa é o "maior". Pode ser o Uruguai, ou a Argentina, é indiferente.

A REPRESENTAÇÃO NACIONAL

O tempo passa depressa com essa conversinha. Já eram 3 horas, e agora o estádio está literalmente lotado. Somente o recinto onde estão localizadas as cadeiras numeradas, ainda tem algumas vagas. Os que adquiriram ingresso para as cadeiras, têm mais "chance" de ficar em casa, e nem se apressam.

Surgiu — uns dois lances abaixo da plataforma onde estamos sentado — um senhor incrivelmente gordo, com a intenção evidente de transpor aquela muralha humana e se alojar mais acima.

Houve protestos. Discussão. Início de briga. Porém, tudo serenou. Mas, o gorduchinho não queria passar, não. Postou-se bem ali na nossa frente, mastigando um pastel e sobraçando três garrafas de um refrigerante.

Não adianta a gente protestar. Perguntamos ao homenzinho da direita se a representação nacional estava em boas condições de jogar.

— O time não está mal não. P'ra mim, o ponto fraco é Otávio, no centro...

— Otávio e Noronha, também — virou-se o gorducho, metendo-se na conversa, ainda mastigando o pastel (que agora se podia ver claramente que era de carne...). — Na minha opinião, o Leônidas está jogando muito mais bola que qualquer center-forward...

— O Leônidas está velho... Deve ter 37 ou 38 anos, não aguenta o tempo oficial do Campeonato.

— Ora... Mas pode haver substituições, ou você não sabia? E tem mais uma coisa, se eu fosse o Flávio punha Juvenal no lugar de Noronha, e mandava ele jogar recuado...

— Esse jogo é um "barbadão" p'ra o Brasil.

— Disseram os jornais que o melhor elemento do time deles é um tal da Cantos, o meia-direita. Na linha não tem ninguém mais.

— Aliás, a "linha do Equador" é imaginária... — acrescentou um outro torcedor, mais erudito, querendo fazer trocadilho.

COMEÇA O DESFILE

Afinal, um movimento da torcida nas "sociais" do Vasco. Palmas prolongadas. Foguetes. Todos se levantam. E' que vêm surgindo em campo as delegações participantes, para o desfile. Ostentando as bandeiras de suas respectivas federações esportivas, lideradas pela banda de música da Aeronáutica, os "scratches" concorrentes ao XVI Campeonato Sul-Americano, ofereceram ao público um magnífico espetáculo.

A solenidade não teve a imponência que caracterizava a inauguração de eu-

tros sul-americanos, porque o Congresso Esportivo de Guayaquil, extinguiu o antigo ritual do hasteamento de cada pavilhão, no som do respectivo hino, mas ainda assim o desfile proporcionou uma vibrante demonstração de unidade esportiva continental. Abriu o desfile, a representação boliviana, a seguir, os chilenos, depois os colombianos, equatorianos, paraguaios, peruanos, e precedendo os brasileiros, a delegação do Uruguai. Fechou o cortejo a representação nacional, tendo à frente o "back" Augusto, como porta-estandarte.

Realizou-se diante do mastro, a parada das oito delegações disputantes, para a cerimônia do hasteamento do Pavilhão Nacional, precedida pelo capitão Andrade Leão, que foi o dirigente do desfile.

OS AMADORES CAMPEÕES

Após a apresentação de todas as embalsamadas esportivas inscritas no Campeonato, foi anunciado o desfile do scratch de amadores, que tanto elevou o renome do futebol brasileiro, no recente campeonato de classe realizado no Chile.

Os vencedores do Campeonato Sul-Americano de Amadores deram a volta da pista, precedidos das delegações estrangeiras, do presidente da Confederação Sul-Americana e do presidente da Confederação Brasileira de Desportos.

A PALAVRA DO PRESIDENTE DO C.S.A.

Anunciou-se depois a palavra do Sr. Luiz Valenzuela, para inaugurar oficialmente o campeonato. O presidente da Confederação Sul-Americana pronunciou as palavras de praxe, encerrando com eloquência a sua breve oração: "Faço votos para que esta pugna seja uma demonstração de confraternização continental".

DELICADA HOMENAGEM

Houve a seguir uma delicada homenagem prestada ao Brasil pela delegação colombiana. Distinguindo a "mulher brasileira", na pessoa da Sra. Rivadavia Corrêa Meyer, esposa do Presidente da C.B.D., o Sr. Jaramillo, chefe da delegação da Colômbia fez entrega de uma "corbelle" aquela distinta senhora.

VITÓRIA DO BRASIL

Terminada a cerimônia inaugural, teve início o primeiro jogo do atual certame, reunindo as representações do Brasil e a do Equador.

Os equatorianos não chegaram a superar os nossos na prática desse esporte. Foi uma partida relativamente fácil para os brasileiros. Embora alguns elementos da equipe visitante possuíssem reais qualidades, a produção do quadro em seu conjunto, deixou muito a desejar. O resultado final dá bem uma idéia da superioridade da representação nacional. Brasil 2 x Equador 1.

As duas equipes entraram em campo, assim constituídas:

BRASIL — Barbosa, Augusto e Wilson; Ely (Bauer), Danilo (Ruy) e Noronha; Tesourinha, Zizinho (Admir), Otávio, Jair e Simão.

EQUADOR — Carriello; Lobato (Sanchez) e Bernal; Torres (Riviera) Vasquez e Marino; Arizaga, Cantos, Chuchuca, Vargas e Andrade.

O APÓSTOLO DOS ARROZAIIS

Texto de
GIOVANI SABATTINI

Fotos da
KEYSTONE

SE há um país neste mundo que está merecendo os aplausos dos povos, é a Itália. Vítima de uma guerra para a qual foi arrastada contra a índole do seu povo, sofreu o imortal país de Dante, Cavour e Garibaldi as mais cruéis atrocidades, vendo todo o seu solo devastado pelas invasões estrangeiras e pelos próprios aliados de ontem, além de tremer nas convulsões de revoluções internas das mais sangrentas e trágicas.

Mas o espírito de ordem, a tenacidade para o trabalho, características das mais vivas do italiano, triunfaram, afinal, sobre toda aquela enorme catástrofe, e eis novamente a península a mostrar ao mundo esforços de restauração rápida e eficiente.

Nas páginas que aqui apresentamos, há um exemplo desse amor à vida, desse prazer de produzir, essa euforia pelo trabalho fecundo da terra em benefício da coletividade.

E quem o dirige? Um padre, um apóstolo que semeia a fé nas almas descrentes e povoa os campos de sementeiras para a manutenção da vida de seus concidadãos.

Neste momento, milhares de mulheres chegam de várias zonas do norte do país, para quatro províncias onde a produção do arroz é uma constante econômica: Milão, Pavia, Vercelli e Novara, para a plantação da graminha, indispensável à alimen-

Uma bela colaboradora do padre Balduzzi, quando, ao findar o seu trabalho diário, tomava um copo de sopa de arroz cultivado por suas próprias mãos



Trepado em seu jeep, no qual percorre os campos de arroz, o padre Balduzzi distribui entre os trabalhadores algumas revistas de agricultura

tação do povo. E centenas dessas agricultoras são muito jovens, variando as idades entre 14 e 20 anos.

Movendo-se entre esse exército de mulheres rissonhas e saudáveis, vê-se a figura simpática de um senhor idoso e de sorriso nos lábios: o padre Giovanni Balduzzi, de sessenta anos, que mora em Vigevano, centro de cultura rizícola do país, e que, sem desprezar seus deveres sacerdotais, dedica-se desde sua juventude ao estudo das plantações de arroz, seus mistérios e seus problemas de solo, clima e pragas, a fim de que lhe fosse possível evitar malôgro de safras e exploração de preços.

O padre Balduzzi se sente feliz entre suas colaboradoras dos arrozais das várzeas alagadas, e elas compartilham desse prazer, pela finalidade altamente moral de tais serviços, que, em com-

penção, lhes garante salário firme e doses de saúde através da luz do sol e dos contactos com a terra e a natureza, os dois grandes médicos absolutamente gratuitos...

E' interessante saber-se que de tal forma se apaixonou o sacerdote pela cultura do arroz que passou a ser conhecido entre o povo pela alcunha de **Padre Arroz**... E' geralmente estimado, prestativo e generoso. O "Apóstolo dos Arrozais" foi o título que a Itália lhe deu, numa homenagem merecida e cativante.

Graças aos seus métodos científicos, dentro de todos os preceitos de agronomia moderna, uma cova de seus campos chega a produzir uma média de 20 espigas, cada qual com uns cem grãos de arroz.



A esquerda: A assistência médica entre as suas trabalhadoras é permanente e diária. Aquil vemos o padre Balduzzi a distribuir produtos medicinais às jovens. A direita: O padre Balduzzi é adorado entre as jovens que vivem ali nos campos de arroz, e, logo que ele chega para uma visita, é cercado por todas

As suas safras regulam cerca de dez quintais de arroz por quilômetro quadrado. Ele nos explicou, certa vez, que prefere empregar mulheres nas plantações por serem elas mais leves do que os homens, e seus pés, muito menores, causando menos danos aos campos de cultura. Além de tudo, são as mulheres mais adaptáveis ao trabalho de transplantação, que exige, durante horas, posição física de debruçamento muito incômoda para os homens. A natureza feminina se adapta mais a esse trabalho que requer cuidado e leveza de mãos no amanho das mudas frágeis. As plantas nesse pe-

ríodo de existência representam verdadeiras crianças que precisam de cuidados maternos, e somente as mãos das mulheres sabem dar-lhes o tratamento indispensável à preservação de sua vida.

No Ministério da Agricultura de Roma é esse padre considerado verdadeiro "expert" da cultura do arroz.

O serviço começa às seis da manhã e se prolonga até as 14 horas, ou sejam, oito horas por dia.

O total da colheita do produto naquelas quatro províncias se eleva a cerca de vinte milhões de quintais anualmente. Esse cômputo, entretanto, está

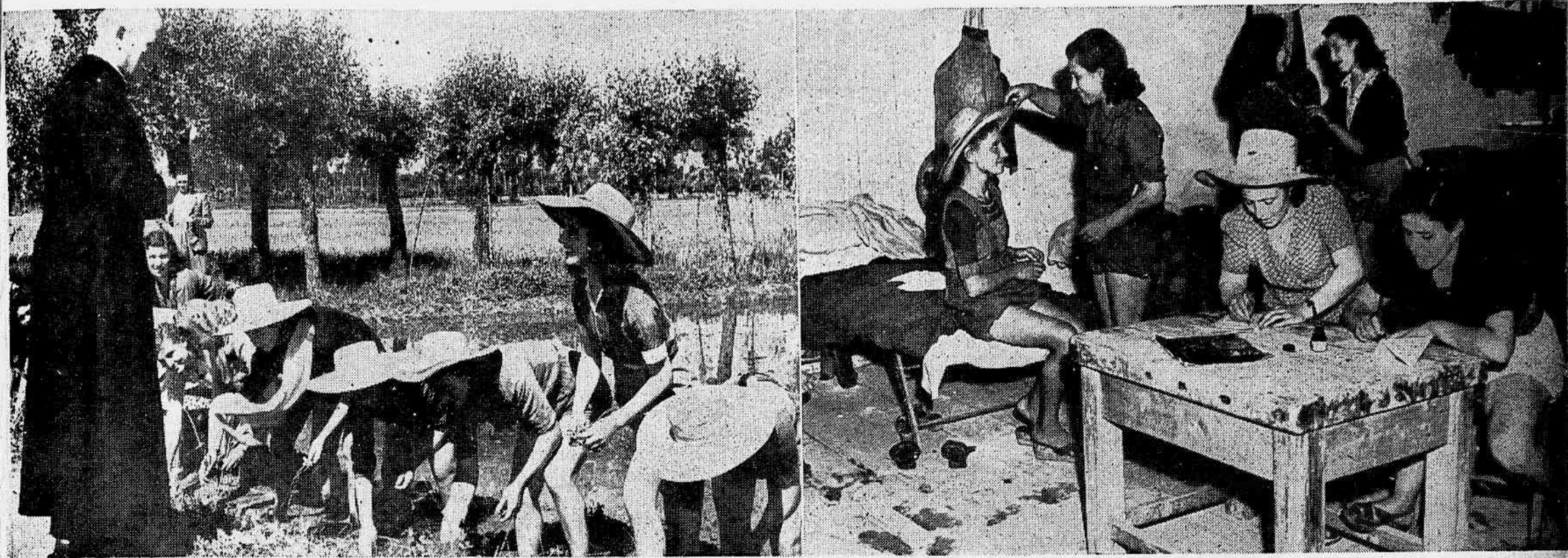
atualmente reduzido a uns doze milhões, pois que muitos agricultores resolveram dedicar-se ao plantio e cultura do fumo, que dá menos trabalho, menor despesa, é mais prático e oferece melhores lucros.

Durante as boas safras de arroz, cerca de 300 mil trabalhadores são empregados todo ano nos campos nacionais; mas este ano o número de limpadores chega apenas a 200 mil.

O serviço de transplantação de mudas provém de grande campo de sementeiras, e dura cerca de quarenta dias. Este período de trabalho transforma



Protegendo suas cabeças contra os raios de um sol de estio, estas alegres trabalhadoras de arroz se encaminham para o início do seu serviço nas varzeas alagadas



A esquerda: O sacerdote gosta de estar em contacto com os trabalhadores do campo, e, diariamente conversa com as moças como um comandante na frente de batalha.
A direita: As jovens camponesas vivem em barracas de madeira em pleno campo e, nas horas vagas, escrevem às suas famílias narrando a vida nos arrozais

o padre Balduzzi num verdadeiro "Anjo da Guarda" dos campos, das plantinhas e dos seus colaboradores.

Ele presta atenção a tudo e a todos. É um médico dedicado, um amigo inseparável, um assistente que está sempre pronto a socorrer.

Procura, um a um, os seus trabalhadores e faz o que é possível para vê-los bem alimentados e alegres. E não fica apenas nisto os seus cuidados de amigo. O bom sacerdote não esquece os operários camponeses quando já o trabalho do campo lhes é inacessível pela idade ou por invalidez. Fundou o padre Balduzzi quatro instituições de cari-

dade e amparo aos homens do campo, e ali os recolhe e os asila com o conforto relativo dessas fundações populares, dando-lhes alimentação farta e sadia, o conforto de um lar, o último na vida. Mas não é somente aos trabalhadores que ampara, e sim aos órfãos, às crianças sem proteção e sem família, oferece esse mesmo amparo.

O nome do padre Giovanni Balduzzi já está incorporado entre aqueles que merecem a veneração do mundo, as bênçãos da humanidade. É um apóstolo do povo, um escravo do bem coletivo, um coração feito pelas mãos de Cristo para aliviar os sofri-

mentos humanos e dar trabalho honesto e fecundo aos que precisam viver dignamente.

Sua função é eminentemente social. Não administra lá das alturas de uma cadeira cômoda e fôfa em escritório moderno. Ele se mete na batina cotiada pelo trabalho, protege a cabeça com o seu chapelão de palha e vai também para o campo, numa parada de luta pela vida na conquista da terra.

Se é preciso, mete-se na lama do arroz, mergulha as mãos calejadas nas covas e deixa ali a marca digital de seus triunfos em favor de sua pátria e de seu povo.



Durante oito horas por dia, estas jovens trabalham na cultura do arroz, transplantando mudas para os campos definitivos, cientificamente preparados



Depois de uma jornada de árduo trabalho com lama pelos joelhos, ei-las de volta às barracas, alegres e sorridentes pela felicidade de sua pátria



Tôdas as manhãs o padre Balduzzi reúne em sua modesta igreja os seus fiéis e colaboradores, falando-lhes como pastor e companheiro de trabalho

Verdadeiro pastor de almas para a salvação eterna conforme as escrituras santas, ele também é um dirigente de massas para as vitórias da paz e do trabalho.

Seu bom humor, sua alegria de viver, seus cuidados e zelos em benefício da alimentação do povo e do trabalho de seus cooperadores, são um paradigma de fé e esperanças nas realizações pacíficas deste mundo.

Tôdas as manhãs, à hora da missa matinal, ele faz suas prêdicas, dirigindo-se aos ouvintes. Seus sermões representam anos e anos de sabedoria e experiência entre os homens. Não tem, porém, uma expressão acre, uma palavra de injúria. Procura converter pelo exemplo, pelo trabalho, pelas virtudes construtivas que há no mundo, aos milhares.

É um filósofo. Um justo. Um bom.



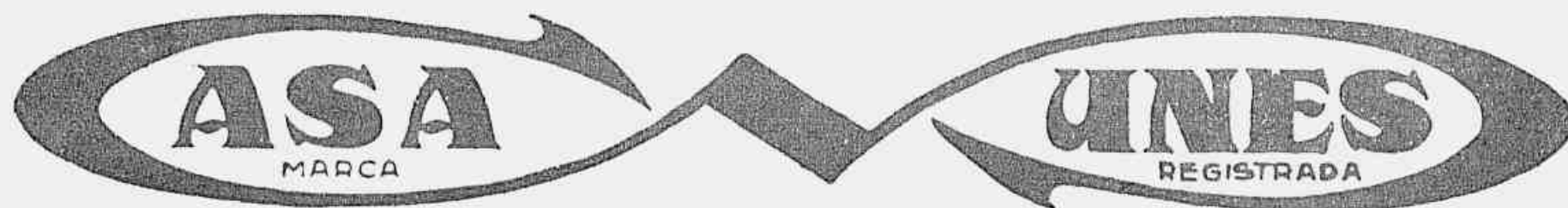
O apóstolo dos arrozais da Itália não é apenas um homem de fé, mas também um homem de cultura, e sim, grande conhecedor da culinária. Ele prova uma panela de...

DECORAÇÕES INTERIORES



.. SALA DE ESTAR ..

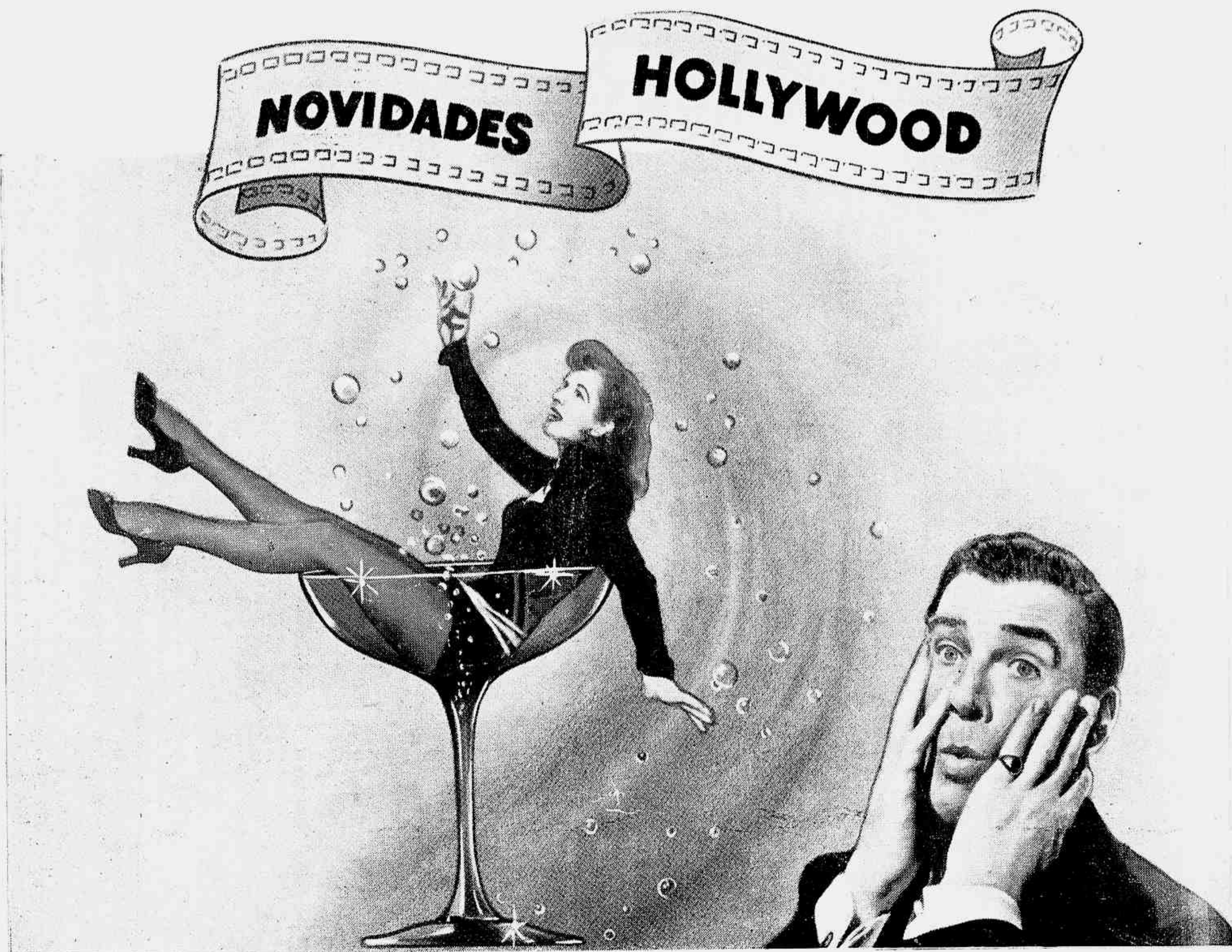
MOVEIS CORTINAS TAPETES
TECIDOS PASSADEIRAS



65 • RUA DA CARIOCA • 67
RIO DE JANEIRO



ORÇAMENTOS E PROJETOS SEM COMPROMISSO



Hollywood - Calif. Uma inesperada Greer Garson surge no novo filme da Metro-Goldwyn-Mayer — "Travessuras de Júlia". Viva, glamourosa, alegre, em "maillot" de teatro, ela é o "outro lado" da artista que conhecemos em "Adeus, Mr. Chips". Com Greer Garson contracenam Walter Pidgeon, Peter Lawford, Elizabeth Taylor e Cesar Romero.

Hollywood, com seus artistas mundialmente famosos, sugere elegância, bom gosto e requinte. E é particularmente com bom gosto e requinte que esses artistas escolhem os seus cigarros, sempre cigarros capazes de agradar aos mais exigentes, onde entra a mesma alta qualidade de tabaco encontrada, no Brasil, nos cigarros Hollywood. Exija também alta qualidade, prefira os cigarros Hollywood.

CIGARROS

Hollywood

Cada cigarro Souza Cruz é sempre
o melhor em sua classe.



CIA. DE CIGARROS

Souza Cruz